

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIA LUÍSA MENDES

A METAFORIZAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS NA LIBRAS

Goiânia

2013

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

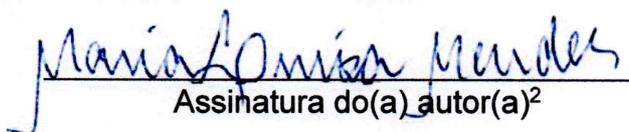
Nome completo do autor: Maria Luísa Mendes

Título do trabalho: **A metaforização na constituição dos sinais na libras**

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 31 / 08 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

MARIA LUÍSA MENDES

A METAFORIZAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS NA LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: **Descrição e análise de línguas indígenas e demais línguas naturais**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Christiane Cunha de Oliveira

Goiânia

2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Mendes, Maria Luísa

A metaforização na constituição dos sinais na libras [manuscrito] /
Maria Luísa Mendes. - 2013.

164 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Christiane Cunha de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2013.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, lista de figuras.

1. Libras. 2. linguística cognitiva. 3. metáfora conceitual. I. Cunha
de Oliveira, Christiane, orient. II. Título.

CDU 81

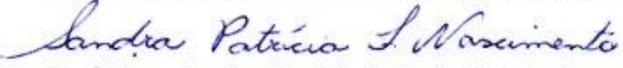


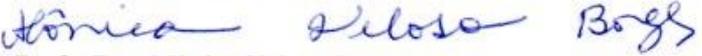
ATA Nº 42/2013

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DA ALUNA MARIA LUÍSA MENDES**

Aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e treze, a partir das quinze horas, no Miniauditório Professor Egidio Turchi da Faculdade de Letras, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação intitulada “A metaforização na constituição dos sinais na libras”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Christiane Cunha de Oliveira (Faculdade de Letras/UFG), com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (Universidade de Brasília) e Professora Doutora Mônica Veloso Borges (Faculdade de Letras/UFG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata APROVADA pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Christiane Cunha de Oliveira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pela Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e treze.


Prof.ª. Dra. Christiane Cunha de Oliveira- Presidente


Prof.ª. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento


Prof.ª. Dra. Mônica Veloso Borges

Visto:


Prof.ª. Dra. Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira

DEDICATÓRIA

À mulher, amiga, tecedeira de cobertas e tapetes, costureira das nossas roupas.

Cozinheira, “fazedeira” de farinha e polvilho, biscoito, pão de queijo, doce de leite, de frango com angu e quiabo, pães e roscas, de queijo e requeijão, carnes de lata e tantas outras delícias.

Lavadeira de lençóis e roupas sempre branquinhos. De cuidados com os alumínios sempre brilhantes e as panelas de ferro areadas com a areia fina do córrego.

Que me ensinou as primeiras palavras e as primeiras contas,

Que até hoje me dá sua benção e que se alegra com minhas conquistas e sofre as minhas dores e com minha ausência.

Minha mãe amada, ADELINA MENDES DA COSTA.

Ao homem amigo, sistemático, alegre, carinhoso.

Peão de boiadas que tocava o gado ao som do berrante,

“Tirador” de leite e carpinteiro de casas e sonhos,

Severo com a criação dos filhos, honesto e franco com os amigos,

Contador de causos e piadas e que, agora, está cuidando de outros rebanhos nos campos celestiais,

Meu amado e querido pai, JOSÉ DA COSTA MENDES.

Aos homens e mulheres que nessa caminhada são protagonistas na família que amo,

Meus irmãos JOSÉ MANOEL, FÁBIO e JAIME,

Minhas irmãs SUSANA, ANA, SOLANGE e ALEXINA.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma das demonstrações de sentimentos humanos mais nobres que há. Espero, aqui, demonstrar minha gratidão a todos e todas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão desse trabalho. Sei que não será possível mencionar todos e todas aqui, mas carrego a certeza no meu coração de que nessa construção, desde o minúsculo grão de areia ao mais robusto tijolo, muitos contribuíram para sua edificação. Sei que tudo isso não seria possível sem graça e benção do Criador e doador de toda capacidade humana, a quem louvo e agradeço.

- Agradeço aos meus pais Adelina e José Calixto e meus irmãos Susana, José Manoel, Ana, Solange, Alexina, Fábio e Jaime, que sempre me incentivaram e favoreceram para que eu tivesse acesso ao ensino;

- Meu agradecimento especial à minha orientadora, Professora Doutora Christiane Cunha de Oliveira, por me aceitar no programa de mestrado e por enfrentar esse desafio de pesquisa na área de línguas de sinais. Também agradeço pela adoção como “mãe acadêmica” e pelo “alimento” intelectual partilhado;

- Às professoras Doutoras Joana Plaza Pinto, Eliane Marquez, Lucilena Mendonça, Rosane Pessoa e aos professores Doutores Luis Ernesto Behares e Roland Schimidt Riese pelos ensinamentos e por despertar ainda mais o desejo pelos estudos linguísticos;

- Agradeço especialmente às professoras Doutoras Vânia Cristina Casseb Galvão e Mônica Veloso Borges, pela forma carinhosa com que me acolheram. Suas aulas e a maneira de ensinar foram um divisor de águas para o andamento desse trabalho. Obrigada pelas contribuições na banca de qualificação e defesa e pelo carinho nos momentos de dor física;

- À professora Doutora Sandra Patrícia Faria Nascimento, por participar da banca de defesa e por ser a primeira incentivadora na escolha do objeto de pesquisa quando fiz a leitura da sua dissertação de mestrado;

- Aos meus colegas de mestrado, especialmente a Karime Chaibue (Japa) e Sâmela Ramos (Tapuia/Selvagem), que são mais que amigas, são companheiras e irmãs. Meu muito obrigada, meninas!;

- Ao Alex Mendes e Rafael Lino Rosa, meus sobrinhos, amigos, companheiros, agradeço pelo incentivo e por me acolherem em suas vidas;

- Ao Leosmar A. Silva, Bruno Carneiro, Karina Cunha, Hildomar Lima e Thiago Aguiar, pelas contribuições por meio de suas pesquisas e pelas palavras de incentivo;

- Às intérpretes de Libras, Gessilma Dias e Lívia Martins, sem as quais não seria possível analisar os dados;

- À toda comunidade surda de Goiânia;

- Ao meu amigo e incentivador há longos anos, Moisés Jerônimo Neto. Obrigada pelo apoio logístico e emocional que ajudam a tornar-me “gente grande”;

- Aos colegas e amigos da Gerência de Ensino Especial da Secretaria de Estado da Educação pelo companheirismo e apoio nos últimos meses que antecederam a defesa desse trabalho;

- Ao meu médico Urologista, Dr. Humberto Alencar, pelo cuidado e carinho com minha saúde física;

- Por fim, agradeço também ao Criador pelas minhas amadas cadelas, Naziha e Maria, companheiras fiéis nos momentos de estudo.

A metáfora é para a gente como a água é
para os peixes: está em toda parte.
Raymond Gibbs (2002).

RESUMO

Este trabalho caracteriza-se por um estudo descritivo sobre a natureza metafórica da constituição de sinais na Libras a partir de seus recursos internos (parâmetros). Esta pesquisa está fundamentada na perspectiva da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1991) e Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), nos estudos descritivos da metáfora na Língua Americana de Sinais – (ASL), desenvolvidos por Taub (2004) e Wilcox (2000) e no estudo de Faria-Nascimento (2003) sobre metáforas na Libras na Língua Portuguesa. O processo de metaforizar é uma capacidade cognitiva humana, e por isso, está presente em todas as línguas orais e de sinais. O objetivo desta pesquisa é explicitar como se dá a constituição de metáforas na Libras e quais tipos são mais produtivos. É uma pesquisa de natureza qualitativa e tem como método o estudo de caso de quatro narrativas livres de temas diversos que foram selecionadas da internet. A análise das narrativas revelou que, assim como nas demais línguas, a Libras apresenta metáforas conceituais, ontológicas e orientacionais. Observou-se também que a constituição da maioria das metáforas na Libras está intimamente relacionada à iconicidade presente nas línguas de sinais e que o movimento e o ponto de articulação são os parâmetros que se destacam para a constituição destas metáforas. De maneira distinta das línguas orais, nas quais a manifestação metafórica se dá apenas no nível sintático, nas línguas de sinais as metáforas também se manifestam no nível morfológico. Esta pesquisa traz contribuições para a área de descrição das línguas de sinais, especialmente da Libras, e para a área de ensino da libras como língua materna – (L1) e segunda língua – (L2) no que tange à constituição da metáfora nesta língua.

Palavras-chave: Libras, linguística cognitiva, metáfora conceitual.

ABSTRACT

This research work defines itself by a descriptive study about the metaphoric nature of the constitution of signs from Brazilian Sign Language (Libras), starting from its inner resources (patterns). This research bases itself on Cognitive Linguistics perspective (LANGACKER, 1991) and Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF, JOHNSON, 1980), on descriptive studies about metaphor on American Sign Language, developed by Taub (2004) e Wilcox (2000) and Faria-Nascimento study (2003) on metaphors in Libras and Portuguese. The metaphor process is a human cognitive ability and thereat it is present in all kinds of oral or sign languages. The aim of this research is to show how the constitution of metaphor in Libras works and what kind of metaphors are more productive. It is a Qualitative Research and have as method a case study of four free narratives about different themes that came from the Internet. The analysis of narratives revealed that, as in other languages, the Libras presents orientation, conceptual and ontological metaphors. The research notices that the constitution of most metaphors in Libras are acquainted related to iconicity present in signs languages, and pivot point and movement are the detaching patterns to the constitution of these metaphors. In a distinguished way from oral languages, in which the metaphoric showing is only in syntactic level, in sign languages, it shows metaphors on morphologic level. This research contributes to description studies in sign languages, specially Libras, and for teaching purposes in sign language as mother language (L1) and second language (L2), regarding to constitution of metaphor in this language.

Key words: Libras, cognitive linguistics, conceptual metaphor.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1: Sinal dicionarizado ANTES	28
FIGURA 1.2: Sinal dicionarizado ONTEM	29
FIGURA 1.3: Sinal CERTO em Libras com seus parâmetros (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 24).....	29
FIGURA 1.4: Quadro de Configurações de mãos da Língua Brasileira de Sinais (FERREIRA-BRITO, 1995, apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.165).....	30
FIGURA 1.5: Quadro de Configurações de Mãos (KLIMA; BELLUGI, 1979, P.44 apud FARIA-NASCIMENTO, 2008, p. 165)	30
FIGURA 1.6: Quadro de configurações de Mão (PIMENTA, LSB VÍDEO, S.D. apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.166)	31
FIGURA 1.7: Figura 1.7: Quadro de configurações de Mãos (FELIPE; LIRA, 2005 apud FARIA-NASCIMENTO, 2009).	31
FIGURA 1.8: Quadro de configurações de mãos em Libras adotado pelo MEC.	33
FIGURA 1.9: Quadro de configuração de mãos adaptado de (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 177-183).....	33
FIGURA 1.10: Sinal SURDO	34
FIGURA 2.1: Modelos cognitivos idealizados: tipologia básica (retirado de FELTS, 2007: 170).....	41
FIGURA 3.1: Representação do tempo (retirada de TAUB 2004, p. 116)	55
FIGURA 3.2: Representação da mesclagem (Adaptado de FAUCONNIER & TURNER, 2002).....	70
FIGURA 3.3 Item/fraseologismo em LSB e LP - “CARA-DE- PAU”, “FOLGADO” (FARIA-NASCIMENTO, 2003)	74
FIGURA 3.4 Item/fraseologismo em LSB e LP - “ARREPIAR-OS-CABELOS”, “FICAR-COM-OS-CABELOS-EM PÉ” (FARIA-NASCIMENTO, 2003)	75
FIGURA 3.5: Item/fraseologismo em LSB e LP - “ARREPIAR-OS-CABELOS”, “FICAR-COM-OS-CABELOS-EM PÉ” (FARIA-NASCIMENTO, 2003)	75
FIGURA 3.6: Item/fraseologismo em LSB e LP - “CAIR-O-QUEIXO!”, “FICAR-BOQUIABERTO!”, “FICAR-DE QUEIXO-CAÍDO!”, FICAR-ADMIRADO!”, “FICAR-HORRORIZADO!”, “PASMO!” (FARIA-NASCIMENTO, 2003)	76
FIGURA 3.7: Item/fraseologismo em LSB e LP - “DEIXOU-X- MUDO”, “DEIXAR -X-SEM-FALA”, “CALAR-X”, “NÃO-SE-FALA-MAIS-NISSO”, “EU-FIQUEI-MUDO” (FARIA-NASCIMENTO, 2003)	78
FIGURA 3.8: Item/fraseologismo em LSB e LP - “COM-A-CARA-NA-PORTA” (FARIA-NASCIMENTO, 2003)	79
FIGURA 3.9: Item/fraseologismo em LSB e LP - “TER-LÍNGUA-GRANDE”, “SER-LINGUARUDO” (FARIA-NASCIMENTO, 2003)	79
Figura 3.10: Item/fraseologismo em LSB e LP - “FAZER-X-POR-BAIXO-DO-PANO” “SUBORNAR” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).	80
FIGURA 4.1; Processo de construção análoga para o sinal ÁRVORE na Língua americana de Sinais – (Transcrito de TAUB, 2004, p. 44).....	88
FIGURA 4.2: Formas pronominais usadas com referentes presentes (reproduzido de Lillo-Martin; Klima, 1990 apud Pizzio et al,2009, p. 4)	90
FIGURA 4.3: Formas pronominais usadas com referentes ausentes (reproduzido de Lillo-Martin; Klima, 1990 apud Pizzio et AL, 2009, p.4).....	90
FIGURA 4.4: Descrição de configurações de mão (CM) de classificadores usadas com maior frequência em Libras (reproduzido de Ferreira-Brito, 1995 apud Pizzio et al,2009, p.4)....	91

FIGURA 4.5: Sinal “VACA” em Libras	93
FIGURA 4.6: Sinal “CAVALO” em Libras.....	93
FIGURA 4.7: Sinal “ARARA” em Libras	93
FIGURA 4.8: Sinal “ELEFANTE” na Libras	93
FIGURA 4.9: ‘CARRO’ e ‘DIRIGIR’ na ASL (reproduzido de WILCOX, 2000, p. 91)	94
FIGURA 4.10: Sinal “CARRO/DIRIGIR” em Libras	94
FIGURA 4.11: Sinal LIKE em ASL (retirado de WILCOX, 2000, p.75).....	95
FIGURA 4.12: IGUAL/COMO em Libras (reproduzido de LIRA, SOUZA, 2008)	95
FIGURA 4.13: Sinal em ASL: INFORMAR presente no enunciado ‘eu-informo-você’ (retirado de TAUB, 2004, p. 99)	96
FIGURA 4.14: ‘AVISAR’ em Libras (reproduzido de LIRA; SOUZA, 2008).....	98
FIGURA 4.15: Sinal ‘pensamento penetrante’ em ASL (retirado de TAUB 2004, p. 100) .	99
FIGURA 4.16: Sinal METÁFORA em Libras.....	101
FIGURA 5.1: Imagem capturada por meio do Programa ELAN	105
FIGURA 5.2: Imagem capturada por meio do Paint (Microsoft Office)	106
FIGURA 5.3: Modelo de Mapeamento Duplo (reproduzido de TAUB, 2004, p. 103)	106
FIGURA 6.1: Sinal PENSAR.....	115
FIGURA 6.2: Pilha de livros	133
FIGURA 6.3: enchendo copo com água.....	133
FIGURA 6.4: Sinal FUTURO em Libras	137

LISTA DE QUADROS

QUADRO 4.1: Mapeamento icônico para ‘eu-informo-você’ em ASL (adaptado de TAUB 2004, p. 100)	97
QUADRO 4.2: Mapeamento Duplo do sinal PENSAMENTO-PENETRANTE (adaptado de TAUB 2004, p. 103)	100
QUADRO 6.1: Mapeamento COMUNICAR É ENVIAR	111
QUADRO 6.2: Mapeamento MENTE É RECIPIENTE	113
QUADRO 6.3: Mapeamento PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO	123
QUADRO 6.4: Mapeamento FELIZ É PARA CIMA	126
QUADRO 6.5: Mapeamento MAIS É PARA CIMA	133
QUADRO 6.6: Mapeamento FUTURO É PARA FRENTE	136
QUADRO 6.7: Mapeamento PASSADO É PARA TRÁS	139
QUADRO 6.8: Mapeamento BOM É PARA CIMA	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANM – Aspectos não manuais

ASG - Associação de Surdos de Goiânia – ASG

ASL - Língua Americana de Sinais, doravante ASL

CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez

CM – Configuração de mãos

DA – Domínio alvo

DF – Domínio fonte

ELAN - *Eudico Language Anotador*

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LS – Línguas de sinais

LO – Línguas orais

M – Movimento

OM – Orientação da mão

PA – Ponto de articulação

SEE - Secretaria de Estado da Educação de Goiás

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. LÍNGUAS DE SINAIS: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E ORGANIZAÇÃO GRAMATICAL	21
1.1 Aspectos históricos das línguas de sinais	21
1.2 As correntes filosóficas na educação de surdos	22
1.3 Os estudos das Línguas de Sinais	24
<i>1.3.1 Línguas de sinais: mitos e verdades</i>	<i>26</i>
1.4 A organização gramatical das Línguas de Sinais	27
<i>1.4.1 Fonologia das línguas de sinais</i>	<i>28</i>
<i>1.4.2 Morfologia das línguas de sinais</i>	<i>34</i>
<i>1.4.3 Sintaxe das línguas de sinais</i>	<i>35</i>
<i>1.4.4 Iconicidade e gestualidade nas línguas de sinais</i>	<i>35</i>
2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA PARA A COMPREENSÃO DA METÁFORA	37
2.1 Os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva	37
2.2 Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)	39
2.3 Iconicidade nas línguas	41
2.4 Iconicidade nas Línguas de Sinais	43
3 A METÁFORA SOB A PERSPECTIVA COGNITIVISTA	45
3.1 Aristóteles e a concepção clássica de Metáfora	45
3.2 A Metáfora segundo a concepção de George Lakoff e Mark Johnson (1980; 2002)	46
<i>3.2.1 Metáforas Conceituais/Estruturais</i>	<i>49</i>
<i>3.2.2. Metáforas Espaciais ou Orientacionais</i>	<i>53</i>
<i>3.2.3. Metáforas Ontológicas</i>	<i>57</i>
3.3 Contribuições de Zoltan Kövecses (2005; 2010) para o estudo da Metáfora	58
<i>3.3.1 Nível de Convencionalização</i>	<i>60</i>
<i>3.3.2. Nível de Generalização</i>	<i>61</i>
<i>3.3.3. Função Cognitiva</i>	<i>62</i>
<i>3.3.4. A natureza das metáforas</i>	<i>63</i>
<i>3.3.5. Universalidade e variabilidade na Metáfora</i>	<i>66</i>
3.4 Contribuições de Giles Fauconnier e Mark Turner (2002; 2008)	69
3.5 As contribuições de Faria-Nascimento (2003) para o estudo da metáfora na Libras	72
<i>3.5.1 Itens e fraseologismos na LSB em contraste com a LP e que apresentam metáforas semelhantes</i>	<i>74</i>
<i>3.5.2 Itens e fraseologismos na LSB em contraste com a LP (semelhantes no sentido, mas diferentes na forma) e que apresentam metáforas diferentes</i>	<i>80</i>
3.6 A distinção entre Metáfora e Metonímia	82
4 A ICONICIDADE METAFÓRICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS	86
4.1 Iconicidade e arbitrariedade das Línguas de Sinais	86
4.2 Metonímia na Língua de Sinais Americana (ASL) e na Libras	92
4.3 Metáfora na ASL expressa por sinal de natureza icônica	96

5 METODOLOGIA	102
5.1 Fundamentos teóricos e objetivos da pesquisa	102
5.2 A formação do <i>corpus</i> e os procedimentos de análise	104
5.3 A tradução dos dados	108
6 ANÁLISE DE DADOS	109
6.1 Metáforas Ontológicas	109
6.1.1 <i>COMUNICAR É ENVIAR</i>	109
6.1.2 <i>MENTE É RECIPIENTE</i>	111
6.2 Metáfora Conceitual	122
6.2.1 <i>PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO</i>	122
6.3 Metáforas Orientacionais	123
6.3.1 <i>FELIZ É PARA CIMA</i>	124
6.3.2 <i>MAIS É PARA CIMA</i>	130
6.3.3 <i>FUTURO É PARA FRENTE</i>	134
6.3.4 <i>PASSADO É PARA TRÁS</i>	138
6.4.5 <i>BOM É PARA CIMA</i>	142
6.4 Sinal duplamente metafórico	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	150
ANEXOS	157
ANEXO A	158
ANEXO B	161
ANEXO C	163

INTRODUÇÃO

Os estudos das línguas de sinais têm contribuído para a compreensão da organização gramatical destas línguas e têm sido referência para a compreensão da linguagem humana em geral. As novas vertentes teóricas, dentre elas a Linguística Cognitiva e o Funcionalismo, concebem o fenômeno linguístico que envolve todas as capacidades cognitivas, os contextos enunciativos e a cultura. Para essas vertentes teóricas a linguagem não se constitui como um componente autônomo da mente. As experiências dos sujeitos e a cultura influenciam e modificam a língua. Dessa forma, as pesquisas em línguas de modalidade gestual vêm demonstrar que a linguagem humana está em constante transformação. O uso da linguagem nas interações humanas cotidianas, de acordo com essas perspectivas, influencia na gramática, que, de acordo com esses pressupostos, tem a instabilidade como característica principal.

Embasados nesses fundamentos, esta pesquisa, ‘Metaforização na constituição dos sinais na Libras¹’, de caráter descritivo, tem como objetivo analisar como as metáforas são constituídas pelos usuários da Libras. Tal investigação, baseada no aporte teórico da linguística cognitiva e da metáfora conceitual, espera demonstrar que o pensamento humano se organiza e se apoia na metáfora como recurso cognitivo para o melhor entendimento do universo objetivo, independentemente da modalidade de produção – oral-auditiva ou visogestual.

Apoiar-nos-emos nas contribuições de George Lakoff e Mark Johnson (1980) e Zoltan Kövecses (2005; 2010) em torno da teoria da Metáfora Conceitual. Esses autores, dentre outros, demonstram e analisam as metáforas em línguas orais. A teoria da Metáfora Conceitual, que fundamenta a presente pesquisa, emerge de uma visão cognitivista da linguagem. Este trabalho se alicerça também nas pesquisas de Sarah Taub (2004) e Phyllis Perrin Wilcox (2000) (que apresentam uma análise da metáfora na Língua de Sinais Americana (ASL) sob o viés da metáfora conceitual) e no estudo de Faria-Nascimento (2003) sobre metáforas na Libras na Língua Portuguesa.

¹ De acordo com Quadros (2004, p.7-8), Libras - É uma das siglas para referir-se à língua brasileira de sinais: Língua Brasileira de Sinais. Esta sigla é difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - FENEIS.

LSB - Língua de Sinais Brasileira - É outra sigla para referir-se à língua de sinais utilizada pelas comunidades surdas brasileiras. Esta sigla “segue os padrões internacionais de denominação das línguas de sinais”. Optamos tanto por essa sigla, quanto pelo uso da nomenclatura “Libras” por ser o termo utilizado na Lei 10.436 (BRASIL, 2002), que regulamenta esta língua e empregada na maioria das literaturas. O uso de LSB aparecerá no momento em que se discutir teorias ou usar citações que a usam prioritariamente, evitando assim modificações desnecessárias a textos de terceiros ou a confusão de conceitos para o leitor.

As últimas décadas foram marcadas por avanços nas pesquisas sobre o funcionamento do cérebro humano. Dentre as descobertas mais significativas está a constatação, por meio da captura de imagens deste órgão em funcionamento, de que as operações neurais se dão de forma articulada, uma vez que as diversas áreas do cérebro humano se conectam por meio das redes neurais que a medida que são acionadas ficam mais complexas. Quanto mais os neurônios são ativados, mais redes neurais surgem por meio da atividade cerebral constante (PULVERMÜLLER, 2002). Constatou-se que as funções cerebrais não acontecem de forma isolada (mente modular), como se acreditava. Assim, a linguagem humana, enquanto uma das funções cerebrais, não é autônoma. A linguagem está associada às demais funções psíquicas. Para os estudiosos da perspectiva cognitivista a linguagem humana sofre as influências do meio sociocultural, por isso ela também transforma esse meio (LAKOFF, JONHSON, 1980; LANGANCKER, 1991; NEVES, 1997; FAUCONNIER, 1999; FAUCONNIER, TURNER, 2002; CROFT, CRUSE, 2004).

Os estudos de línguas de modalidade oral já estavam bem consolidados quando as pesquisas em línguas de sinais iniciaram a partir de 1960. Os estudos voltados para as línguas de sinais começaram a ter destaque e por meio da pesquisa de William Stokoe sobre a Língua Americana de Sinais – ASL. Areladas ao estigma da deficiência, as línguas de sinais eram vistas como mímicas e pantomima. Entendia-se que tais línguas não eram suficientes para a comunicação e interação entre os sujeitos. A partir desta investigação é que o *status* linguístico das línguas de sinais foi confirmado.

Paralelamente ao início das pesquisas em línguas de sinais, os estudos linguísticos sobre a metáfora também rompiam o enfoque objetivista e passavam por transformações conceituais. As pesquisas de Lakoff e Johnson (1980) mostraram que a metáfora não é apenas um recurso linguístico ou um adereço usado em composições literárias. Antes, a metáfora é uma capacidade cognitiva do ser humano presente em todos os tipos de linguagem – oral, gestual, pictórica etc. De acordo com esses autores, temos três tipos de metáforas, a saber, Metáforas Conceituais ou Estruturais, que têm como função conceber um conceito em termos de outro conceito. Metáforas Orientacionais, sua função é organizar um conjunto de conceitos em relação a outro conjunto de conceitos e Metáforas ontológicas, têm como função a compreensão das experiências humanas em termos de objetos e/ou substâncias. Em nossa pesquisa, identificamos todos esses tipos de metáforas nos dados analisados.

Como fenômeno cognitivo, a metáfora se manifesta em todas as línguas, sejam orais, sejam de sinais. O que difere nestas línguas é a forma como a metáfora se materializa. Nas línguas orais, as metáforas se manifestam por meio de expressões linguísticas representadas

por símbolos de cada língua (palavras ou enunciados) enquanto nas línguas de sinais, elas se manifestam por meio da articulação dos sinais e dos enunciados nestas línguas.

Faria-Nascimento (2003) oferece uma das primeiras investigações acerca da manifestação de metáforas na Libras. Em seu estudo, essa autora contrasta dados dessa língua com dados do Português Brasileiro e demonstra que a Libras apresenta metáforas, assim incorporou no seu sistema, um conjunto de metáforas originárias do português. A pesquisa desta autora constitui-se como trabalho seminal nos estudos sobre a metáfora na Libras bem como apresenta contribuições riquíssimas sobre o ensino de Língua Portuguesa para surdos. Diante disso, o que se propõe nesta pesquisa é um estudo descritivo sobre a constituição de metáforas nos sinais da Libras a partir dos seus recursos internos. Para tanto, procuraremos responder as seguintes perguntas:

1. Como se dá o processo de metaforização entre os surdos usuários de Libras?
2. Que tipos de metáforas são mais produtivos na Libras?
3. Quais as semelhanças e divergências existentes entre a composição e expressão da metáfora em línguas faladas e em línguas sinalizadas?
4. O que isso pode revelar a respeito da tipologia das línguas, por um lado, e da cognição humana, por outro?

Nossa análise se dá a partir de um *corpus* de narrativas livres em Libras disponíveis na internet. Nestas narrativas, os surdos usuários da Libras contam algum fato ou emitem sua opinião sobre determinado tema. Para a seleção dos vídeos, levamos em conta temas do cotidiano dos surdos como inclusão escolar de surdos, depoimentos sobre a escrita da língua de sinais, implante coclear, além de uma narrativa de evento envolvendo um casal de surdos.

Este trabalho é composto por seis capítulos. O primeiro capítulo trata dos aspectos históricos das línguas de sinais, da educação de surdos e também da organização gramatical das línguas de sinais. O histórico das línguas de sinais e da surdez é apresentado sob a perspectiva da construção social da deficiência. Apresentamos as correntes filosóficas que historicamente embasam a educação de surdos e mencionamos os mitos que inicialmente permeavam os estudos das línguas de sinais. Encerramos o capítulo apresentando aspectos da organização gramatical das línguas de sinais, dentre estas, a Libras.

O segundo capítulo apresenta os principais pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva adotados neste trabalho, tais como o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), proposto por Lakoff e Johnson (1999), para a categorização (do pensamento, da percepção, da ação e da fala) e as concepções sobre iconicidade nas línguas apresentadas por Haiman (1983) e

Neves (1997). O capítulo se encerra com as considerações de Taub (2004) sobre a iconicidade na ASL.

No capítulo três, abordaremos as mudanças conceituais pelas quais passaram os estudos sobre a metáfora, desde a visão clássica até os dias atuais. Mostraremos a visão clássica da metáfora proposta por Aristóteles e como essa visão passou por mudanças até a metade do século XX. Apresentaremos, em seguida, a concepção cognitivista da metáfora em George Lakoff e Mark Johnson (1980; 2000) e os tipos de metáforas propostos por estes autores. Expomos as contribuições mais recentes de Zoltán Kövecses (2005; 2010) sobre “metáfora e cultura”, bem como os conceitos de corporificação e espaços mentais propostos por Giles Fauconnier e Mark Turner (2002; 2008), respectivamente. Na penúltima seção deste capítulo, (3.5), apresentamos as contribuições de Faria-Nascimento (2003) sobre a presença de metáforas na Libras e na Língua Portuguesa, e a importância dos surdos compreenderem o sentido metafórico nestas línguas. Encerramos o capítulo destacando alguns aspectos para a distinção entre metáfora e metonímia segundo o aporte teórico da Metáfora Conceitual.

No capítulo quatro, apresentaremos as contribuições das pesquisas desenvolvidas por Wilcox (2000) e Taub (2004) sobre a iconicidade e a arbitrariedade nas LS. Trataremos da metonímia na ASL e na Libras com exemplos de sinais metonímicos do léxico de ambas as línguas. Por fim, abordaremos a natureza icônico-metáforica de alguns sinais e faremos a exposição de exemplos destes sinais na Língua Americana de Sinais (ASL) e na Libras.

O capítulo cinco tem como objetivo explicitar os procedimentos metodológicos, os sujeitos e os instrumentos utilizados nesta pesquisa. A organização se dá em três seções. A primeira seção trata dos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa qualitativa e, de forma breve, o aporte teórico da Linguística Cognitiva. Essa seção trata também das perguntas que nortearam a análise dos dados. A segunda seção mostra como os dados foram selecionados para a formação do *corpus* da pesquisa e apresenta os procedimentos e instrumentos utilizados. A terceira seção, que encerra o capítulo, mostra como os vídeos foram traduzidos com o apoio de uma intérprete de Libras a fim de garantir a melhor compreensão das narrativas.

O capítulo 6 apresenta a análise dos dados selecionados para esta pesquisa. Nas seções desse capítulo, apresentaremos os dados conforme a categorização proposta por Lakoff e Johnson (1980; 2002), a saber, Metáforas Conceituais e Metáforas Orientacionais. Ao final do capítulo, apresentaremos uma expressão linguística que envolve mais de um tipo de metáfora, os chamados Sinais Duplamente Metafóricos (TAUB, 2004). A análise contempla a

identificação de metáforas em expressões linguísticas no nível sintático e no nível lexical das narrativas.

Nas considerações finais, pretendemos concluir quais tipos de metáforas são mais produtivas nas narrativas analisadas e como essas metáforas são constituídas a partir dos recursos internos da Libras, os parâmetros.

1 LÍNGUAS DE SINAIS: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E ORGANIZAÇÃO GRAMATICAL

Este capítulo tem como objetivo relatar aspectos históricos das línguas de sinais e apresentar como as línguas de sinais se organizam gramaticalmente. O capítulo está organizado em quatro seções. A primeira seção tratará do histórico das línguas de sinais e da surdez sob a perspectiva da construção social da deficiência. Na segunda seção abordaremos as correntes filosóficas que historicamente embasam a educação de surdos. A terceira seção trata dos estudos destas línguas e os mitos que inicialmente permeavam tais estudos. A seção que encerra o capítulo apresenta aspectos gerais sobre a organização gramatical das línguas de sinais, dentre estas, a Libras.

1.1 Aspectos históricos das línguas de sinais

Segundo Cunha (2011), os primeiros registros sobre o uso de LS datam do período socrático e dos textos bíblicos. A autora ainda aponta que o uso destas línguas remonta há séculos antes de Cristo, mas os estudos linguísticos, propriamente ditos, só aconteceram a partir de 1960.

As LS sempre foram atreladas a uma condição de deficiência que, segundo Clímaco (2010), é um construto social que transpõe os limites impostos pela natureza no sentido de que as concepções sobre a deficiência não estão arraigadas somente na condição de déficit físico, intelectual e/ou sensorial da pessoa, mas está intimamente relacionada à maneira como a sociedade vê o indivíduo com tais déficits. Esse conceito social da deficiência tomou força principalmente a partir da noção de norma e normalidade instituídas pelo processo de industrialização e transformação capitalista nos séculos XVIII e XIX. O estabelecimento da norma também está inserido no processo de institucionalização e generalização do poder-saber psiquiátrico e, segundo Foucault (2001, p.203), "tudo o que é desordem, indisciplina, agitação, indocilidade, caráter recalcitrante, falta de afeto, etc. tudo isso pode ser psiquiatrizado".

Ainda para Clímaco (2010, p. 18),

Historicamente, a diferença tem sido oprimida pela imposição de normas rígidas e inflexíveis, há muito estabelecidas e reproduzidas, bem como constantemente recriadas. Essas normas excluem inúmeras possibilidades e condenam a experiência a circular em um terreno muito reduzido de normal, com um espectro reduzido de variações e diferenças na sociedade contemporânea.

Dessa forma, a “condição” de surdez atrelada ao conceito de deficiente impunha à pessoa surda o estigma de incapacidade, de limitação. Nesse sentido, a forma e os modelos educacionais voltados para as pessoas surdas vêm passando por processos de mudanças na medida em que a condição da pessoa surda é ressignificada na sociedade. Inicialmente essas pessoas eram consideradas totalmente incapazes porque se acreditava que a pessoa surda era deficiente mental e, por isso eram excluídas completamente das instituições de ensino. Atualmente, os preconceitos e a discriminação para com as pessoas surdas diminuíram consideravelmente e, embora haja a implementação de políticas públicas educacionais para os surdos, essas políticas necessitam de reformulações para atender às especificidades educacionais deste grupo.

1.2 As correntes filosóficas na educação de surdos

As correntes filosóficas que fundamentaram a educação de surdos foram o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Para a corrente oralista, instituída a partir do “Congresso Internacional de Surdo-Mudez”, realizado em Milão no ano de 1880, esse método seria o mais adequado para o ensino de surdos porque “só através da fala o indivíduo surdo poderá ter seu desenvolvimento pleno e uma perfeita integração social” (ver SALLES et al. 2004a). Para os oralistas a pessoa surda só seria aceita socialmente se tivesse domínio da linguagem articulada oralmente. Por isso o uso de sinais foi banido socialmente.

O “silenciamento” das LS, determinado pelo II Congresso de Milão em 1880, trouxe como consequência não só a proibição do seu uso, bem como a ideia de que as línguas sinalizadas não eram eficientes. Outra consequência foi o agrupamento dos surdos em guetos, onde ainda mantinham o uso de língua de sinais. A resistência desses grupos foi o que possibilitou a expansão das línguas sinalizadas por outros países, quando a concepção oralista foi enfraquecendo.

Goldfeld descreve a filosofia da comunicação total nos seguintes termos (1997, p.38):

A filosofia da comunicação total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes. Essa filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por esse motivo, essa filosofia defende a utilização de recursos espaço-viso-manuais como facilitadores da comunicação.

Sobre o oralismo e a comunicação total, conclui-se que refletem o objetivo de “normalizar” a pessoa surda, na busca de “recuperar”, “corrigir” e “curar”, tornando-a pessoa ouvinte, referencial de normalidade.

Por sua vez, Quadros (2005) descreve a proposta do bilinguismo nos seguintes termos: “para além das questões da língua, o bilinguismo na educação de surdos representa questões políticas, sociais e culturais”. Políticas, porque, segundo essa autora, o status de bilíngue para o surdo é idealizado, uma vez que as políticas linguísticas para os surdos determinam que eles “devem” aprender o português. Sociais e culturais, porque é por meio da língua que os indivíduos interagem e transformam o meio sociocultural.

Salles *et al* (2004a) afirmam que a educação bilíngue é uma proposta que, além de favorecer o acesso às duas línguas – Libras e português na modalidade escrita –, resgata os direitos da pessoa surda de ter um ensino mediado em sua língua natural (L1), levando-se em conta aspectos sociais e culturais do grupo de pertença. Nesse sentido, segundo as autoras, a Declaração de Salamanca de 1994 foi o marco para a criação e execução de políticas públicas educacionais orientadas para a perspectiva inclusiva. A Declaração de Salamanca (1994) reafirma a Declaração dos Direitos Humanos (1948) e a Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990), reconhece a diversidade escolar e defende o acesso de TODOS à escola regular. Recomenda também uma pedagogia centrada no aluno por meio de adaptações no currículo e a implementação de sistemas de apoio para atender as pessoas com necessidades educacionais especiais. A Declaração de Salamanca inaugura um novo momento na educação de surdos e das pessoas com deficiência em geral, tendo como objetivos:

- Transformar os sistemas paralelos de ensino especial e comum em uma única vertente – educação inclusiva;
- Sensibilizar os governantes e a classe política para que se efetive educação de qualidade;
- Eliminar barreiras para a aprendizagem;
- Preparar o sistema educacional para receber os alunos com necessidades educacionais especiais;
- Beneficiar a TODOS em contextos comuns de aprendizagem.

Sob esta perspectiva, consideram-se pessoas com necessidades educacionais especiais: as crianças (pessoas) com altas habilidades/superdotação, deficiências, crianças de rua e que trabalham, crianças de populações distantes e nômades; crianças pertencentes a minorias

linguísticas, étnicas e culturais; crianças de outros grupos ou zonas, desfavorecidas ou marginalizadas.

A partir da Declaração de Salamanca a educação de surdos passou a ser pautada no reconhecimento da língua de sinais como língua natural (L1) das pessoas surdas. Ratificando esta declaração temos também a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de Barcelona (1996)², em seu Artigo 9, diz: “Todas as comunidades linguísticas têm direito a codificar, padronizar, preservar, desenvolver e promover seu sistema linguístico, sem interferências induzidas ou forçadas”. O Artigo 10 também prevê, “Todas as comunidades linguísticas têm direitos iguais”.

No que diz respeito à educação das pessoas surdas no Brasil, especificamente, a Lei de Libras – nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005 reconhecem a Libras como a primeira língua e a língua de ensino para a pessoa surda, bem como orientam que o sistema de ensino superior inclua a Libras como disciplina obrigatória nos cursos de graduação.

1.3 Os estudos das Línguas de Sinais

Desde o ano de 1750, alguns estudiosos, destacando-se o Abade Charles Michel De L'Épée, já havia percebido que o uso de “gestos” por alguns grupos de surdos, era eficaz para sua comunicação e seu desenvolvimento intelectual. Embora L'Épée seja um referencial para os estudos das LS, seu interesse em relação à língua de sinais, como nos mostra Stokoe (1960), não era propriamente a análise destas línguas. Antes, seu foco, bem como de outros estudiosos contemporâneos seus, era estritamente voltado para o ensino da língua e da cultura francesa para os surdos do seu país, por meio da língua de sinais.

Embora não tenha sido o primeiro a reconhecer uma língua de sinais entre os surdos-mudos, Montaigne, dois Séculos antes, rendeu-se a sua precisão e rapidez. L'Épée foi o primeiro a empenhar-se em aprendê-la, usá-la e fazê-la canal de instrução para o ensino da língua e cultura francesa aos surdos-mudos de seu país. (STOKOE, 1960, p. 10)

Abade L'Épée foi o fundador da primeira escola para surdos na França, o Instituto para surdos-mudos de Paris, e criou o primeiro dicionário da Língua Francesa de Sinais (FSL).

Os estudos sobre línguas sinalizadas tiveram início nos Estados Unidos, com William C. Stokoe, quando da publicação de sua obra “Sign Language Structure: an outline of the

² Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf> Acesso em 20 de jun. de 2013.

visual communication system of the American deaf”, no ano de 1960, pela University of Buffalo. Stokoe e seu grupo de pesquisadores ratificaram o que L’Épée já havia constatado em 1750 que as línguas de sinais, (doravante LS), eram completas no sentido de possibilitar a comunicação entre usuários, sua expressão da cultural e seu desenvolvimento intelectual. Confirmou-se que tais línguas, de fato, possuem princípios que as regem, tal como se vê nas línguas orais (doravante LO), conforme Stokoe (1960, p.30):

(...) é o sistema cultural, o qual emprega certeza de (as ações visíveis da face e mãos) combinando-os em sequências recorrentes, e em arranjos dessas sequências em distribuição sistemática em relação a um outro sistema cultural³.

As diferenças entre LS e LO, segundo os pesquisadores, da época seria o fato de que as línguas sinalizadas apresentam uma organização simultânea dos elementos. Na primeira descrição estrutural da Língua Americana de Sinais (doravante ASL), realizada por Stokoe (1960), este autor demonstrou que os sinais poderiam ser vistos como composicionais e não-holísticos (formados por junção de partes), apresentando uma estrutura dual, ou seja, podem ser analisados em termos de um conjunto de propriedades distintivas (sem significados) e de regras que manipulam essas propriedades. Nas palavras de Xavier (2006, p.10), citando Stokoe (1960), “os sinais não deveriam ser pensados como ‘figuras desenhadas no ar com as mãos’, mas sim como símbolos complexos e abstratos que podem ser analisados em elementos menores”.

Ao analisar os sinais em suas estruturas, Stokoe observou que havia alguns aspectos, chamados “Parâmetros”, que compunham os sinais. Esses aspectos, assim como os fonemas em LO, não têm carga semântica se observados isoladamente. A esses aspectos Stokoe, denominou inicialmente “Quiremas”. São eles: Configuração de Mão (CM), Locação da Mão (L) e Movimento de Mão (M). Posteriormente, agregou-se a esses os parâmetros de Orientação de Mão (OM) e Aspectos não-manuais (ANM). Ao estudo das combinações dos ‘quiremas’, esse autor propôs chamar de “quirologia”. Tais denominações foram abandonadas posteriormente por pesquisadores como Klima e Bellugi, 1979; Wilbor, 1987; Hulst, 1993; e pelo próprio Stokoe (1978), que passaram a utilizar os termos fonética e fonologia das LS, alegando que estas línguas compartilham certos princípios linguísticos subjacentes com LO, a despeito das diferenças entre fala e sinal (QUADROS E KARNOPP, 2009).

Os estudos da ASL desenvolvidos por Stokoe e colaboradores eram orientados pelo estruturalismo europeu, e segundo Sandler e Lillo-Martin (2006), a partir da abordagem

³ Tradução nossa – “it is the cultural system which employs certain of (the visible actions of the face and hands) combines them into recurrent sequences, and arranges this sequences into systematic distribution in relation to each other and in reference to other cultural systems.

gerativista os linguistas começaram então a investigar a existência de universais nas LS e a estrutura do sistema de regras nessas línguas.

Leite (2008) aponta autores estadunidenses que se destacam nas pesquisas em LS, dentre eles, Wilbur (1990), Sandler e Lillo-Martin (2006), Liddel (1998), que continuaram os estudos da ASL iniciados por Stokoe (1960). Autoras brasileiras como Ferreira-Brito (1995), Felipe (2006), Quadros e Karnopp (2009) deram início aos estudos da Libras e vem contribuindo nos últimos anos para os avanços desses.

Em se tratando de estudos da Libras apoiados na perspectiva funcionalista, pesquisadores como Leite (2008) e integrantes do grupo “Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura, História”, da USP, coordenado pelo Professor Leland McCleary, os primeiros a descrever a Libras com base na perspectiva de gramática baseada no uso. Leite (2008), em seu trabalho de doutoramento, faz uma descrição da segmentação da Libras a partir de conversas espontâneas entre surdos apoiando-se nas bases teóricas da Gramática Funcional (HALLIDAY, 1967) e na Linguística Cognitiva (LANGAKER, 1986,1991, 2000; LAKOFF, 1980; 1987). Na perspectiva cognitivista também estão os trabalhos de Taub (2004) e Wilcox (2000) sobre a metáfora na ASL.

1.3.1 Línguas de sinais: mitos e verdades

Como os estudos das LS tiveram início tardiamente, comparados aos estudos de LO, antes das pesquisas de Stokoe (1960), muitos mitos acerca dessa modalidade linguística haviam se difundido. Mas, a despeito de já se ter demonstrado o *status* linguístico destas línguas no meio social e acadêmico, alguns mitos ainda permanecem. Não raro, linguistas ainda questionam o status, bem como a “eficiência” das LS para interação e constituição dos sujeitos surdos. Quadros e Karnopp (2009) apresentam alguns desses no intuito de desmitificar concepções equivocadas acerca desta modalidade de língua. Essas autoras adotam a concepção gerativista da língua e contribuíram de modo irrefutável para o estudo da Libras. Explicitaremos, de acordo com as autoras, os seis mitos acerca das línguas sinalizadas que permaneceram até o início dos anos 1960. Adaptado de Quadros; Karnopp (2004).

1. A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos;
2. Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas;
3. Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das LO, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior a estas línguas;

4. A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral;
5. As LS derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes;
6. As LS, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

Os estudos de Stokoe (1960) sobre a Língua de Sinais Americana – ASL, e as contribuições da neurociência para os estudos da linguagem humana (PULVERMÜLLER, 2002) contribuíram para derrubar os mitos acerca das LS. De acordo com esses estudos, a linguagem humana, seja ela na modalidade oral ou de sinais, é um dos componentes da cognição estando intimamente relacionada às demais funções mentais. Embora esses mitos já tenham sido desvelados por estudos linguísticos de várias vertentes, o fato das LS estarem atreladas ao conceito de deficiência, à “anormalidade”, nos termos de Clímaco (2010), esse estigma traz implicações também para a língua usada pelo surdo – o “deficiente”.

1.4 A organização gramatical das Línguas de Sinais

Nesta seção apresentaremos aspectos gerais da organização gramatical das LS, dentre elas a Libras. A resenha apresentada se fundamenta principalmente em Leite (2008), Quadros e Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995) e Stokoe (1960) tem como objetivo oferecer um panorama das pesquisas realizadas, principalmente na Língua de Sinais Americana – ASL que, como já apontava Leite (2008), é a língua de sinais que possui um maior corpo de pesquisa e que serviu e serve de base para os estudos da Libras. Os aspectos abordados pelo autor têm como referencial as pesquisas de Liddell (2003a), que trazem um olhar renovador no que diz respeito à investigação da gramática das LS aproximando-as dos estudos da gestualidade.

Após as pesquisas de Stokoe (1960), tidas como o primeiro estudo científico das LS, as investigações sobre essas línguas tomaram impulso em vários países. Autoras como Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e Felipe (2001) deram as primeiras contribuições quanto à análise da organização gramatical da Libras, destacando-se Ferreira-Brito como pioneira nessa investigação.

O presente século tem sido marcado pelo grande número de pesquisas nas LS não mais com a preocupação de comprovar o status linguístico dessas línguas. As pesquisas em LS ao

contrário têm revelado o quanto alguns aspectos das línguas de modalidade viso-gestual contribuem para a compreensão dos processos cognitivos envolvidos na linguagem humana.

1.4.1 Fonologia das línguas de sinais

Leite (2008) destaca que Stokoe e seus colegas (1960; 1965) ao pesquisarem a ASL, observaram que a dupla articulação⁴ também está presente nas LS. A dupla articulação nessas línguas se manifesta pelo fato de que alguns aspectos dos sinais, que isolados não possuem significado, compõem itens lexicais, quando são agrupados de maneiras distintas. Esses elementos são definidos como “quiremas”, porque representavam a forma, o local e movimento das mãos na produção dos sinais.

Exemplos da Libras que ilustram o ponto levantado por Stokoe (1960) foram destacados por Leite (2008, p. 21) nos pares mínimos ANTES e ONTEM⁵, cuja diferença está no parâmetro “L” (conf. quadro de configurações de mãos proposto por FARIANASCIMENTO, 2009). No sinal ANTES, a configuração L e o movimento são realizados na palma da mão passiva, figura (1), e no sinal ONTEM, figura (2), a mesma configuração e o movimento são realizados na bochecha.



Figura 1.1: Sinal dicionarizado ANTES

⁴ A dupla articulação diz respeito à propriedade das línguas de se estruturarem num plano de conteúdo (1ª articulação), formado por morfemas e palavras, a partir da estruturação de um segundo plano, de elementos sem conteúdo e de caráter distintivo (a 2ª articulação), formada por fonemas. Assim é possível que um número restrito de elementos represente um número irrestrito de significados. (LEITE, 2008)

⁵ Os sinais apresentados em nosso trabalho foram retirados do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2008), disponível em <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>.



Figura 1.2: Sinal dicionarizado ONTEM.

Os sinais apresentam uma estrutura complexa que se manifesta principalmente por meio do movimento das mãos, mas além desses movimentos manuais há outros aspectos que compõem a fonologia das LS. Estes aspectos são chamados de parâmetros (STOKOE, 1960). Esses parâmetros foram inicialmente comparados ao equivalente aos fonemas nas LO, mas após as investigações de Liddell (1984) e outros pesquisadores da ASL, os parâmetros foram considerados como “traços distintivos” que compunham segmentos fonológicos. Assim como as demais LS, a Libras tem como os principais parâmetros: Configuração de mãos (CM), Locação ou Ponto de articulação (PA), Movimento (M), Aspectos não manuais (ANM) e Orientação manual (OM).

Ferreira-Brito (1995), nas primeiras descrições da Libras, apresenta os parâmetros considerados principais ou unidades mínimas distintivas, conforme figura (1.3), a seguir.

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)
 MOVIMENTO (M)
 PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

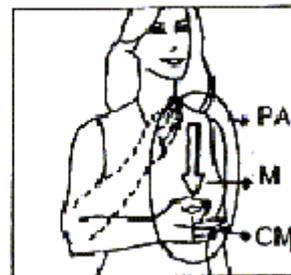


Figura 1.3: Sinal CERTO em Libras com seus parâmetros (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 24).

Na primeira descrição da Libras realizada por Ferreira-Brito (1995), esta autora apresentou 46 configurações de mãos presentes na realização dos sinais na Libras (figura 1.4).

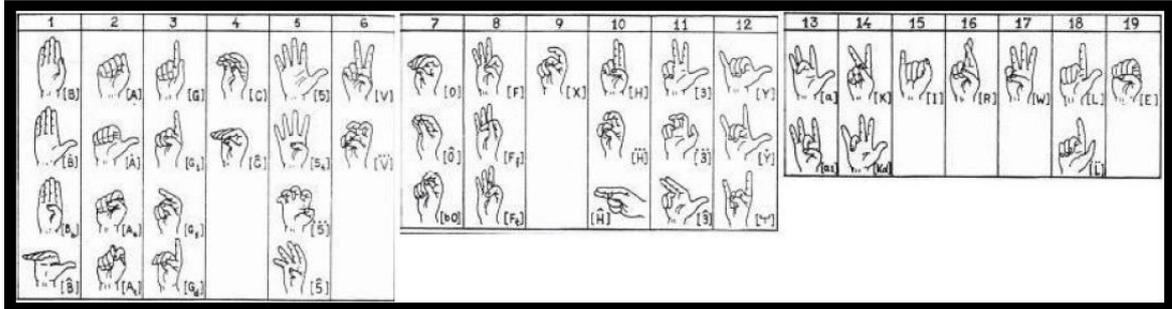


Figura 1.4: Quadro de Configurações de mãos da Língua Brasileira de Sinais (FERREIRA-BRITO, 1995, apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.165)

Essas configurações apresentadas por Ferreira-Brito foram encontradas na Libras por meio da comparação com o quadro de configurações elaborado por Klima e Bellugi (1979) ao estudarem a ASL, (figura 1.5), a seguir. Para organização do quadro proposto por Ferreira-Brito (1995), (figura 1.4), a autora levou em consideração a semelhança das configurações da ASL com as configurações da Libras.

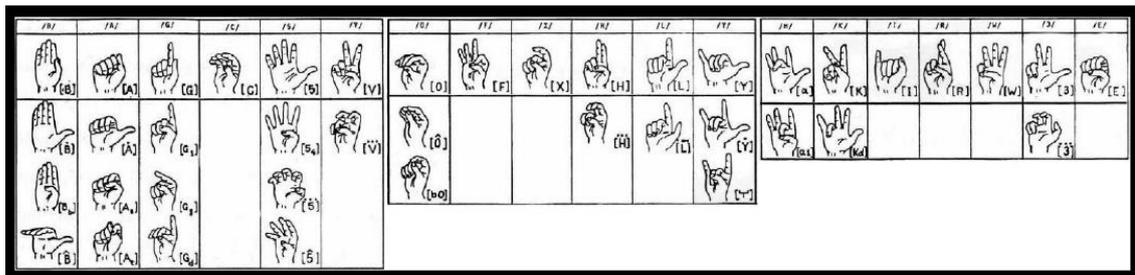


Figura 1.5: Quadro de Configurações de Mãos (KLIMA; BELLUGI, 1979, P.44 apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 165)

A pesquisa de Ferreira-Brito (1995) evidencia que nem todas as LS partilham o mesmo conjunto de configurações de mão.

Faria-Nascimento (2009), em sua pesquisa, apresenta outros dois quadros de configurações. O primeiro (figura 1.6), a seguir, é o quadro elaborado por Pimenta (s.d. apud FARIA-NASCIMENTO, 2009). Segundo essa autora, o inventário de configurações de Pimenta (idem) tem como critério a organização por semelhanças e parte da configuração mais fechada para a mais aberta, perfazendo um total de 61 configurações.



Figura 1.6: Quadro de configurações de Mão (PIMENTA, LSB VÍDEO, S.D. *apud* FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.166)

O outro quadro de configurações apresentado pela autora é o organizado por Felipe e Lira (2005, *apud* FARIA-NASCIMENTO, 2009), (figura 1.7), que contem 73 configurações. Faria-Nascimento (2009) destaca que, embora as autoras agrupem as configurações por semelhanças, o critério de passagem de uma configuração para a outra não é harmônico.

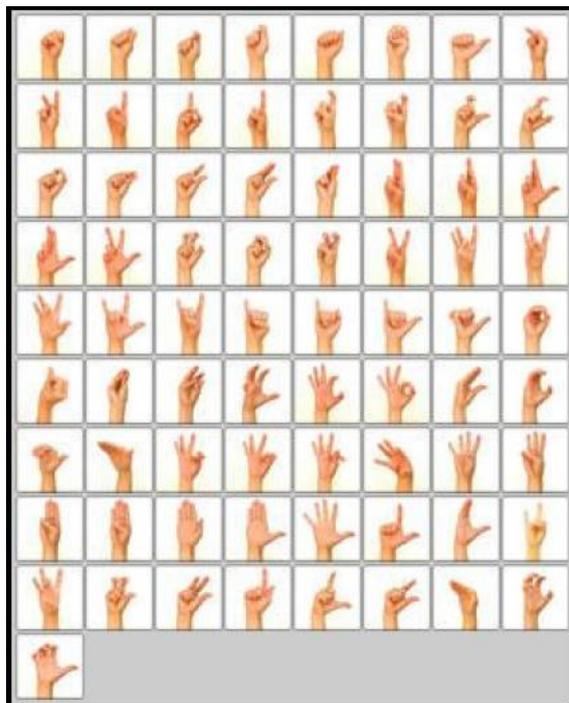


Figura 1.7: Quadro de configurações de Mãos (FELIPE; LIRA, 2005 *apud* FARIA-NASCIMENTO, 2009).

O Ministério da Educação (MEC) adota o quadro de configurações organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)⁶. Esse quadro é composto por 64 configurações, conforme figura (1.8), a seguir.

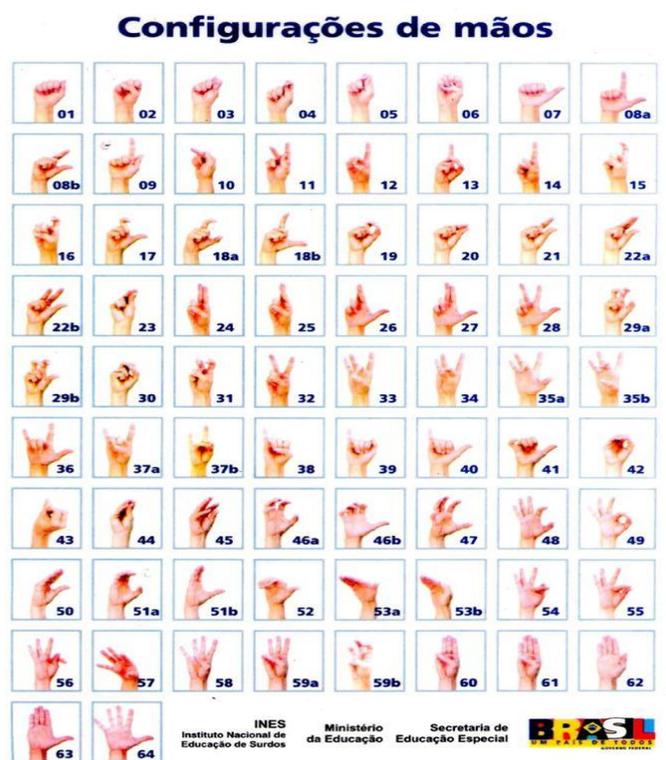


Figura 1.8: Quadro de configurações de mãos em Libras adotado pelo MEC.

Faria-Nascimento (2009) elencou um número de configurações mais amplo. O quadro organizado por essa autora contém 75 possíveis formas que as mãos podem tomar para a constituição dos sinais na Libras, conforme (figura 1.9) a seguir. Para a análise dos dados, capítulo (6) desta dissertação faremos uso das configurações apresentadas por essa autora.

⁶Disponível em <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>. Acesso em: 27 de nov. 2012.



Figura 1.9: Quadro de configuração de mãos adaptado de Faria-Nascimento (2009, p. 177-183)

No que diz respeito à organização gramatical, embora as LS apresentem semelhanças em sua organização com as LO, também apresentam certas diferenças no modo de produção. Nas LO os signos são produzidos pelo aparelho fonador e percebidos pelo canal auditivo; nas LS a produção dos signos é realizada principalmente pelo movimento e combinações de configurações das mãos, pelas expressões faciais, pelo movimento do corpo etc. (STOKOE, 1960).

Inicialmente, Stokoe (1960) apontou como uma das principais diferenças entre LO e LS o fato de que “queremas” pareciam ocorrer simultaneamente ao se articular uma língua de sinais. Nas LO os fonemas ocorrem de forma sequenciada. Anos depois, a afirmação de que a estrutura de LS é essencialmente simultânea foi questionada (Newkirk, 1998 [1981]; Liddell, 1984; Liddell e Johnson, 1989 *apud* LEITE, 2008). Leite (2008) cita a exemplo o sinal SURD@ na (figura 1.10), cuja sequencia⁷, segundo o autor, não pode ser ignorada na análise fonológica das LS.

⁷ A realização do sinal SURD@ na Libras envolve dois toques com o dedo indicador no rosto: um primeiro toque na região abaixo da orelha e um segundo na região ao lado da boca, intermediado por um movimento em arco no deslocamento de uma região à outra. Trocar essa ordem, tocando primeiramente a região ao lado da boca e em seguida abaixo da orelha, resulta num sinal inexistente em Libras (LEITE, 2008, p. 24). Além disso o autor, em nota de rodapé, alerta para o fato de que a boa formação de alguns sinais depende também de sinais não-manuais que envolvem outra parte do corpo além das mãos como na formação do sinal MAGR@ em Libras.

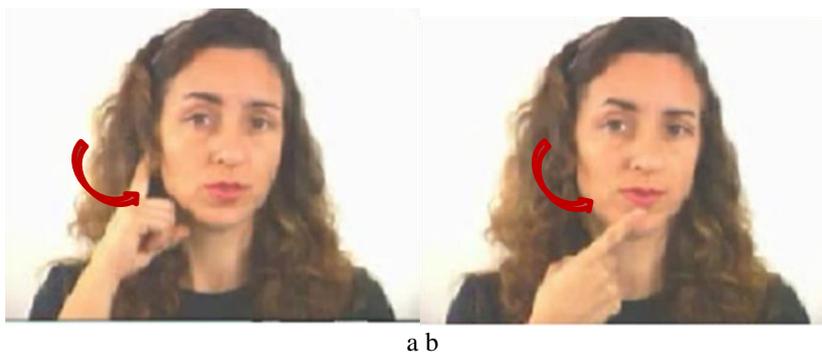


Figura 1.10: Sinal [SURDO]

Xavier (2006), ao tratar de simultaneidade e sequencialidade na articulação dos sinais, sintetiza as contribuições de Liddell e Johnson nos seguintes termos:

(...) tal como na estrutura sublexical das palavras das línguas orais, a simultaneidade e a sequencialidade estão presentes e desempenham, cada uma, seu papel na fonologia das línguas sinalizadas. Enquanto a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada seguimento, a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que este pode ser constituído por um ou mais segmentos (p.14).

Outro aspecto que diferencia as LS das LO, mostrado por Leite (2008), é, “comparativamente falando, as LO são um tanto limitadas nos tipos de contrastes articulatórios a elas disponíveis”. Contrastivamente, as LS apresentam “muitas configurações distintas das mãos, (...) dois articuladores ao mesmo tempo, bem como um grande número de localizações distintas” (LIDDELL, 2003, p. 11). Aspectos como configuração dos lábios, movimentos das sobrancelhas e movimentos da cabeça também são traços distintivos.

1.4.2 Morfologia das línguas de sinais

De acordo com Leite (2008), morfológicamente, a maioria dos sinais da Libras, assim como na ASL, são monomorfêmicos. Os sinais complexos, de acordo com esse autor, são aqueles formados por composição e estão distribuídos em três tipos:

- (i) Sinais compostos – dois sinais são usados para representar outro item lexical. O exemplo na Libras é o sinal CASA-ESTUDAR, traduzido como “escola”;
- (ii) Sinais com incorporação de numerais – de acordo com Leite (2008, p. 27), na Libras os sinais que representam os numerais de 1 a 9 são monomorfêmicos mas, esses sinais são incorporados de forma produtiva em outros itens lexicais como aqueles para especificar horas (HORA-DOIS, HORA-TRÊS), valores monetários (REAL-DOIS,

- REAL-TRÊS), número de pessoas (PESSOA-QUATRO-ANDAR) e calendário (SEMESTRE-TRÊS). O autor ainda destaca que alguns pronomes também apresentam esse tipo de incorporação como nos exemplos: EL@-DOIS e NÓS-TRÊS. Nos exemplos apresentados, a incorporação morfológica ocorre de maneira simultânea.
- (iii) Sinais predicativos e modificados aspectualmente – na Libras, assim com em línguas indígenas e asiáticas há a reduplicação⁸. Um exemplo é o sinal ESTUDAR MUIT@, onde a reduplicação de sequências e movimento e suspensão acompanhada de sinais não manuais expressam ideia de iteratividade (LEITE, 2008).

1.4.3 Sintaxe das línguas de sinais

Após a década de 1970, quando os estudos sobre as LS ganharam impulso é que os pesquisadores constataram que essas línguas não possuíam ordem livre na organização das sentenças. Pesquisadores como Baker (1976), Baker e Padden (1978) e Liddell (1978), ao mostrarem que os sinais não manuais, como os de cabeça e rosto, são importantes na identificação de fenômenos sintáticos, contribuíram para desmitificar a visão sobre a ordem livre nas LS. Os trabalhos de Wilbur (2000) e Liddell (1978) são determinantes para o entendimento de que sinais não manuais servem para delimitar constituintes gramaticais como sintagmas e orações de maneira geral. Nas investigações sobre as LS constatou-se que a ordem da oração em algumas situações não é variável.

1.4.4 Iconicidade e gestualidade nas línguas de sinais

Nas subseções anteriores apresentamos de forma breve alguns aspectos sobre a organização gramatical das LS, especialmente da Libras, quanto aos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. No entanto, uma análise sobre LS deve ter em seu escopo os aspectos gestuais e icônicos que permeiam tais línguas. A gestualidade e a iconicidade são aspectos que determinam e influenciam não só na semântica e prosódia das LS, como também, determinam e caracterizam a constituição dos sinais nestas línguas. Nesta subseção (1.4.4) trataremos de forma breve sobre iconicidade e gestualidade nas LS.

⁸Trata-se de uma modificação no radical que consiste na sua repetição total ou parcial. Um exemplo do Karajá (língua indígena brasileira): Ni “nome” / teninimyhyte “nomear” (MAIA, 2000). A língua portuguesa não apresenta a reduplicação. Esse fenômeno de reduplicação aparece apenas na linguagem infantil, nos hipocorísticos : mamãe, papai; e em alguns compostos: reco-reco, pingue-pongue.

No trabalho de Leite (2008), esse autor dá destaque aos aspectos prosódicos das LS que, segundo ele, são áreas de estudos que só receberam atenção após os anos de 1980, mas que são determinantes em qualquer tipo de análise seja fonológica, morfológica, sintática ou semântica nas LS.

De acordo com este autor, nas LO a marca prosódica recai sobre a entonação vocal, nas pausas (ausência de vocalização) e no alongamento da vocalização final. Nas LS essas pausas se manifestam quando as mãos do sinalizador retornam para a posição de repouso. Assim nas LS a ausência de movimentos equivale à ausência de sons nas LO. Outra marca prosódica nas LS é o alongamento nos sinais finais. Segundo Liddell (1978 *apud* LEITE, 2008) estes alongamentos acontecem especificamente em orações relativas, quando os sinais finais apresentam duração maior quando comparados ao mesmo sinal articulado no início ou meio da oração. Quanto à entonação nas LS, está é marcada pela “melodia facial produzida pela configuração simultânea de vários articuladores (sobrancelhas, pálpebras, boca, cabeça)” (LEITE, 2008). Neste sentido, podemos dizer que a gestualidade é um dos componentes prosódicos e, conseqüentemente, semântico nas LS.

Neste capítulo vimos que, tanto a educação de surdos como as pesquisas em LS, após os anos de 1960 apresentaram avanços significativos e as pesquisas descritivas da ASL contribuem substancialmente para os estudos da Libras. Por meio de estudos contrastivos entre línguas de sinais observam-se que as LS partilham elementos comuns na sua constituição, os parâmetros, mas cada LS possui combinações específicas destes parâmetros na composição dos sinais. As pesquisas sobre as LS têm revelado aspectos da linguagem que os estudos das LO não contemplavam e que são cruciais para a compreensão da cognição humana. As LS são, portanto, campo fértil para os estudos linguísticos e do desenvolvimento humano.

2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA PARA A COMPREENSÃO DA METÁFORA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva que orientam esta investigação, incluindo-se aí algumas considerações sobre a iconicidade em línguas orais e línguas de sinais. A primeira seção (2.1) oferece um panorama dos pressupostos que fundamentam a visão cognitivista sobre a linguagem. Na seção seguinte (2.2), discutiremos o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), proposto por Lakoff e Johnson (1999) para a categorização do pensamento, da percepção, da ação e da linguagem. A terceira seção (2.3) discute sobre o fenômeno de iconicidade na organização gramatical das línguas orais, conforme as teorizações de Haiman (1983) e Neves (1997); e última seção (2.4) oferece um sumário das considerações de Taub (2004) acerca da iconicidade presente na ASL.

2.1 Os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva

George Lakoff e Eve Sweetser, no prefácio a Fauconnier (1994), expressaram quão importantes os estudos deste autor têm sido para as pesquisas em linguística e filosofia da linguagem. Fauconnier (1994) critica as teorias tradicionais que pressupõem que as línguas naturais podem ser estudadas por meio de ferramentas lógicas. Essas ferramentas, segundo ele, são falhas diante da amplitude do fenômeno das línguas naturais. Em contrapartida, para sanar a ineficiência da lógica para os estudos linguísticos, ele acredita que a teoria cognitivista responde adequadamente no sentido de abarcar e desvendar a amplitude do fenômeno linguístico, uma vez que tem suas bases nas capacidades mentais humanas.

Conforme os princípios da Linguística Cognitiva, vertente teórica dentro dos estudos da linguagem que surgiu em contraposição aos estudos gerativistas por volta dos anos setenta do século XX, a linguagem visível, que é articulada por meio de palavras, sinais, gestos etc., é somente “*a ponta do iceberg*” da cognição e dos processos humanos de construção dos sentidos (FAUCONNIER, 1994).

Um pressuposto que fundamenta a visão cognitivista acerca da linguagem é o de que as habilidades linguísticas não estão separadas das demais habilidades humanas. Os processos psíquicos envolvidos na constituição da linguagem são interdependentes e compartilhados com os demais domínios da cognição. Desse modo, a interação do sujeito com o meio e com

seus pares é fundamental na constituição do seu arcabouço semiótico (LANGACKER, 1991; PULVERMÜLLER, 2002; CROFT; CRUSE, 2004).

O modelo teórico cognitivista entende que os mesmos processos cognitivos envolvidos na estruturação das categorias linguísticas são empregados na categorização pertinente a outros domínios do comportamento humano.

O agrupamento de conceitos linguísticos por meio do processo de categorização se organiza a partir do agrupamento de conhecimentos constituídos através da experiência e compartilhados culturalmente. Essas formas de se categorizarem conceitos e experiências são interpretadas, dentro desta perspectiva teórica, como constituindo *domínios* ou *grades conceituais*, onde os diferentes elementos se interconectam semanticamente. Assim, nas interações do cotidiano, os sujeitos lançam mão dos conceitos armazenados nesses domínios para interpretar novas experiências e criar novos conceitos. Portanto, na perspectiva cognitivista, a linguagem não pode ser vista como uma faculdade mental isolada das demais. Em vez de autônoma, a linguagem é integrada às demais funções psíquicas superiores envolvidas na cognição humana.

A construção dos sentidos se dá a partir de dados conceituais ricos e dinâmicos. Os falantes não reproduzem o mundo por meio das palavras, mas o representam e o ressignificam. Nas palavras de Silva, “as palavras e construções não teriam significado em si mesmas, mas seriam mediadas pelo conceptualizador inserido numa sociedade historicamente construída” (2012, p. 52). Sob essa vertente teórica, a observação da língua não pode ser dissociada da atividade humana e da cultura à qual pertence o falante, haja vista que estes são aspectos pragmáticos que estão vinculados à produção dos enunciados.

Algumas premissas básicas das teorias de orientação cognitivista são as seguintes:

- a) A linguagem funciona de forma integrada a outras capacidades cognitivas, tais como a percepção, a memória, o raciocínio etc.
- b) Os conceitos elaborados e partilhados culturalmente pela comunidade de fala são categorizados mentalmente e usados nas interações sociais para fins de comunicação. A categorização presente nas línguas reflete os modos particulares de cada comunidade de fala interpretar a realidade objetiva.
- c) O significado linguístico é baseado na experiência e se constitui de acordo com o contexto semântico-pragmático no momento da interação linguística.

Na análise de Neves (1997, p. 99), a vertente cognitivista busca entender as relações entre categorias linguísticas e categorias cognitivas, observando-se aí uma relação icônica

entre a gramática e a base conceptual. Tal postulado busca relativizar a noção saussureana de arbitrariedade da linguagem (conf. SAUSSURE, 2008).

Lakoff (1987 *apud* NEVES, 1997) considera a gramática como um conjunto de construções e categorias constituído a partir da relação de correspondência entre o modelo cognitivo (os conceitos construídos) e os aspectos correspondentes da forma linguística. Com base nas pesquisas de Givón e Neves (1997), cada língua dispõe de recursos diferentes para fins de codificação, ou seja, diferentes línguas se expressam gramaticalmente através de diferentes meios estruturais, resultando em variedade tipológica. Apesar disso, é possível constatar que os processos cognitivos envolvidos na elaboração de conceitos são os mesmos, entre usuários de línguas diferentes. Em outras palavras, o mecanismo psíquico necessário para a manifestação da linguagem é comum para todos os membros da espécie humana; o que difere é o produto que resulta do uso deste aparato cognitivo por parte de diferentes comunidades de fala, a saber: línguas estruturalmente diversificadas.

A hipótese da corporificação da mente, que é fundamental para esta pesquisa e remete à premissa em (c), propõe que a linguagem é o reflexo da relação corpórea do indivíduo com o mundo ao seu redor. Assim, as experiências físicas – sensoriais, sinestésicas – do indivíduo estão diretamente relacionadas ao seu desenvolvimento cognitivo, bem como à constituição do seu arcabouço semiótico (JOHNSON, 1987).

Em consonância com esta hipótese, Lakoff e Johnson (1999) postulam que a forma como categorizamos o mundo deriva da forma como nosso corpo e mente interagem com ele. Assim, cada língua natural categoriza e estrutura o mundo à sua própria maneira, agrupando objetos, atividades ou qualidades em classes específicas, para fins de compreensão e conceptualização. Para tanto, os autores propõem que o indivíduo desenvolve e utiliza-se de um Modelo Cognitivo Idealizado.

Na seção a seguir veremos que as categorias não são estáveis e vão se expandindo conforme as necessidades humanas, nas interações cotidianas. A categorização do mundo é o que possibilita definir e estabelecer os domínios de conhecimentos, os quais são fundamentais para a compreensão do processo cognitivo de metaforização.

2.2 Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)

A Linguística Cognitiva adota os princípios de categorização propostos inicialmente por Eleanor Rosch (1978) por meio da Teoria dos Protótipos. Esses princípios de categorização foram redefinidos por Lakoff (1987) na Teoria dos Modelos Cognitivos, e

Lakoff e Johnson (1999). De acordo com essa perspectiva, a compreensão do processo de categorização do pensamento, da percepção, da ação e da fala é central para entendermos como pensamos e agimos e como nos fazemos humanos.

Nossas categorias de coisas existentes no mundo determinam o que tomamos como real: árvores, rochas, animais, pessoas, construções e assim por diante. Nossos conceitos determinam como raciocinamos sobre essas categorias. Para funcionarmos realisticamente no mundo, nossas categorias e formas de raciocínio devem trabalhar muito bem juntas; nossos conceitos devem caracterizar a estrutura de nossas categorias suficientemente bem para que possamos funcionar. (LAKOFF & JOHNSON, 1999, p. 21. Tradução nossa.)

Segundo esses autores, a categorização só é possível através de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), os quais remetem a estruturas mentais resultantes da imaginação de situações ideais, que servem para a organização dos conhecimentos relativos a tais situações e, desse modo, auxiliam na formação do conceito correspondente. As estruturas mentais vão se expandindo na medida em que os falantes vão acrescentando novas informações relativas ao modelo idealizado, com base nas suas experiências. Assim, sob esta perspectiva, a formação dos conceitos se caracteriza como um processo dinâmico e contínuo.

Lakoff (1987) postula a existência de cinco tipos de MCIs que possibilitam a estruturação de nossas experiências físicas no plano conceitual e linguístico:

- a) Modelo proposicional – os conceitos são apreendidos de forma direta e constituídos pelas propriedades dos elementos e as relações entre eles.
- b) Modelo de esquemas de imagem – nesse tipo de modelo, os conceitos também são apreendidos de forma direta e usados metaforicamente para a estruturação de outros conceitos. São de natureza corpórea-cinestésica, compostos pela percepção que temos do nosso corpo, do movimento corporal e do formato dos objetos. Esses conceitos concretos são projetados para domínios mais abstratos por meio das metáforas e metonímias, permitindo a estruturação de modelos cognitivos mais complexos. Exemplos desse tipo de modelo são: parte-todo, centro-periferia, origem-percurso-meta, recipiente e ligação.
- c) Modelo metonímico – ocorre em um único domínio conceitual e se baseia indiretamente nas experiências concretas. Nesse modelo, tomamos um aspecto considerado bem-entendido ou de fácil percepção, e o utilizamos para representar a coisa como um todo ou algum outro aspecto ou parte dela (LAKOFF, 1987).
- d) Modelo metafórico – os conceitos são estruturados de forma que um domínio alvo (DA – mais abstrato) é estruturado em termos de um domínio fonte (DF – mais concreto). As metáforas resultam do mapeamento entre esses dois domínios.

- e) Modelo simbólico – diferente dos demais modelos, que são puramente conceituais, o modelo simbólico é produzido a partir da associação dos elementos linguísticos com os conceituais em um MCI. Itens lexicais, categorias gramaticais e construções gramaticais são exemplos de modelo simbólico.

Felts (2007) sistematiza visualmente os tipos de modelos conforme figura a seguir.

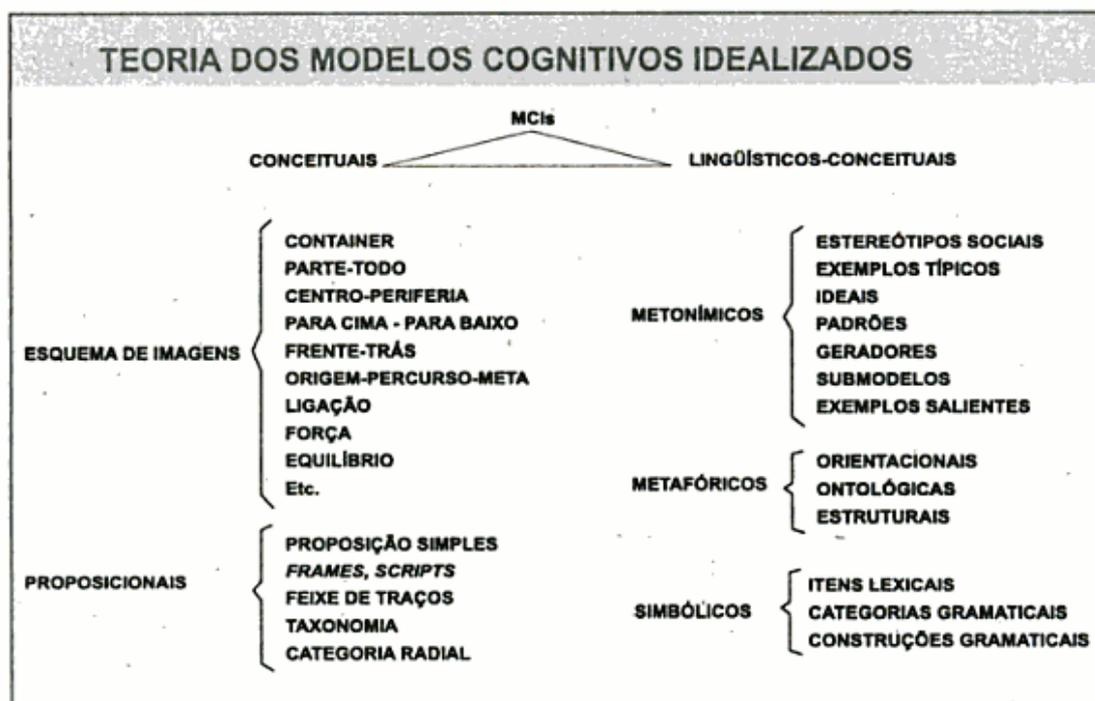


Figura 2.1: Modelos cognitivos idealizados: tipologia básica (reproduzido de FELTS, 2007: 170)

2.3 Iconicidade nas línguas

Sobre a iconicidade nas línguas, Neves (1997) a define como um princípio onde se entende que há uma relação de semelhança entre a forma e a função, entre a mensagem expressa e a forma como é codificada. Para essa autora, a relação entre o código e o referente é natural.

O filósofo Peirce (sem data) foi o primeiro a fazer a distinção entre as relações entre o signo e objeto representado. Para esse autor há três tipos de signos: ícone, índice e símbolo. O ícone representa a relação de semelhança entre o signo e a realidade exterior; o índice, a relação de contiguidade entre o signo e a realidade; e o símbolo, a relação convencional entre signo e realidade.

Peirce (*apud* NEVES, 1997), ao traçar suas noções sobre o ícone, estabeleceu dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A primeira diz respeito à relação de espelhamento entre o item e o referente, como nas pinturas e esculturas. A segunda corresponde ao arranjo icônico de signos, sem necessariamente haver uma semelhança entre forma e função.

John Haiman (*apud* DIK, 1997), um dos estudiosos da iconicidade nas línguas, aponta que Joseph Greenberg foi o primeiro a expressar a noção básica do princípio da iconicidade linguística postulada pelos funcionalistas atuais. Greenberg (*apud* DIK, 1997) indica que a ordem dos elementos na língua é fruto da ordem de conhecimentos decorrentes da experiência física.

Haiman (1983, p. 781-819) estabelece os seguintes traços relativos à iconicidade:

- (i) *Motivação conceptual*: a distância entre expressões linguísticas corresponde à distância conceptual entre elas.
- (ii) *Individuação*: a separação de uma expressão linguística corresponde à independência conceptual do objeto ou evento o qual representa.
- (iii) *Distância social entre interlocutores*: corresponde à extensão da mensagem, com conteúdo referencial igual.

Neves (1997, p.106-108), apoiada nos estudos de Haiman (1983), apresenta seis tipos de iconicidade, sendo: (a) Na iconicidade por quantidade, quanto maior for a informação, maior será a forma ou quantidade do enunciado; (b) na iconicidade de distância ou proximidade, quanto maior for a distância entre um conceito e outro, maior será a distância entre as expressões linguísticas, especificamente, nas orações que exprimem causa, ordenação e transitividade; (c) ocorre a iconicidade de independência quando a separação conceitual é mostrada pela separação das expressões linguísticas; (d) iconicidade de ordenação ocorre quando se ordena uma sequência pelo grau de importância dos elementos, sendo que os mais importantes aparecem em primeiro na cadeia; (e) na iconicidade por complexidade a forma plural será sempre maior do que forma singular e a forma superlativa maior que a forma normal; (f) na iconicidade de categorização os sujeitos são preponderantemente agentes e objetos, pacientes.

Para Neves (1997), argumentar a favor da iconicidade não é fácil porque na estrutura que será analisada, o significado não está estabelecido e, talvez seja impossível de se estabelecer devido à relação entre a realidade física e a estrutura da conceptualização dessa realidade. Croft (2004) argumenta a favor da iconicidade porque a iconicidade revela a

relação entre a cognição e linguagem humana. A língua, segundo esse autor, é o produto e um aspecto explícito e observável da cognição humana. Nota-se, portanto, que há forças internas (fonológicas, sintáticas e semânticas) e externas, relacionadas às terminologias (a denominação icônica de um objeto sofre pressões tanto da forma como da função, ou características que determinam a iconicidade nas línguas). Essas forças estão em conflitos a todo o momento e por isso podemos perceber a competição entre a motivação econômico-paradigmática e a motivação icônica. Enquanto a primeira busca a restrição de vocabulário, a segunda busca dispor de uma palavra distinta para cada conceito distinto. A resolução desse conflito gera a polissemia, caso predomine a economia.

Sobre esses conflitos, Talmy (1988, *apud* NEVES, 1997) postula que, cabe à gramática configurar o conteúdo cognitivo do léxico, organizando-o comunicativamente. A gramática, por sua vez, não está pronta, ela é modificada a todo o momento porque não está isenta das pressões do meio onde as interações humanas são dinâmicas e criativas.

2.4 Iconicidade nas Línguas de Sinais

Sarah Taub (2004), estudiosa da ASL, constatou que o processo de constituição de sinais usando recursos icônicos é muito produtivo. Essa autora enfatiza que a manifestação da metáfora nas LS está intimamente relacionada à característica icônica dessas línguas. Nesta seção apresentaremos de forma resumida os aspectos apontados por essa autora acerca da forma de manifestação da iconicidade na ASL. Tais aspectos também foram identificados na Libras por McClearly, Leite e Viotti, 2010.

Sobre a iconicidade em línguas de sinais (LS), Taub (2004) afirma que:

1. Entidades físicas são representadas por elas mesmas: objetos e pessoas presentes durante a sinalização podem ser entendidos como representado por elas mesmas no discurso. Um exemplo na Libras é o sinal NARIZ, cuja sinalização consiste no apontamento na região da face onde o órgão está localizado;
1. A forma dos articuladores representa a forma do referente;
2. O movimento dos articuladores representa o movimento do referente. Na Libras temos os sinais ANDAR e SUBIR;
3. A localização no espaço de sinalização representa a localização nos espaços mentais;
4. O tamanho dos articuladores representa o tamanho do referente;
5. O número de articuladores representa o número de referentes;

6. A ordem temporal (sequência) da sinalização representa a ordem dos eventos;
7. Sinalizantes representam os participantes do evento por meio de classificadores.

Neste capítulo, vimos que a Linguística Cognitiva concebe a linguagem humana como integrada às demais funções cognitivas como a percepção, a criatividade, a atenção etc. A linguagem, nesta perspectiva, reflete a forma como as pessoas interagem e organizam os conceitos do mundo em categorias de elementos. O significado linguístico, nessa abordagem, é baseado no uso dos elementos da língua nos contextos discursivos e nas experiências dos usuários. Por isso, a gramática não é concebida como categorias estáticas, mas é motivada pelos contextos de uso. As palavras não possuem significado estritamente linguístico e sim orientam a construção do sentido que é estabelecido nos contextos discursivos. Por isso, os processos cognitivos repercutem sobre o funcionamento gramatical já que os sentidos das palavras se constituem à medida em que são utilizadas pelos usuários em suas interações. Qualquer estudo sobre a metáfora sob a ótica cognitivista não pode prescindir da pesquisa sobre a forma de categorização por meio dos modelos cognitivos para se categorizar o mundo sociocultural e a iconicidade presente nas línguas. Tais temas são fundamentais para os estudos e a compreensão da metáfora como processo cognitivo humano que se manifesta na linguagem.

3 A METÁFORA SOB A PERSPECTIVA COGNITIVISTA

Os estudos sobre a metáfora datam da Idade Antiga, mas, continuam sendo foco de pesquisas de vários linguistas, principalmente aqueles que adotam o aporte cognitivista. Este capítulo tem como objetivo mostrar as mudanças conceituais pelas quais estes estudos passaram desde a visão clássica até os dias atuais. A seção (3.1) apresenta a visão clássica da metáfora proposta por Aristóteles e como essa visão passou por mudanças até a metade do século XX. A seção (3.2) aborda a visão desenvolvida por George Lakoff e Mark Johnson (1980; 2000) para a análise da metáfora. As seções (3.3) e (3.4) contemplam as principais contribuições de Zoltán Kövecses (2005; 2010) e Giles Fauconnier e Mark Turner (2002; 2008), respectivamente. A seção (3.5) apresenta estudo de Faria-Nascimento (2003) sobre metáforas na Libras na Língua Portuguesa. Na última seção, apoiados na perspectiva da Metáfora Conceitual, apresentamos a distinção entre metáfora e metonímia.

3.1 Aristóteles e a concepção clássica de Metáfora

A noção mais antiga de metáfora vem de Aristóteles, que, na obra *Arte Poética*, define metáfora como o uso do nome de uma coisa para designar outra (Poética, III, IV, 7, p.182 *apud* SARDINHA, 2007). O termo *metáfora* vem do grego *metaphorá*, cujo significado é “mudança; transposição”. Sua etimologia vem da combinação de *meta*, que significa “mudança de lugar ou de condição; sucessão”, com *phorá*, “ação de levar, de carregar à frente” (HOUAISS 2007).

O conceito de metáfora proposto por Aristóteles foi aos poucos sendo ampliado em figuras de linguagem, durante a Renascença, adequando-se aos preceitos ideológicos da época. Os estudiosos renascentistas, principalmente os filósofos, acreditavam e pregavam que as coisas do mundo deveriam ser classificadas em categorias, uma vez que a explicação das coisas se dava através da identificação dos seus elementos essenciais e do escrutínio desses elementos até se alcançar os seus componentes mínimos irreduzíveis, característica típica do pensamento cartesiano. Mente e corpo, por exemplo, estão separados, segundo essa abordagem.

O Pensamento Cartesiano é uma dentre outras correntes objetivistas, como o Racionalismo, o Empirismo, a Filosofia Kantiana, o Lógico Positivismo etc., que viam a metáfora como ornamento da linguagem. A metáfora deveria ser evitada, quando o propósito era falar objetivamente. A visão da metáfora como adorno da linguagem foi chamada de visão

Retórica. Segundo a visão objetivista, a metáfora não poderia estar presente em textos científicos porque o que é científico só é feito com a racionalidade e só pode ser expresso de modo literal.

De acordo com o pensamento cartesiano, a metáfora era apenas uma entre tantas figuras de linguagem, como alegoria, antífrase, antonomásia, aforismo, apóstrofe, arcaísmo, catacrese, circunlocução, enálage, eufemismo, hipálage, metonímia, hipérbole, hipófora, prosopopéia, ironia, parábola, silepse, oximoro, paradoxo, sinédoque, perífrase e zeugma. Para Aristóteles, no entanto, a metáfora era a figura mestra.

A visão tradicional e retórica sobre as figuras de linguagem, sendo a metáfora uma delas, é de que são recursos de estilo, ornamentos, utilizados principalmente pelos poetas com o intuito de impressionar, expressar sentimentos, como sinal de expressão cultural prestigiada e meio de definir o estilo de um escritor. Para o senso comum, é a linguagem que os poetas usam para embelezar, enfeitar seus versos. Segundo Sardinha (2007), esta visão continuou se perpetuando e ainda se perpetua por meio das gramáticas escolares.

A partir do século XX, vários pesquisadores passaram a se dedicar ao estudo da metáfora sob a perspectiva da Linguística, dentre os quais se destacam I. A. Richards, Max Black, Eva Kittay, Paul Ricoeur, Gilles Fauconnier, Mark Turner, George Lakoff, Mark L. Johnson, Raymond Gibbs, Michael Halliday e Lynne Cameron.

Richards foi o primeiro teórico a postular que as metáforas são manifestações de processos cognitivos, quando escreveu: “não podemos passar por três sentenças do discurso fluido ordinário [sem o uso da metáfora]” (RICHARDS, 1936 *apud* WILCOX, 2000)⁹. A partir de então, especialmente da década de setenta em diante, novas gerações de linguistas passaram a explorar esta hipótese de forma mais intensiva, buscando elaborar uma teoria da metáfora que fosse fundamentada na investigação empírica da linguagem cotidiana.

3.2 A Metáfora segundo a concepção de George Lakoff e Mark Johnson (1980; 2002)

Esta seção apresenta as contribuições de Lakoff e Johnson para os estudos da metáfora. Esses autores estão entre os pesquisadores na área da linguagem que foram responsáveis pela consolidação da virada paradigmática pela qual passaram os estudos sobre a metáfora a partir dos anos setenta do século XX. Essa década marcou a ruptura definitiva com a tradição retórica proposta por Aristóteles no século IV a. C.

⁹Tradução nossa: “we cannot get through three sentences of ordinary fluid discourse [without the use of metaphor]”.

A obra *Metaphors We Live By*, de 1980, foi um divisor de águas dentro das pesquisas sobre metáforas, até porque, como já mencionamos, não se dispensava atenção à metáfora até então, por ela ser vista como um recurso de linguagem periférico. A discussão sobre a diferença entre o “literal” e o “figurado”, ponto central no pensamento objetivista, foi o aspecto em que a teoria da Metáfora se contrapôs de modo mais evidente à visão tradicional. Nessa nova perspectiva, não há uma divisão entre corpo e mente, mas ao invés disso, corpo e mente interagem para que possamos dar sentido ao mundo. Como os próprios autores argumentam, “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (Lakoff e Johnson, 1980, p.3).

Assim, para Lakoff e Johnson (1980), as alternativas para se compreender o fenômeno da metáfora e a linguagem humana em geral, não estão no objetivismo – que busca a verdade objetiva, nem está no subjetivismo que, busca a verdade por meio da imaginação. Em vez disso, estes autores propõem uma perspectiva “experencialista” para compreendermos a metáfora, porque, segundo eles:

(...) ela une razão e imaginação, (...) é um dos mais importantes instrumentos para tentar compreender parcialmente o que não pode ser compreendido em sua totalidade: nossos sentimentos, nossas experiências estéticas, nossas práticas morais e nossa consciência espiritual (2002, p. 302).

Sob esta ótica, o que o objetivismo e o subjetivismo em seus extremismos ignoram é que compreendemos o mundo por meio de nossa interação com ele.

O objetivismo não se atenta para o fato de que a compreensão dos conceitos e a verdade estão relacionadas aos nossos sistemas conceituais culturais e que, por isso, esses fenômenos não podem ser encaixados em sistemas conceituais absolutos ou neutros. Para essa perspectiva, o mundo é explicado conforme um modelo teórico criado em torno de entidades e suas propriedades, onde tais entidades são definidas a partir de suas propriedades essenciais e são agrupadas em categorias que se constituem a partir das propriedades compartilhadas por essas entidades. De acordo com essa perspectiva, o nosso conhecimento do real teria uma forma única e correta, organizada de forma taxionômica e categórica. Além disso, a capacidade cognitiva é vista como objetiva, cabendo à mente humana manipular símbolos abstratos para internalizar os significados produzidos pela correspondência direta entre as entidades e as categorias. Os conceitos, no objetivismo, “devem excluir todas as coisas que

estão fora das correspondências entre símbolos e coisas do mundo real” (LAKOFF, 1987, p. 165)¹⁰.

Lakoff (1987) coloca a proposta objetivista para o problema do significado nos seguintes termos:

As expressões linguísticas e os conceitos que elas expressam são estruturas simbólicas, destituídas de sentido em si mesmas, mas obtêm significados por meio de correlações diretas, não mediadas, com as coisas e as categorias no mundo real (ou nos mundos possíveis) (p. 266).¹¹

Para Lakoff e Johnson (2002), o objetivismo não se atenta para o fato de que “os sistemas conceituais humanos são de natureza metafórica e envolvem a compreensão imaginativa de um tipo de coisa em termos de outra” (p. 304).

O subjetivismo, por sua vez, não atenta para o fato de que nossa compreensão, incluindo a compreensão imaginativa, tem suas bases conceituais fundamentadas na interação significativa que temos com os ambientes físicos e culturais nos quais estamos inseridos, e que os conceitos não surgem de forma individualizada. O subjetivismo também não leva em conta que, para se compreender uma metáfora, é preciso partilhar dos elementos conceituais que compõem essa metáfora. O fenômeno metafórico é, assim, uma forma imaginativa da racionalidade.

Lakoff e Johnson (2002) resumem o experiencialismo como uma visão capaz de abarcar as preocupações do objetivismo e do subjetivismo. O experiencialismo não busca exclusivamente a verdade absoluta do objetivismo, nem acredita que a imaginação é livre de restrições do meio. Contrastando com a visão objetivista, que propõe que a compreensão do significado é independente da natureza e das experiências dos sujeitos, o significado, na visão experiencialista, é caracterizado em termos de **corporificação** e **experienciação**. Nesse sentido, razão e imaginação interagem na composição metafórica.

Sobre a perspectiva experiencialista, Lakoff (1987) afirma que todos os sujeitos possuem uma estrutura conceitual que é constituída ao longo de suas vidas. Essa estrutura é compreendida pelo fato de haver estruturas pré-conceituais que a compõem, dentre as quais se destacam:

¹⁰Tradução nossa. “they must exclude anything that is outside of correspondences between symbols and things in the real world”.

¹¹Tradução nossa: Linguistic expressions and the concepts they express are symbolic structures, meaningless in themselves, that get their meaning via direct, unmediated correlations with thing and categories in the actual world (or possible worlds).

- a) Estrutura de nível básico: as categorias nesse nível são definidas pela percepção “gestalt”, pela capacidade de incorporar o movimento e a habilidade para formar ricas imagens mentais;
- b) Estrutura de esquemas imagéticos: são esquemas de imagens, relativamente simples, que surgem constantemente em nossas experiências corporais diárias: contêiner, caminho, forças e balanças, em várias orientações e relações: cima-baixo, frente-trás, parte-todo, centro e periferia.

Estas estruturas são significativas porque são resultantes das experiências diretas e diárias do nosso corpo e da forma de atuarmos no ambiente.

A Teoria da Metáfora foi apresentada por meio da obra *Metaphors We Live By*¹², de Lakoff e Johnson, e nasceu do interesse de ambos os autores em mostrar que o papel da metáfora na linguagem e cognição humanas vai muito além da concepção de que metáfora é um “adorno” e que, por isso, não deveria ser tratada como questão periférica no estudo da linguagem. Esses autores buscaram também entender como apreendemos um conceito, como o compreendemos e como agimos em função desse conceito.

Para Lakoff e Johnson (1980), as metáforas, ao contrário do que se pensava, têm papel central tanto na linguagem como no pensamento humano. Afirmam que as metáforas “são um dos nossos principais veículos para o entendimento. Desempenham um papel central na construção da realidade social e política” (p. 261).

Lakoff e Johnson (1980; 2002) constataram que o sistema conceitual que dirige nosso pensamento e também nossas ações é essencialmente metafórico. A língua, nessa perspectiva, é produto da interação social, das ideologias de cada grupo ou civilização. As metáforas então devem e só podem ser compreendidas a partir da compreensão da cultura da qual emergem.

Assim, a metáfora é uma forma convencional de conceituar um domínio que é de natureza abstrata (domínio alvo, doravante DA) em termos de outro mais concreto, da experiência (domínio fonte, doravante DF). De modo geral, esse processo se dá inconscientemente. Domínio, conforme vimos na seção (4) que trata sobre a Teoria dos Espaços Mentais, é um conjunto de conhecimentos estruturados (FAUCONNIER, 1994).

Para Lakoff e Johnson (1980; 2002) a metáfora é uma representação mental e por isso ela é cognitiva. A metáfora não é simplesmente um ato linguístico dissociado dos demais processos cognitivos. Ela resulta da imbricação dos sistemas neurais como um todo e tem sua

¹² Optamos pela utilização da obra “*Metáforas da vida cotidiana*”, traduzida para o português pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) da Universidade de Campinas, que é coordenado pela Professora doutora Mara Sophia Zanotto. Assim, todos os exemplos da obra que são citados nesta dissertação estão de acordo com essa tradução.

base na forma como interagimos com o meio físico e cultural. As metáforas, então, por surgirem de nossas experiências biológicas e culturais, são motivadas. Ou seja, os mapeamentos entre DF e DA são totalmente motivados pela nossa forma de interagir com o mundo. A metáfora existe na mente e atua no pensamento, e por isso também é abstrata.

A metáfora se concretiza nas expressões faladas, escritas e sinalizadas¹³ por meio das expressões linguístico-metafóricas. Para Lakoff e Johnson (1980; 2002), as metáforas conceituais são acessadas automaticamente pelos grupos linguísticos, uma vez que elas emergem e refletem as ideologias, cultura e modo de vida de cada grupo. Assim, a metáfora não é uma propriedade das expressões linguísticas individuais e seus significados, mas sim de todo um domínio conceitual partilhado por um grupo de falantes. A estrutura conceitual e a linguagem do DF (mais concreto) são usadas para retratar uma situação no DA (mais abstrato) por meio dos mapeamentos que fazemos entre esses domínios. Sendo assim, não podemos esperar que as mesmas metáforas ocorram em culturas e línguas diferentes, conforme veremos na seção 3, abaixo, na qual trataremos das contribuições de Zoltan Kövecses (2005; 2010) para o estudo da metáfora.

Lakoff e Johnson (1980; 2002) distinguem três tipos de metáfora: metáforas conceituais ou estruturais, metáforas orientacionais e metáforas ontológicas. A distinção entre os tipos de metáforas reside na função que exercem na cognição e na linguagem. As metáforas conceituais ou estruturais têm como função conceber um conceito em termos de outro conceito. As metáforas orientacionais têm como função organizar um conjunto de conceitos em relação a outro conjunto de conceitos, e as metáforas ontológicas têm a função de compreender nossas experiências em termos de objetos, recipientes e/ou substâncias. A seguir, detalharemos cada um dos tipos de metáfora postulados por estes autores.

3.2.1 Metáforas Conceituais/Estruturais

As metáforas Conceituais ou Estruturais são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro. Esse tipo de metáfora conecta elementos de um domínio físico (DF), mais concreto, a um domínio abstrato (DA), menos bem delineado. Os elementos linguísticos nesse tipo de metáfora estão articulados de forma que determinado conceito seja entendido por meio de outro. Um exemplo apresentado pelos autores é o conceito “discussão”, entendido em

¹³ Embora estudos teóricos sobre a Metáfora não façam menção às LS, as pesquisas de Faria (2003), Wilcox (2000) e Taub (2004) nos mostram que, da mesma forma que há metáforas em línguas orais, assim temos nas línguas sinalizadas.

termos da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA¹⁴, que é presente no nosso cotidiano e codificada linguisticamente por meio de expressões tais como “Seus argumentos são indefensáveis”, “Destruí sua argumentação”, “Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação”.

O conceito “metáfora conceitual/estrutural” deve-se ao fato de que, para a formação desse tipo de metáfora, usamos os conceitos que já internalizamos e experienciamos diariamente (DF) como base para conceitualizar e dar ênfase a outros conceitos de nível mais abstrato. Os conceitos do DF fornecem algumas características que utilizamos como referência para entendermos outros conceitos mais abstratos (DA). As características do elemento/conceito mais concreto do DF são transportadas a outro elemento/conceito do DA. Dessa forma, esse elemento do DA “toma emprestado” algumas características do DF. As características selecionadas do conceito fonte (DF) não são aleatórias, mas estão de acordo com as intenções do falante. As palavras “indefensáveis”, “destruí” e “atacou”, nos exemplos de expressões linguísticas citados no parágrafo anterior, caracterizam e fazem parte da concepção que temos sobre guerra. Essas palavras são utilizadas para dar a dimensão acirrada da discussão. Assim, escolhemos essas palavras por elas exprimirem o objetivo que queremos atingir ao expormos nossas ideias a outras pessoas em uma discussão: dominar e vencer.

Para uma melhor compreensão acerca do fenômeno metafórico é preciso fazer a distinção entre metáforas e expressões linguísticas metafóricas. O enunciado “Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação” é a manifestação linguística da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA. A metáfora, então, é a ideia que se quer expressar e a expressão linguística é a materialização dessa ideia por meio dos recursos disponíveis na língua. Outro exemplo para diferenciarmos “metáfora” de “expressão linguística metafórica” é o de que, para a metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO, temos a expressão linguística metafórica “Você está desperdiçando meu tempo.”

Algumas metáforas do nível conceitual podem coincidir na forma com a expressão metafórica no nível linguístico. Por exemplo, a metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO é concretizada pela expressão linguística “Tempo é dinheiro”, especialmente comum no inglês norte-americano.

Uma metáfora conceitual pode ser expressa por diferentes expressões linguísticas. Para a metáfora TEMPO É DINHEIRO podemos ter expressões linguísticas tão diversas

¹⁴Os autores convencionalizaram que as metáforas deveriam ser escritas em caixa alta para se distinguirem das expressões linguísticas.

como: “Você está desperdiçando meu tempo”, “Estamos ganhando tempo”, “Meu tempo é valioso” etc. Contudo, uma mesma expressão linguística parece não ser capaz de expressar diferentes metáforas conceituais. Por exemplo, Lakoff e Johnson (2002, p.53) apontam que só é possível entender um aspecto de um conceito em termos de outro devido à sistematicidade metafórica. Essa sistematicidade é a forma organizada e estruturada que temos para expressar determinados conceitos. Quando usamos expressões metafóricas, como no exemplo “Destruí sua argumentação”, oriundo da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, toda a rede de conceitos que temos acerca do domínio fonte, “guerra”, constitui-se de elementos que podem ser empregados na caracterização do domínio alvo “discussão”.

Observa-se, então, que os conceitos metafóricos apresentam uma sistematicidade coerente, de modo que, para a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, não podemos utilizar uma expressão linguística como “Lavei sua argumentação”, uma vez que, o conceito “lavar” não faz parte do conjunto de ideias que remetem a GUERRA. Como a composição das metáforas está relacionada à cultura de cada grupo, (seção 3.3) deste capítulo, as expressões linguísticas metafóricas variam de um grupo social para outro. Uma metáfora e/ou expressão linguística fará sentido para um determinado grupo devido às experiências culturais compartilhadas pelos membros desse grupo.

Assim, os critérios para a seleção dos conceitos que são usados como base ou fonte (DF) para conceituar os elementos no nível abstrato (DA) também não são aleatórios. Em conformidade com seus objetivos, o usuário da língua, ao selecionar um DF, deve ter consciência de que esse conceito fornece características que expressam adequada e coerentemente os conceitos do DA. Podemos então dizer que a coerência da sistematicidade metafórica diz respeito ao uso, de modo coerente e aplicável, de características dos elementos do DF para auxiliar na conceitualização do DA.

Para esses autores, é essa sistematicidade que permite ao usuário da língua compreender um conceito em termos de outro, haja vista que a sistematicidade metafórica está intimamente ligada ao conjunto de valores da cultura na qual vivemos, de modo que nosso sistema metafórico é coerente com esses valores. Os autores salientam que, embora essa sistematicidade exista, pode haver algumas distorções nas subculturas e/ou grupos dentro de uma cultura maior.

Além da sistematicidade dos conceitos metafóricos, Lakoff e Johnson também postulam que a estrutura metafórica dos conceitos é parcial e não abarca todas as características do conceito do DF. Essa estrutura é refletida na escolha lexical e frasal que fazemos ao conceber um conceito em termos de outro. As palavras e as frases que escolhemos

são geralmente de forma fixa. Vejamos como exemplo a expressão metafórica “As bases da sua teoria ruíram”. Esta expressão resulta da sistematicidade de conceitos que temos sobre o domínio fonte – construção (*alicerce, bases, construir*), para falar de um domínio alvo – teoria (premissa, argumentos, interpretação). As palavras “alicerce” e “construir”, por exemplo, são formas fixas que a cultura ocidental usa para referir-se ao conceito construção.

Para ilustrar o que são essas formas fixas, analisaremos a metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES. Para a construção dessa metáfora há partes do conceito “construção” que os falantes selecionam e usam como índices metafóricos, como “alicerce” e “partes externas”; e há outras partes que normalmente não são usadas (cômodos, escadas etc.). O mesmo acontece com outros conceitos da cultura do grupo. Os usuários tendem a selecionar sempre as mesmas características de um dado DF para conceituar certo DA. Dessa maneira, as palavras “construir” e “alicerce” fazem parte da nossa forma costumeira de falar das teorias (LAKOFF & JOHNSON, 1980; 2002).

Ainda sobre a metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, os autores salientam que, embora essa seja a maneira costumeira de falar metaforicamente sobre teorias, há algumas expressões linguísticas que abarcam as partes da construção que comumente não utilizamos, como no exemplo, “*Teorias complexas normalmente apresentam problemas de encanamento*”. Expressões linguísticas como a do exemplo acima, são denominadas linguagem “*figurada*” ou *imaginativa*”, uma vez que estão fora da linguagem diariamente usada. Nesse caso, tanto a expressão (*Ele construiu uma teoria*) como a expressão imaginativa (*Teorias complexas normalmente apresentam problemas de encanamento*) podem ser exemplos da mesma metáfora geral: TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES.

3.2.2. Metáforas Espaciais ou Orientacionais

As metáforas Espaciais ou Orientacionais, segundo Lakoff e Johnson (1980; 2002), são aquelas metáforas onde um conceito é organizado em relação a outro. São chamadas Metáforas Orientacionais porque mobilizam os esquemas imagéticos de deslocamento no espaço, uma vez que o sistema conceitual é organizado a partir da experiência física e espacial humanas. Assim, nossa experiência concreta de deslocamento no espaço é metaforicamente projetada sobre nossas experiências mais abstratas, como por exemplo, estado emocional, vida social etc.

As metáforas orientacionais não são construídas aleatoriamente. A forma como cada grupo experiencia diretamente o mundo serve de base para a criação das metáforas e, assim

elas vão sendo convencionalizadas. Por isso, as metáforas orientacionais não são arbitrárias e variam de cultura para cultura. Os autores ainda salientam que, o que “chamamos de ‘experiência física direta, não é jamais uma questão de possuir um corpo de determinado tipo; é uma questão de toda experiência acontecer dentro de uma vasta bagagem de pressuposições culturais” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 128).

As metáforas, em conformidade com a variação cultural e linguística, também variam. Um exemplo está na língua Aymarà, idioma falado nos Andes (BORODITSKY, 2011). Para os usuários da língua Aymarà, fatos relativos ao passado são representados como estando à frente da pessoa, e fatos que ainda estão por acontecer, relacionados ao futuro, são representados como estando atrás da pessoa. O passado são fatos já vivenciados, já vistos e por isso estão à frente, *perante* o centro dêitico. O futuro é desconhecido, não visto e, por isso, fica atrás, *fora do campo de visão* do centro dêitico. Boroditsky postula que a linguagem molda dimensões da experiência humana, como, espaço, tempo, causalidade e relacionamento com o outro. Com efeito, isso se confirma pela análise dos exemplos mostrados anteriormente: numa língua como o português, a relação enfatizada é a de trânsito; na outra, a relação pertinente é a de percepção visual etc. No português, a relação temporal é entendida como se o tempo deslocasse. No Aymarà, a relação temporal é entendida como: aquilo que já foi vivenciado, percebido, visualizado.

Nas línguas do mundo são comuns as relações de tempo serem metaforicamente compreendidas em termos de relações de espaço (FLEICHMAN, 1982a; TRAUGOTT, 1975 *apud* TAUB, 2004). Nas culturas ocidentais, geralmente o futuro está relacionado àquilo que está à frente dos indivíduos e o passado está relacionado àquilo que está atrás dos indivíduos.

Taub (2004) ilustra a representação de tempo nas culturas ocidentais conforme figura (3.1), a seguir.

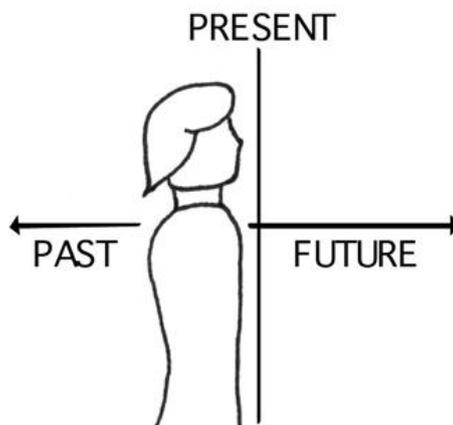


Figura3.1: Representação do tempo (retirada de TAUB 2004, p. 116)

O espaço de tempo, nessas culturas, está relacionado à dimensão espacial. Quanto maior o espaço para trás significa que, o fato se deu em um tempo mais remoto. Da mesma forma, se o espaço é menor, então o fato aconteceu recentemente.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de metáforas observadas a partir de do inglês, e as bases que as ancoram (adaptado de LAKOFF E JOHNSON, 2002, p 60 – 65):

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO.

Eu estou me sentindo para baixo.

Base física: Postura caída corresponde a tristeza e depressão, postura ereta corresponde a um estado emocional positivo

CONSCIENTE É PRA CIMA; INCONSCIENTE É PARA BAIXO.

Ele caiu no sono

Base física: Homens e outros mamíferos dormem deitados e levantam-se quando acordam.

SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA; DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO.

Ele caiu doente

Base física: Doenças graves nos forçam a ficar deitados. Ao morrer ficamos deitados.

TER CONTROLE ou FORÇA É PARA CIMA; ESTAR SUJEITO A CONTROLE ou FORÇA É PARA BAIXO.

Estou por cima nessa situação.

Base física: Tamanho normalmente correlaciona-se com força física e o vencedor numa luta está normalmente por cima.

MAIS É PARA CIMA; MENOS É PARA BAIXO.

Seu número na listagem é alto.

Base física: Se acrescentarmos uma quantidade de uma substância ou objetos físicos a um recipiente ou a uma pilha, o nível ou volume sobe.

EVENTOS FUTUROS PREVISÍVEIS SÃO PARA CIMA (OU PARA FRENTE, ADIANTE).

Temo o que vem pela frente.

Base física: Em geral nossos olhos fixam-se na direção para a qual nos movemos. Quando um objeto se aproxima de uma pessoa (ou a pessoa se aproxima do objeto), o objeto parece ficar maior.

STATUS SUPERIOR É PARA CIMA; STATUS INFERIOR É PARA BAIXO.

Ele tem uma posição superior

Base física e social: Status correlaciona-se a poder (social) e poder (físico) é PARA CIMA.

BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO.

As coisas estão o tempo todo indo para baixo.

Base física para o bem estar pessoal: Felicidade, saúde, vida e controle – as coisas que especialmente caracterizam o que é bom para uma pessoa – são todos PARA CIMA.

VIRTUDE É PARA CIMA; DEPRAVAÇÃO É PARA BAIXO.

Ele é um homem de espírito elevado.

Base física e social: BOM É PRA CIMA (base física) aliada a SOCIEDADE É UMA PESSOA. Agir em consonância com os padrões propostos pela sociedade a fim de manter o bem estar. VIRTUDE É PARA CIMA porque ações virtuosas estão ligadas ao bem estar social. Como as metáforas de base são parte da cultura, o que conta é o ponto de vista da sociedade / pessoa.

RACIONAL É PARA CIMA; EMOCIONAL É PARA BAIXO.

Nós colocamos de lado nossas emoções e tivemos uma discussão de alto nível intelectual sobre o assunto.

Base física e cultural: Em nossa cultura, as pessoas se veem como tendo o controle sobre os animais, as plantas e seu ambiente físico, e é a capacidade especificamente humana de atividade racional que coloca os seres humanos acima dos outros animais que lhes propiciam esse controle.

3.2.3. Metáforas Ontológicas

As Metáforas Ontológicas são assim chamadas porque nesse tipo de metáfora as experiências humanas são compreendidas em termos de entidades ou substâncias que podem ser categorizadas, agrupadas e quantificadas. O termo “ontológico”, tomado da Filosofia, refere-se à investigação teórica do ser em sua dimensão ampla e fundamental (HOUAISS 2007, p. 2067). Assim, o termo ontológico é empregado para designar um tipo de metáfora porque, metaforicamente, tratamos as experiências humanas como “um ser”, uma entidade ou uma substância.

Por meio de metáforas ontológicas concebemos os eventos e as ações como objetos, as atividades como substâncias e os estados como recipientes (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 83). Essas metáforas também evidenciam a relação corpórea que temos com o mundo ao nosso redor e que nos dão a base para significar e expressar linguisticamente essas ideias, emoções e atividades como entidades, substâncias e recipientes. Segundo os autores, o uso de metáforas ontológicas é necessário para que possamos lidar racionalmente com nossas experiências, pois é através das metáforas ontológicas que podemos chegar a conceitos abstratos como fenômenos naturais e sociais, eventos, atividades e emoções, atribuindo-lhes características específicas e discretas dos seres humanos. Dão-se limites artificiais a esses conceitos abstratos. Esse processo é que permite, metaforicamente, quantificar e identificar tais conceitos (2002, p. 77).

As metáforas ontológicas são mais evidentes quando atributos humanos são dados a objetos inanimados em geral (personificação), como no exemplo “A inflação atacou o alicerce de nossa economia” (2002, p.88). Nesse caso há duas metáforas: INFLAÇÃO É PESSOA e INFLAÇÃO É ADVERSÁRIO. Esse tipo de metáfora não segue um processo geral e único, pois cada personificação irá diferir de acordo com os aspectos humanos que são selecionados.

Apresentamos alguns exemplos de metáforas ontológicas usadas com diferentes propósitos (adaptado de LAKOFF & JOHNSON 2002, p. 77):

Referir-se – *A classe média é uma poderosa força silenciosa na política americana.*

Quantificar – *Há tanto ódio nesse mundo.*

Identificar aspectos – *O lado mal de sua personalidade vem à tona sob pressão.*

Identificar causas – *A pressão de suas responsabilidades causou o seu esgotamento.*

Traçar objetivos e motivar ações – *Ele foi para Nova Iorque em busca de fama e fortuna.*

Os exemplos nos mostram que, na linguagem utilizada em interações no cotidiano, ao expressarmos as ideias, não damos conta de que utilizamos de outros conceitos mais concretos, como objetos, substâncias e recipientes, para referirmos às experiências de caráter mais abstrato, como emoções, estados psicológicos, eventos e ações cotidianos. Assim como nos casos das metáforas orientacionais, a maioria das expressões linguísticas que manifestam metáforas ontológicas não são percebidas como metafóricas, porque fazemos tanto uso dessas metáforas cotidianamente que não nos damos conta.

3.3 Contribuições de Zoltan Kövecses (2005; 2010) para o estudo da Metáfora

Nesta seção apresentaremos as contribuições do linguista húngaro, Zoltan Kövecses (2005; 2010) para o estudo da metáfora. Em suas pesquisas, Kövecses (2005; 2010) adota as bases teóricas da Metáfora Conceitual dadas por Lakoff e Johnson (1980; 2002) e estende esses estudos mostrando a universalidade e a variação metafórica entre as culturas e os grupos, bem como propõe novos critérios para a categorização das metáforas, sem descartar as bases dessa teoria. As pesquisas desenvolvidas por Kövecses abrangem tanto a língua inglesa, falada nos Estados Unidos, como línguas européias, asiáticas e africanas.

No prefácio da primeira edição de sua obra *Metaphor: a practical introduction*, Kövecses (2004) sumariza a visão tradicional de metáfora nos seguintes termos:

- Metáfora é uma propriedade das palavras e, por isso, é apenas um fenômeno linguístico;
- Metáforas são usadas para propósitos artísticos e retóricos;
- Metáforas são baseadas em uma semelhança entre as duas entidades que são identificadas e comparadas;
- Metáfora é o uso consciente e deliberado das palavras e só pode ser usada por pessoas com talentos especiais;
- Metáforas são usadas para causar efeitos especiais, não sendo adequado seu uso na comunicação diária, pois não fazem parte da racionalidade e do pensamento.

Contrapondo às características da visão tradicional sobre a metáfora, mencionadas anteriormente, Kövecses (2010) apresenta os cinco aspectos da Teoria da Metáfora propostas por Lakoff e Johnson (1980; 2002):

- Metáfora é uma propriedade dos conceitos;
- A função das metáforas é o melhor entendimento de certos conceitos, e não só para fins artísticos e estéticos;
- Metáforas não são frequentemente baseadas em similaridades entre conceitos;
- Metáforas são usadas abundantemente pelas pessoas no seu dia a dia, não sendo o seu uso restrito a pessoas privilegiadas;
- A metáfora é um processo inevitável do pensamento e da racionalidade humana.

Para uma compreensão mais precisa dos postulados da Teoria da Metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 2002) é necessário entender que a metáfora é produto de um processo, envolvendo os mapeamentos que acontecem entre domínios e todas as redes neurais envolvidas nessa atividade que é, ao mesmo tempo, cognitiva e linguística (FAUCONNIER; TURNER, 2008), conforme veremos na seção (3.4) deste capítulo.

Esse processo é uma capacidade partilhada por todos os seres humanos. É uma particularidade da espécie humana e, por isso, todos os indivíduos são capazes de elaborar metáforas, de pensar metaforicamente. O produto desse processo cognitivo são as metáforas propriamente ditas, expressas nas diversas línguas. Dessa forma, a capacidade de conceptualizar o universo e o fato de que isso se dá no nível cultural, é universal, filogeneticamente falando. Mas as configurações que essa capacidade/processo toma nos níveis linguístico e conceitual podem variar de uma cultura para a outra, o que pode ser inferido a partir do pressuposto de que as culturas variam.

Assim, seja na China, na Sibéria, no Alasca ou em um grupo indígena da Amazônia brasileira, todos esses sujeitos são capazes de metaforizar, porque se trata de uma capacidade cognitiva partilhada pela espécie humana. Por conseguinte, se essa é uma capacidade filogeneticamente partilhada, há metáforas tanto na modalidade linguística falada quanto na gestual. Além disso, expressamos metáforas de forma não linguística, conforme veremos na seção (3.2). Um ponto ao qual Kövecses (2005) dispensou atenção foi a universalidade da metáfora. Trataremos também sobre esse aspecto na seção (3.5) deste capítulo.

Kövecses (2010) também aborda a metáfora do ponto de vista cognitivo e adota a mesma definição dada por Lakoff e Johnson no qual se postula que a Metáfora Conceitual consiste de dois domínios conceituais, onde um domínio é entendido em termos de outro. Um domínio conceitual é uma organização coerente de experiências a partir das quais elaboramos os conceitos (DF e DA).

Em relação à classificação quanto aos tipos de metáforas proposta por Lakoff e Johnson (2002), Kövecses (2010) trouxe avanços. Segundo Kövecses, a classificação feita por Lakoff e Johnson leva em consideração somente o aspecto funcional das metáforas, quando categoriza as metáforas em Conceituais, Orientacionais e Ontológicas. Assim, quando o usuário da língua usa **um conceito em termos de outro**, faz isso via *Metáfora Conceitual/Estrutural*. Se, para expressar alguma ideia, esse usuário **organiza um conceito em relação a outro**, usa de *Metáforas Orientacionais*, e, quando esse mesmo usuário **dá às experiências humanas o caráter de entidades ou substâncias**, para tanto, faz uso de *Metáforas Ontológicas*. Desse modo, sob a perspectiva de Fauconnier (1994) e Fauconnier; Turner (2008), dependendo do objetivo que esse usuário quer atingir, ele seleciona mapeamentos e os mescla com outros mapeamentos, criando assim novos conceitos.

Para Kövecses (2010), as metáforas devem ser classificadas não só pela função que exercem, mas também por sua natureza, pelo grau de convencionalização que apresentam, e pelo nível de generalização que têm. Nas subseções a seguir explicitaremos os critérios para classificação propostos por esse autor.

3.3.1 Nível de Convencionalização

O nível de convencionalização usado por Kövecses (2010) diferencia-se do conceito “convencionalizado” usado na linguística, na semiótica e na filosofia da linguagem. Tais vertentes tomam esse conceito como sinônimo de “arbitrário”. Esse conceito, para Kövecses (2010), toma a acepção de “bem estabelecido, bem arraigado” no uso feito pela comunidade linguística. Por exemplo, na cultura ocidental temos uma maneira já convencionalizada de pensar e falar sobre “teorias”. Na metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, usamos invariavelmente o verbo “construir” para nos referirmos às teorias. Da mesma forma, quando concebemos a vida como uma viagem, na metáfora conceitual VIDA É UMA VIAGEM, costumamos utilizar o conceito “caminho” para nos referirmos ao conceito “vida”.

Nota-se, pelos exemplos dados acima, que os aspectos do DF selecionados são invariavelmente os mesmos quando uma metáfora é convencionalizada por uma comunidade.

Assim, à medida que uma comunidade de falantes faz uso de determinadas metáforas e expressões linguísticas que as expressam, mais convencionalizadas essas expressões e metáforas vão ficando. A convencionalização, então, está presente tanto na metáfora quanto na expressão linguística que manifesta essa metáfora.

Apresentamos a seguir algumas metáforas e expressões metafóricas¹⁵ já convencionalizadas na cultura ocidental segundo (Kövecses, 2010, p.34):

ARGUMENTO É GUERRA: *Eu defendi meus argumentos.*

AMOR É UMA VIAGEM: *Nós temos que seguir nossos caminhos separados.*

TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES: *Precisamos construir uma nova teoria.*

IDEIAS SÃO ALIMENTOS: *Não consigo digerir tantas informações.*

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS SÃO PLANTAS: *A empresa está crescendo muito.*

VIDA É UMA VIAGEM: *Ele teve uma vantagem de saída na vida.*

3.3.2. Nível de Generalização

Para Kövecses as metáforas conceituais podem ser classificadas pelo nível de generalização em que estas se encontram. O nível de generalização diz respeito a como os conceitos são empregados. Esses conceitos podem estar num “nível genérico”, pois empregam conceitos mais amplos, ou num “nível específico”.

No nível genérico, são utilizadas apenas algumas propriedades dos conceitos para a definição de outras noções. Essas propriedades são bem amplas e os conceitos são caracterizados por uma estrutura que se apresenta em forma de esqueleto, como nos casos das concepções de “eventos, ações etc.”. Um exemplo é a noção dada pelo esquema “*Motion*” (movimento), que genericamente apresenta uma localização inicial, um movimento ao longo de um caminho e uma localização final.

Vejamos o exemplo de metáfora do nível genérico “GENERIC IS ESPECIFIC” (GENÉRICO É ESPECÍFICO). Essa metáfora ajuda-nos a interpretar clichês e provérbios que estão num nível de maior amplitude, como no exemplo: “*Deus ajuda quem cedo madruga*”.

¹⁵Tradução nossa.

ARGUMENT IS WAR: *I defended my argument.*

LOVE IS A JOURNEY: *We'll just have to go our separate ways.*

THEORIES ARE BUILDINGS: *We have to construct a new theory.*

IDEAS ARE FOOD: *I can't digest all these facts.*

SOCIAL ORGANIZATIONS ARE PLANTS: *The company is growing fast.*

LIFE IS A JOURNEY: *He had a head start in live.*

As palavras “*ajuda, cedo e madruga*” são conceitos mais específicos que nos permitem entender o provérbio que tem o significado genérico: “*Qualquer um que fizer algo primeiro, obterá o que deseja antes dos outros*”. O nível genérico, segundo esse autor, tem função fundamental no nosso sistema conceitual metafórico. No exemplo acima, a interpretação como metáfora está bem arraigada na cultura brasileira, por exemplo.

Quando os conceitos são empregados de forma mais específica, ou seja, um número maior de propriedades desses conceitos é apresentado, então as metáforas têm “nível específico” de generalização. As concepções “vida, viagem, argumento, guerra, ideias e comida” são exemplos do nível específico. Assim, o conceito genérico “*movimento*”, citado anteriormente, pode ser detalhado como na noção de viagem. Assim temos: “*um viajante, um ponto de partida, um meio de transporte etc*”, que compõem a metáfora VIDA É UMA VIAGEM.

As metáforas conceituais podem ser de nível genérico e nível específico, mas a maioria delas emprega conceitos que estão no nível específico de generalização (KÖVECSES, 2010). Na convencionalização, o que se observa é, como e o quanto uma metáfora é usada por um grupo linguístico. Se a compreensão dessa metáfora é partilhada por esse grupo, significa que essa metáfora já está convencionalizada nesse grupo. Já a generalização de uma metáfora diz respeito a quais aspectos de um determinado domínio conceitual são utilizados para a elaboração dessa metáfora. Assim, quanto mais propriedades de um determinado conceito forem utilizadas na formação de uma metáfora, mais específica ela será. Um exemplo são os conceitos “caminho”, “espaço inicial” e “espaço final” que são aceitos como DF na metáfora A VIDA É UMA VIAGEM.

3.3.3. Função Cognitiva

A função cognitiva diz respeito ao modo como as pessoas comumente pensam e significam o mundo. Para a caracterização da função cognitiva, Kövecses (2010, p. 37) adota a classificação das metáforas apresentadas inicialmente por Lakoff e Johnson (2002). Assim, temos as Metáforas Conceituais/Estruturais, Orientacionais e Ontológicas.

As funções cognitivas que as metáforas executam de acordo com essa classificação são:

- a) Metáforas Estruturais: possibilitam aos falantes entenderem B (domínio alvo) pela estrutura de A (domínio fonte). O exemplo é o conceito “tempo”, que pode ser estruturado a partir da noção de “movimento e espaço”. Dessa forma a compreensão

da metáfora TEMPO É MOVIMENTO, na expressão linguística, “*O tempo de agir está chegando*”; é possível porque o conceito de tempo (DA) é entendido como algo que se desloca no espaço (DF).

- b) Metáforas Ontológicas: nesse tipo de metáfora, como já mencionamos anteriormente, concebemos as experiências humanas em termos de objetos, substâncias ou recipientes, sem especificar exatamente a qual tipo de substância, objetos e recipientes estamos nos referindo. Um exemplo é quando “medo” é concebido como “objeto”. Nesse caso podemos concebê-lo como algo do qual podemos ter “posse”. Assim, teremos a expressão metafórica: *Todos os meus medos*. Outro exemplo dado é “mente” como “objeto”, onde teremos a expressão metafórica: *Minha mente está enferrujada*.
- c) Metáforas Orientacionais: o nome deriva do fato de a maioria das metáforas que tem essa função terem como base a orientação espacial humana como: para cima/baixo, central/periférico etc. Kövecses (2010) diz ser mais apropriado chamar esse tipo de metáfora de Metáforas de Coerência, por estar mais de acordo com a função cognitiva que elas têm. O termo “Coerente” deve-se à maneira uniforme com que os conceitos tendem a ser conceptualizados. Assim, na cultura ocidental, a orientação “para cima” tende a ter avaliação positiva e a orientação “para baixo”, avaliação negativa. Por exemplo, as metáforas MAIS É PARA CIMA, SAÚDE É PARA CIMA, FELICIDADE É PARA CIMA, RACIONAL É PARA CIMA, têm a mesma orientação espacial “para cima”, porque expressam positividade. As metáforas opostas a estas têm orientação espacial “para baixo”, como em MENOS É PARA BAIXO, DOENTE É PARA BAIXO, TRISTE É PARA BAIXO, IRRACIONAL É PARA BAIXO, porque expressam negatividade. É dessa forma que nosso corpo se comporta; quando está bem, temos uma postura mais ereta. O contrário se dá quando se sente triste ou mesmo doente. A tendência nesses casos é de termos uma postura arqueada, com a cabeça baixa.

3.3.4. A natureza das metáforas

Sobre a natureza das metáforas, Kövecses (2010) afirma que elas podem ter sua base no conhecimento e nas imagens. Segundo o autor, algumas estruturas do conhecimento constituídas por elementos básicos são mapeadas do domínio fonte (concreto) para o domínio alvo (abstrato), mas, em alguns casos, os elementos usados para os mapeamentos são

elementos dos esquemas imagéticos. Metáforas resultantes desse processo são denominadas metáforas do esquema imagético.

Esquemas imagéticos são representações conceituais relativamente abstratas e se originam da observação diária que fazemos do mundo ao nosso redor. Esses esquemas derivam, portanto, de experiências sensoriais e perceptuais (FAUCONNIER, 1994). Emergem principalmente nos nossos primeiros anos de vida, quando iniciamos a experimentação e a interação com o mundo. Dessa forma, esses esquemas surgem concomitantemente ao nosso desenvolvimento físico e psicológico.

Para que possamos entender esse tipo de metáfora vejamos como se dá esse processo. As nossas experiências com o mundo e os fenômenos físicos e culturais que nos afetam diretamente possibilitam a criação de imagens relativas a esses fenômenos. A formação das imagens dá-se pelas experiências vivenciadas repetidas vezes. Por exemplo, em relação à sensação que temos quando bebemos um copo de água gelada em um dia de muito calor: experienciar esse fenômeno possibilita que, mesmo que não o estejamos vivenciando num dado momento, tenhamos consciência de como ele se dá. Muitas vezes até visualizamos, de forma imaginativa, que estamos bebendo água gelada quando estamos sedentos. São os esquemas imagéticos que possibilitam, por exemplo, a criação e compreensão literária, onde associamos percepções e conhecimentos prévios para criarmos e inferirmos significados.

O termo “metáfora do esquema imagético” se aplica porque, nesse caso, não são usados elementos básicos nos mapeamentos, e sim elementos de esquemas imagéticos que formamos ao longo da vida. Assim, o mapeamento do DF para o DA é pequeno porque esses mapeamentos exploram mais as sensações básicas advindas das experiências cotidianas. São experiências físicas e/ou sensoriais como essas que permitem que formemos uma representação conceitual abstrata – os esquemas imagéticos. O esquema imagético “para cima-para baixo”, por exemplo, é que nos permite criar a extensão metafórica “Eu estou me sentindo para baixo” (KÖVÉCSSES 2010, p. 43).

Uma propriedade dos esquemas imagéticos é que eles servem como base para outros conceitos. O esquema “movimento”, que implica ponto de partida, deslocamento e ponto de chegada, quando relacionados a uma viagem, é que permite a metáfora VIDA É UMA VIAGEM. Nesse caso, o esquema imagético “movimento” está implícito no conceito “viagem”.

Kövecses (2010) acata o postulado de que as expressões linguísticas tornam-se explícitas ou são manifestações de metáforas, e que nossas experiências com o mundo físico servem como uma base natural e lógica para a compreensão de conceitos abstratos. Assim,

pelo princípio da “unidirecionalidade” constatado por Lakoff e Johnson (1980; 2002), o ser humano tem tendência de estruturar os conceitos menos concretos em termos de conceitos mais concretos advindos de sua experiência física com o mundo. Esse princípio foi contestado por Fauconnier; Turner (2008), ao afirmarem que, no processo de mesclagem, tanto o DF como o DA fornecem elementos para a formação de novas redes conceituais. A mesclagem consiste em “integrar estruturas parciais de dois domínios separados em uma única estrutura com propriedades emergentes dentro de um terceiro domínio” (FAUCONNIER 1999, p. 22 *apud* SCHRÖDER 2010). Sobre as contribuições desses autores, veremos as inovações trazidas por eles na seção (4) deste capítulo.

Alguns DF e DA mais comuns apresentados por Kövecses (2010):

- a) Domínio Fonte (DF): corpo humano, animais, plantas, edifícios e construções, máquinas e ferramentas, jogos e esportes, dinheiro e transações econômicas (negócios), cozinha e alimentos, calor e frio, claro e escuro, forças, movimento e direção.
- b) Domínio Alvo (DA): emoções, desejos, moralidade, pensamento, sociedade/nação, política, economia, relações humanas, comunicação, tempo, vida e morte, religião, eventos e ações.

Kövecses (2010), em consonância com Lakoff e Johnson (1980; 2002), afirma que geralmente utilizamos somente uma parte do DF, ou seja, selecionamos somente alguns elementos do domínio fonte para caracterizar o domínio alvo; não havendo uma transferência direta de todos os elementos. Nesse caso temos dois tipos de metáforas. Metáforas primárias – quando somente parte dos elementos do domínio fonte é utilizada para caracterizar o domínio alvo, e metáforas complexas – aquelas formadas pela combinação de metáforas primárias.

Um exemplo de metáfora primária dado pelo autor é a metáfora FELICIDADE É VITALIDADE. Nessa metáfora o aspecto do domínio fonte utilizado é “a energia” que o estado de felicidade proporciona, e que, permite entender felicidade em termos de vitalidade. Uma pessoa alegre é ativa, tem energia e seu corpo se mantém numa postura ereta. São os traços do domínio fonte (postura ereta) que dão sentido para a compreensão do conceito mais abstrato, o domínio alvo (felicidade).

Outro aspecto que Kövecses destaca são as realizações não linguísticas das metáforas. Em consonância com Lakoff (1993), ele afirma que as metáforas se manifestam não só por meio de línguas específicas, mas também de outras formas, como nas estórias em quadrinhos, pinturas, esculturas, mitos, desenhos, interpretações de histórias, gestos etc.

3.3.5. Universalidade e variabilidade na Metáfora

Kövecses (2005) realizou uma pesquisa para verificar se as metáforas presentes nas línguas de um determinado tronco linguístico ocorreriam também em línguas pertencentes a outro. Essa pesquisa levou em conta dados do Húngaro, Japonês, Chinês, Zulu, Polonês, Wolof e Tahitiano. Algumas metáforas presentes no Inglês foram selecionadas com o objetivo de verificar se elas ocorreriam também nas demais línguas analisadas.

Em colaboração com outros pesquisadores, Kövecses (2005) verificou que a universalidade pode ser observada no nível genérico, na metáfora PESSOA IRRITADA É RECIPIENTE PRESSURIZADO. O conceito “raiva”, como esses pesquisadores constataram, parece ser concebido da mesma forma em várias línguas. Segundo essa pesquisa, uma hipótese para essa universalidade pode derivar de certos aspectos fisiológicos humanos que são universais. Outro fato que explica essa universalidade é que os conceitos que têm sua base nas experiências humanas são corporificados.

Os resultados da pesquisa também mostraram que nem todos os conceitos têm motivação corporal relacionada ao funcionamento fisiológico humano, como é o caso da metáfora acima. Há outros tipos de correlação que fazemos a partir de nossas experiências e que não são de ordem fisiológica, como é o caso da percepção cultural, e que podem motivar outras metáforas. Como os aspectos sensoriais e culturais variam de pessoa para pessoa e de cultura para cultura, nem todas as experiências humanas são índice para a criação de metáforas, havendo assim as variantes metafóricas. A relação do corpo com o meio, no entanto, é o principal fornecedor de conceitos básicos (DF) que ancoram a elaboração de conceitos mais abstratos (DA).

A pesquisa de Kövecses (2005) abrange os conceitos relativos à corporificação, ou seja, da influência das relações do corpo com o meio social, cultural e físico para a formação de conceitos. Tais relações estão presentes na elaboração de conceitos subjacentes à universalidade e variação metafórica. Nessa pesquisa, o autor afirma que há variações da metáfora entre línguas e dentro de uma mesma língua.

Os aspectos e as causas que estão envolvidos na variação das metáforas foram identificados partindo-se da questão “Até que ponto as pessoas de todo o mundo compartilham o seu entendimento sobre os aspectos do mundo em que vivem?”.¹⁶ Nesse sentido, um dos pontos que precisam ser postos em evidência é a relação da metáfora com a

¹⁶Tradução nossa: “*To what extent do people around the world share their understandings of aspects of the world in which they live?*”

cultura. O autor concluiu que “a metáfora pode ser uma parte inerente da cultura” (KÖVECSES 2005, p. 2).

A pesquisa sobre universalidade e variação metafórica trouxe avanços em relação às pesquisas iniciadas por Lakoff e Johnson (1980; 2002). Segundo Kövecses (2005), as metáforas primárias são importantes para o desenvolvimento e para a cognição como um todo, mas ele as considera “sem vida” em comparação com as metáforas complexas. No que tange à compreensão da metáfora, em geral, e culturalmente falando, as metáforas complexas são aquelas que as pessoas usam mais cotidianamente. Esse autor afirma que as metáforas destacam-se muito mais por suas propriedades culturais do que por serem entidades e processos cognitivos, e que para a análise sobre a variação e a universalidade da metáfora, as complexas forneceram mais elementos para investigações. O autor não descarta a existência de metáforas universais, mas salienta que, devido a fatores culturais, essa quantidade é restrita porque as metáforas primárias são derivadas da corporificação dos aspectos fisiológicos humanos.

Outro aspecto que Kövecses (2005, p. 11) acrescenta à Teoria da Metáfora é que “metáforas conceituais (ambas, complexas e primárias) têm um ou vários focos significativos”¹⁷. Cada DF fornece elementos predeterminados para o DA ao qual se destina e se aplica. Outras conclusões importantes desse autor foram apresentadas por meio do seu trabalho *Metaphor in culture: universality and variation* (2005), tais como:

- a) Kövecses (2005) ratifica que a faculdade racional humana não é separada, independente ou autônoma em relação ao corpo e suas capacidades sensório-motoras – a percepção e o movimento (LAKOFF & JOHNSON, 2002). A razão, nesse sentido, é fundamentalmente corporificada. Assim, damos sentido ao mundo em conformidade como interagimos com ele, ou seja, conforme o exploramos com nosso corpo e nossos sentidos. Johnson (1987) afirma que a forma com que manipulamos objetos, nos movimentamos e percebemos o mundo segue alguns padrões e, que sem esses padrões, nossas experiências seriam caóticas e incompreensíveis. Esses padrões são os chamados esquemas de imagens, “image schemata”, já definidos anteriormente (seção (4)). A esse respeito Silva (2012, p. 80) afirma que, “a experiência cinética, ou motora, é o protótipo que constitui o input para haver a projeção metafórica para domínios”.

¹⁷Tradução nossa: “I believe conceptual metaphors (both the complex and primary kinds) have one or several ‘meaning foci’.

- b) Segundo a análise de Kövecses, as metáforas que são baseadas nas experiências corpóreas tendem a ser universais, uma vez que elas são coerentes com alguns aspectos físicos humanos, como no exemplo, a “pressão arterial”. Mas há também outro tipo de corporificação que embasa as conceptualizações metafóricas, a corporificação baseada em aspectos culturais, como as que derivam das primeiras experiências da criança na família. Ele também apresenta casos em que as metáforas ultrapassam as questões relacionadas à corporificação e que aparentemente podem gerar conflitos e incoerências. Nesses casos, o que existe é uma correlação entre várias experiências corpóreas que embasam determinadas metáforas, fazendo gerar novos mapeamentos. Os quais, por sua vez, são cada vez mais sofisticados e abstratos.
- c) Assim como a racionalidade humana não é autônoma em relação às funções físicas, o corpo também não funciona de forma isolada do contexto em que os sujeitos estão inseridos, e esses contextos moldam as metáforas partilhadas pelo grupo. O ambiente, o contexto sociocultural e as diversas situações comunicativas no grupo, bem como as experiências individuais, influenciam na formação e variação entre as metáforas. Além disso, o autor afirma que essas metáforas variam ao longo do tempo, conforme as variações histórico-culturais do grupo e também de cada indivíduo e suas idiosincrasias.
- d) As metáforas que caracterizam determinados grupos e indivíduos são coerentes com a forma com que esses grupos e indivíduos significam o mundo, bem como com seus estilos. Dessa forma, as metáforas podem variar de cultura para cultura e dentro de uma mesma cultura.

Em suma, Kövecses (2005, p. 293) reitera que as metáforas são, a um só tempo, “inevitavelmente conceituais, linguísticas, neurocorporais e socioculturais”¹⁸. As metáforas, então, podem variar devido aos diferentes processos cognitivos e às diferentes experiências sociais e culturais. As variações culturais, portanto, excluem as possibilidades de conceptualizações universais. Por isso, o autor afirma não ser possível estudar a cognição humana sem se estudar a cultura, porque a mente é resultante da cultura e das relações estabelecidas do corpo com o meio, onde os três – mente, cultura e corpo interagem mutuamente a todo instante (2005, p. 294).

Explicitamos as bases da Teoria da Metáfora, especificamente aquelas apresentadas por Lakoff e Johnson (1980; 2002) e Kövecses (2005; 2010). Mostraremos, a seguir, as

¹⁸Tradução nossa: “metaphor is inevitably conceptual, linguistic, neural-bodily, and social-cultural – all at the same time”

contribuições dos autores Giles Fauconnier e Mark Turner para o aprofundamento da teoria, no que diz respeito aos mapeamentos envolvidos na formação da metáfora. Os avanços científicos no campo da neurociência contribuíram de forma substancial para essas inovações nos estudos da metáfora, dentro da perspectiva cognitivista.

3.4 Contribuições de Giles Fauconnier e Mark Turner (2002; 2008)

Para Fauconnier e Turner (2008), a metáfora é um subcaso da mesclagem dos espaços mentais, onde os mapeamentos entre os espaços mentais são o centro de todo o processo cognitivo, seja no processo de transposição, seja no processamento de significados.

O ponto chave das ideias trazidas por esses autores, em relação à metáfora, é que não há somente uma transposição de elementos conceituais pré-existentes do DF para o DA, como o que Lakoff e Johnson (1980; 2002) haviam preconizado na teoria da metáfora conceitual. Para eles, as redes neurais se integram formando novos mapeamentos e esses mapeamentos se integram a outros mapeamentos já existentes, os quais, por sua vez, irão formar novos mapeamentos e domínios.

O sistema conceitual/cognitivo humano vai se sofisticando constantemente como resultado da interação com o outro e com o meio físico e cultural (PULVERMÜLLER, 2002). Nesse processo de interação e vivências, espaços mentais vão se formando e criando estruturas temporárias que em outros momentos serão utilizadas, de modo que, nos processos diários de elaboração conceitual, sempre haverá uma integração daquilo que já internalizamos. Passado, presente ou futuro se integram, resultando das mesclagens entre os mapeamentos. A linguagem visível, segundo a comparação do autor, é apenas “a ponta do iceberg”, enquanto há outros aspectos subjacentes aos processos cognitivos envolvidos que estão “submersos” enquanto falamos e pensamos (FAUCCONNIER, 1999).

O fenômeno da mesclagem, segundo os autores, é a chave para a afirmação de que não só reproduzimos os mundos simbólicos já existentes, mas produzimos novos conceitos, novos mundos simbólicos. A mesclagem consiste em “integrar estruturas parciais de dois domínios separados em uma única estrutura com propriedades emergentes dentro de um terceiro domínio” (FAUCCONNIER 1999, p. 22 *apud* SCHRÖDER 2010). Os “espaços mentais representam cenários particulares estruturados por domínios convencionalmente dados”. Nesses casos, ambos os domínios (DF e DA) fornecem inputs para a mesclagem. Assim, a concepção não é equivalente à concepção de domínios, e é nesse aspecto que há um rompimento com a tese da unidirecionalidade oferecida por Lakoff e Johnson (1980; 2002).

O exemplo trazido por Fauconnier; Turner (2002) ilustra como se dá a mesclagem entre dois domínios, onde ambos os domínios fornecem inputs que se juntam para a formação de um terceiro domínio. Essa junção dos *inputs* é o fenômeno chamado compressão ou descompressão. No exemplo representado pelo esquema da figura (3.2) a seguir, o cenário de dois homens lutando boxe apresenta um espaço mental em que se comprime nosso entendimento sobre dois chefes de diferentes empresas em estado de competição. Temos um mapeamento resultante dos inputs “boxe” e “negócios”. Existe um mapeamento entre “chefe” e “boxeador”, “soco no estômago” e “esforço para vencer”, e “permanência no ringue” e “competição continuada”.

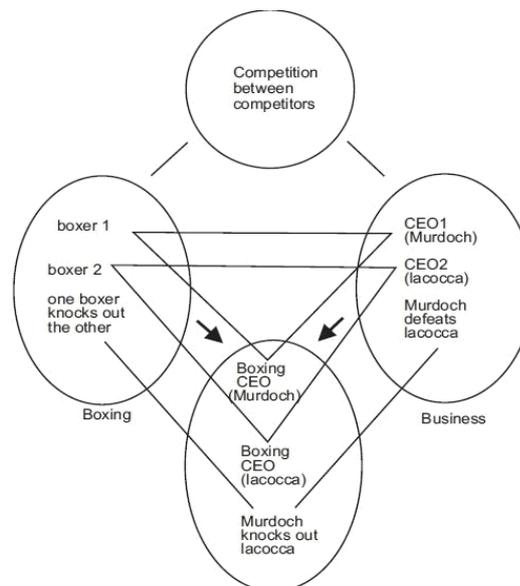


Figura 3.2: Representação da mesclagem (Adaptado de FAUCONNIER; TURNER, 2002)

Assim, temos o primeiro input, “boxear” (boxeador 1, boxeador 2, um boxeador nocauteia o outro), o segundo input, “negócios” (chefe 1, chefe 2, um chefe vence o outro), o espaço genérico (disputa entre competidores) e a mesclagem “chefes lutando boxe” (chefe 1 contra chefe 2, um chefe nocauteia o outro).

O fenômeno da compressão se dá nos níveis temporal, local e dos participantes (agentes) envolvidos: na mesclagem temos dois boxeadores num ringue por um determinado tempo, o tempo de uma luta; ao contrário dos empresários que firmam uma competição por um tempo indeterminado e mais longo. Essa competição entre os empresários indiretamente envolve mais que dois participantes e ocorre em locais diferentes (não é somente em uma sala específica).

Esse exemplo aparentemente envolve somente dois domínios, mas o que Fauconnier e Turner propõem é que os mapeamentos derivam de redes neurais integradas, as quais envolvem vários espaços mentais e seus inputs, as mesclagens e as compressões resultantes das relações físicas e culturais humanas (FAUCONNIER; TURNER *apud* GIBBS, 2008). Essa estrutura é muito mais rica e sofisticada que as mesclagens aos pares, propostas inicialmente por Lakoff e Johnson (1980; 2002).

Produtos conceituais nunca representam o resultado de um único mapeamento. O que nós denominamos metáforas conceituais, como TEMPO É DINHEIRO ou TEMPO É ESPAÇO, são na realidade construções mentais envolvendo muitos espaços e muitos mapeamentos em redes de integração elaboradas, construídas através de princípios gerais distintos. Essas redes de integração são muito mais ricas do que os feixes de ligações aos pares, tratados em teorias recentes da metáfora (FAUCONNIER; TURNER 2008: 53)¹⁹.

As redes de integração resultam de vários espaços que fornecem inputs e são constituídas tanto por estruturas já convencionalizadas como por novas estruturas. A integração entre redes neurais não se dá de forma solta nem são estruturas pré-existentes. As redes neurais, que embasam nossas ações e pensamento, são e estão sempre integradas. Integramos estruturas e conceitos já construídos ao longo do tempo e transmitidos através das gerações. Também criamos mapeamentos novos em contextos específicos. Dessa forma, podemos encontrar não somente partes já convencionalizadas em redes de integração, mas também novos mapeamentos e compressões. Assim, há mesclagens múltiplas nas quais podemos observar a fusão de vários espaços de input que, por sua vez, são resultantes de mesclagens já existentes. A mesclagem resultante desses espaços de input gera um novo espaço de input. As redes, nesse sentido, sempre abrem possibilidades para novas mesclagens e para a emergência de novos espaços de input, uma vez que sempre haverá a ação e interação humana com o meio físico, cultural e social.

Para os estudos da metáfora é preciso “observar a complexidade das integrações que estão por trás dos sistemas metafóricos conceituais” (FAUCONNIER; TURNER 2008, p. 65). É imprescindível levar em conta a história cultural dos grupos e as estruturas que emergem das relações entre os sujeitos desses grupos, no tempo e no espaço. As metáforas são manifestações importantes e salientes da integração conceitual que perpassa e resulta dessa interação cotidiana.

¹⁹Tradução nossa: “Conceptual products are never the result of a single mapping. What we have come to call conceptual metaphors like TIME IS MONEY or TIME IS SPACE, turn out to be mental constructions involving many spaces and many mappings in elaborate integration networks constructed by means of overarching general principles. These integration networks are far richer than the bundles of pairwise bindings considered in recent theories of metaphor”.

3.5 As contribuições de Faria-Nascimento (2003) para o estudo da metáfora na Libras

Faria-Nascimento (2003) desenvolveu seu trabalho de dissertação de mestrado pela Universidade de Brasília - UnB, caracterizado por uma pesquisa-ação que foi desenvolvida em uma escola pública do Distrito Federal, cujo tema é “*Metáfora na LSB²⁰ e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*”. A referida pesquisa ocorreu em um contexto para formação de professores e contou com a participação de estudantes surdos. Neste trabalho a pesquisadora teve como objetivos: i) elucidar como os surdos fazem a construção e desconstrução o sentido polissêmico e metafórico ao lerem textos em língua portuguesa, ii) promover a consciência da L1 por parte dos estudantes surdos, de forma que percebam os itens lexicais e os fraseologismos presentes no dialeto da LSB em Brasília, iii) analisar a metáfora presente em atos de fala que envolvem surdos e ouvintes em situações de interação formais e/ou informais.

A pesquisa se divide em dois grandes eixos, conforme a própria autora menciona. No primeiro, a autora apresenta os fraseologismos e metáforas presentes na LSB contrastando com as metáforas na LP, por meio de uma taxionomia detalhada dos dados. No segundo, dedica-se à análise e reflexões do ensino de L1 e L2 para surdos ao longo dos anos e apresenta propostas para o ensino de LP. Ainda no segundo eixo, apresenta estratégias para o ensino de leitura como L2. Para os propósitos da nossa pesquisa, concentramos a atenção e estudos no primeiro eixo da obra, especialmente o capítulo III, sem, no entanto, desconsiderar as contribuições do todo.

Segundo a pesquisadora os elementos paronímicos, homonímicos e metafóricos presentes na LP dificultam a compreensão de sentidos e usos desta língua nos diversos contextos por parte das pessoas surdas. Tais dificuldades não são apresentadas por ouvintes, pelo fato de estarem imersos nesse contexto pragmático linguístico desde o nascimento, pois, à medida que os usuários de LP interagem vão internalizando e dominando o uso de tais elementos e fenômenos. Por isso, para essa pesquisadora, apresentar aos surdos os recursos linguísticos da LP e as questões culturais, especialmente quando estes textos são polissêmicos e metafóricos favorecem a ampliação de sentidos presentes nos atos de fala e interação. Além disso, conhecer tais recursos possibilita ampliar a competência comunicativa, incidindo sobre a construção de sentidos dos textos nesta língua. Tal ação faz-se necessária, haja vista que, os aspectos culturais incorporadas na LP não são internalizadas pelos surdos desde a infância,

²⁰ A autora opta por usar a terminologia LSB, como mencionamos na Introdução desta pesquisa, optamos por utilizar a nomenclatura: Libras.

como acontece com crianças ouvintes, que ao ouvirem expressões, que inicialmente podem parecer estranhas, logo tomam consciência do seu sentido naquele contexto específico, afirma Faria-Nascimento (2003, p. 25):

As questões culturais incorporadas à LP não lhes são transmitidas naturalmente como acontece com os ouvintes que, quando crianças, ouvem expressões “estranhas” em LP, mas, aos poucos, vão descobrindo o que realmente elas significam e as naturalizam.

A autora opta então, durante a pesquisa-ação, por uma proposta contrastiva entre LP e Libras (LSB) visando identificar estes elementos nas duas línguas. A pesquisa enfatiza a importância dos estudantes surdos tomarem consciência destes elementos para que os mesmos possam interpretar textos escritos em LP. Por isso, também advoga sobre a importância do surdos terem acesso à língua de sinais desde o nascimento e do ensino se dar na perspectiva bilíngue.

Antes de iniciar a pesquisa, achava que o surdo interpretava todo o texto, em LP, ao pé da letra. Durante a primeira aula registrada na pesquisa, já com olhar de pesquisadora, me surpreendi com um fato a que nunca havia atentado: não se tratava de uma interpretação ao pé da letra. A partir desta constatação e do acesso à vasta literatura envolvendo a temática da significação e da construção de sentido na relação autor-leitor, enunciador-locutor, foi possível entender que o leitor tem voz na interpretação de textos e esta voz não é divorciada de sua concepção de mundo. (FARIA NASCIMENTO, 2003)

Como consequência do contraste entre as duas línguas e o enfoque dado à metáfora na LSB, a autora pode mostrar aos participantes, estudantes e professores, que homonímia, paronímia e metáforas estão presentes em todas as línguas, não sendo recursos exclusivos das línguas orais. No entanto, postula que surdos interpretam o mundo de formas diferentes dos ouvintes. Tal diversidade decorre da experiência essencialmente visual de interagir com o mundo. Nesse sentido, evidencia-se que os traços culturais presentes e adotados por grupos distintos influenciam na forma de significar e interpretar o mundo; e as palavras, sinais, enunciados, discursos tomam sentido a partir dos contextos de uso conforme Lakoff e Johnson (1980; 2002) e Wilcox (2000).

Nessa pesquisa, a autora recorre aos pressupostos desses mesmos autores citados anteriormente para distinguir a iconicidade, metonímia e metáforas nos dados coletados. e constata que, assim como nas línguas orais, várias metáforas na LSB tem base física e cultural. Alicerçada nesses pressupostos, no capítulo III da pesquisa, afirma que é possível um item lexical em Libras ser, ao mesmo tempo, icônico, metonímico e metafórico, como apresentar um dos aspectos isolados.

Os dados do dialeto da LSB de Brasília revelaram o uso de itens/fraseologismos metafóricos semelhantes na forma e no sentido na LP e LSB; e uso de itens/fraseologismos semelhantes no sentido, mas diferentes na forma na LP e LSB, que apresentam metáforas diferentes. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos de itens/fraseologismos identificados por Faria-Nascimento (2003).

3.5.1 Itens e fraseologismos na LSB em contraste com a LP e que apresentam metáforas semelhantes.



Item / Fraseologismo em LSB	
<p>Há duas formas</p> <p>Descrição de "A":</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mão ativa em [A]¹³⁸ – ou espalmada –, batendo várias vezes na bochecha; <p>Descrição de "B":</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mão ativa em [V], tocando o dedo médio na lateral da frente, afastando-se para bem distante do corpo e unindo os dedos na CM: [H]. 	
<p>Glosa de "A" em LP: (TER)-CARA-DE-PAU FOLGADO!</p>	<p>Glosa de "B" em LP: INTROMETIDO! ABUSADO! AFOITO! OFERECIDO! NÃO-ESTAR-NEM-AÍ</p>
ANÁLISE METAFÓRICA	
<p>Análise de "A": A rigidez de uma superfície rígida como a madeira que não se deforma, não se modifica com algumas pancadas é associada ao fato de uma pessoa sequer mudar de expressão facial para agir numa situação que pode causar constrangimento para a maioria das pessoas. Nesse sentido, ocorre uma metáfora semelhante à de "cara dura" em LP. Se a expressão facial não se altera, é rígida, a pessoa que tem a dita "cara de pau" faz o que quer e não guarda ressentimento, mesmo que faça algo não compatível com as normas sociais. O domínio fonte seria a inalterância da madeira mesmo diante de uma pancada; enquanto o domínio alvo seira a face sem alterar expressão diante de situação embaraçosa.</p>	
<p>Análise de "B": Evidencia-se nesse item a hipótese de que o item NATURAL da LSB possa estar associado a cara de pau. Parece uma variação da forma do item que representa o conceito de NORMAL, NATURAL em LSB, estendendo-se a agir com naturalidade em situações embaraçosas para a maioria das pessoas. O domínio fonte de "B" se refere ao termo natural; enquanto o domínio alvo se refere à naturalidade diante da ruptura de condutas socialmente aceitáveis.</p>	

Figura 3.3: Item/fraseologismo em LSB e LP - "CARA-DE-PAU", "FOLGADO" (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



XI	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição:	– Mão passiva em [F], segurando os lábios e a mão ativa em [bO] traçando um movimento como se costurasse os lábios, cerrando-os.
Glosa em LP:	COSTURAR-A-BOCA
ANÁLISE METAFÓRICA	
Costurar os lábios de alguém impede a pessoa de falar. A idéia metafórica em costurar os lábios traduz uma forma de fazer alguém que não se cala de conter esse impulso de falar, ou ainda, uma forma de prometer guardar algum segredo. Há um tempo, havia um programa humorístico na TV, que usava ironicamente um fraseologismo com o mesmo sentido, apesar de a metáfora ser diferente: minha boca é um túmulo!	

Figura 3.4: Item/fraseologismo em LSB e LP - “COSTURAR-A-BOCA” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



XV	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição:	– Duas mãos em [A _s] sobre a frente, abrindo-as em [^5], acompanhadas de expressão facial de espanto.
Glosa em LP:	ARREPIAR-OS-CABELOS FICAR-COM-OS-CABELOS-EM-PÉ ASSUSTAR
ANÁLISE METAFÓRICA	
"Quando faz frio, a circulação é interrompida, ou seja, os vasos sanguíneos da pele contraem-se para conservar o calor. Isso faz com que fiquemos pálidos. Mas também acontece de os músculos que temos em volta dos pêlos endurecerem e deixarem os pêlos espetados. Então dizemos que estamos arrepiados. (...) Além do frio, podemos ficar arrepiados por causa de um susto qualquer ou por medo". (Reviejo:49 e 66). Em suma, o arrepio está associado a algumas sensações: frio, emoções fortes, choque, susto, medo. Um susto de pavor e medo causa arrepios nos pêlos de todo o corpo. A metáfora associa esse arrepio a qualquer fato surpreendente, escandaloso que possa ocorrer com a pessoa ou que ela possa presenciar ou ainda que seja a ela relatado.	

Figura 3.5: Item/fraseologismo em LSB e LP - “ARREPIAR-OS-CABELOS”, “FICAR-COM-OS-CABELOS-EM PÉ” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



XVI	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição:	
– Mão ativa em [Ê] com as pontas dos dedos tocando o queixo. Abaixa-se a mão e, concomitantemente, abre-se a boca.	
Glosa em LP:	
CAIR-O-QUEIXO!	
FICAR-BOQUIABERTA!	
FICAR-DE-QUEIXO-CAÍDO!	
FICAR-ADMIRADO!	
FICAR-HORRORIZADO!	
ESTAR-PASMO!	
ANÁLISE METAFÓRICA	
Diante de situações causadoras de surpresa e espanto, os músculos da face se relaxam e a ausência do tônus da face permite o abaixamento do maxilar inferior, aparentando um queixo caído. Esta explicação faz parte do domínio fonte e o domínio alvo estende esse relaxamento facial a qualquer situação que impressione, cause surpresa e admiração.	

Figura 3.6: Item/fraseologismo em LSB e LP - “CAIR-O-QUEIXO!”, “FICAR-BOQUIABERTO!”, “FICAR-DE-QUEIXO-CAÍDO!”, FICAR-ADMIRADO!”, “FICAR-HORRORIZADO!”, “PASMO!” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



XVIII	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição:	– Uma das mãos em concha, unindo as pontas dos dedos até tocar os lábios.
Glosa em LP:	DEIXOU-X¹⁴⁴-MUDO DEIXAR-X-SEM-FALA CALAR-X (por algum motivo) NÃO-SE-FALA-MAIS-NISSO EU-FIQUEI-MUDO
ANÁLISE METAFÓRICA	
No domínio fonte, temos uma referência da cultura ouvinte: cerrar os lábios impede uma pessoa de falar. No domínio alvo, "deixar alguém sem fala" ou "calar alguém" por algum motivo é como cerrar seus lábios. É interessante que essa metáfora foi incorporada na LSB sem alteração semântica e sem alteração articulatória, pois falar em LSB é modalidade visuo-espacial, não fazendo referência à oralidade. Entretanto, transparece na metáfora o traço da oralidade – que pode ser explicada pelo "assujeitamento surdo" decorrente dos anos de submissão ouvintista ¹⁴⁵ , ao mesmo tempo em que pelo simples empréstimo do termo da LO. Fato semelhante ocorre na LSB com relação a "entrar num ouvido e sai pelo outro", mas que na variante pesquisada da LSB compete com a forma culturalmente surda: "entrar por um olho e sair pelo outro" ¹⁴⁶ .	

Figura 3.7: Item/fraseologismo em LSB e LP - “DEIXOU-X- MUDO”, “DEIXAR -X-SEM-FALA”, “CALAR-X”, “NÃO-SE-FALA-MAIS-NISSO”, “EU-FIQUEI-MUDO” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



XXIII
Item / Fraseologismo em LSB
Descrição: – Mão ativa em [5] diante do rosto, aproximando-a dele, com força, e retendo o movimento antes de tocar o rosto.
Glosa em LP: DAR-COM-A-CARA-NA-PORTA
ANÁLISE METAFÓRICA
Cuidado para não confundir “bater a porta na cara de alguém” com “bater com a cara na porta”. No primeiro caso parece haver uma ação negativa de um indivíduo sobre o outro, no segundo, o indivíduo sofre a ação sem pôr a culpa em alguém. É como ir a um lugar e não ser atendido e já estar fechado. A expressão parece ser usada em LSB somente com o segundo sentido.

Figura 3.8: Item/fraseologismo em LSB e LP - “COM-A-CARA-NA-PORTA” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



XXV
Item / Fraseologismo em LSB
Descrição: – CM em [G _g], saindo da boca, com a língua um pouco para fora.
Glosa em LP: (TER)-LÍNGUA-GRANDE (SER)-LINGUARUDO
ANÁLISE METAFÓRICA
Em LP uma metáfora muito comum refere-se à língua da sogra e à língua grande. Em LSB, este item associa-se da mesma forma a “falar muito”. A língua é o órgão essencial para a fala oral. Portanto, essa metáfora nos levaria às seguintes interpretações: a) quanto maior a língua, maior a capacidade da pessoa para falar, ou mais a pessoa fala; b) pessoa que tem língua grande fala mais que pessoa que tem língua pequena. Assim, quem fala demais corre o risco de pesar a língua ao ponto dela quase a língua cair.

Figura 3.9: Item/fraseologismo em LSB e LP - “TER-LÍNGUA-GRANDE”, “SER-LINGUARUDO” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



XXX	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição:	- Mão passiva em CM intermediária entre [B] e [^B], Or para baixo, lado radial da mão diante do corpo do enunciador. A mão ativa em [A _s], cruzando sob o braço da mão ativa e tocando-o abrindo a mão em CM [B].
Glosa em LP: (FAZER-X)-POR-BAIXO-DO-PANO SUBORNO	
ANÁLISE METAFÓRICA	
Em LP, esse item metaforiza uma transação ou um acontecimento que ocorre por baixo dos panos para caracterizar algo que não se vê, ou uma situação ilícita realizada às escondidas. No capítulo 4 de Lakoff (1980) o Autor fala do termo em inglês "underhanded". É curioso como é a mesma metáfora na LSB. Entretanto, somente com uma análise histórica, incluindo o estudo do item utilizado para o mesmo sentido, seria possível determinar com precisão se a motivação e a origem do item em LSB teria sido a mesma. Como a LSB tem origem na LSF que também deu origem à ASL, é um caminho possível de análise.	

Figura 3.10: Item/fraseologismo em LSB e LP - “FAZER-X-POR-BAIXO-DO-PANO” “SUBORNAR” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).

3.5.2 *Itens e fraseologismos na LSB em contraste com a LP (semelhantes no sentido, mas diferentes na forma) e que apresentam metáforas diferentes.*



I	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição:	- A mão ativa com a CM em [Ô], tocando o nariz e afastando-se do corpo, acompanhada de expressão facial de desagrado. Obs.: o item pode ser realizado também com as duas mãos articulando-se simetricamente, em sentidos opostos.
Glosa em LP:	NÃO-ESTOU-NEM-AÍ-PARA-X DEIXA-ISSO-PRA-LÁ DESPREZO
ANÁLISE METAFÓRICA	
Normalmente, o nariz está associado apenas ao cheiro como cheirar, odor, podre, entretanto, há outros itens lexicais que são articulados no nariz e não se associam a cheiro: acusar, admirar, teimar – O nariz é o ponto central do rosto. Todos os itens a ele associados parecem ter uma idéia pontual centralizada na atenção.	

Figura 3.11: Item/fraseologismo em LSB e LP - “NÃO-ESTOU-NEM-AI-PARA-X”, “DEIXA-ISSO-PRA-LÁ”, “DESPREZO” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



IV	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição:	- Mão passiva dobrada – punho para cima e cotovelo para baixo. A mão ativa segura o cotovelo da mão dobrada e se distancia dele com a CM em [˘5]
Glosa em LP:	QUE-CIÚME! ESTAR-COM-DOR-DE-COTOVELO ESTAR-COM-CIÚME!
ANÁLISE METAFÓRICA	
Assemelha-se a dor de cotovelo, entretanto, a metáfora é mais próxima de “cair o cotovelo” do que propriamente “ter dor de cotovelo” como é a metáfora em LP. Parece, assim, criar uma analogia com “cair o queixo”, ampliando o sentido metafórico que pode ter sido motivado pelo empréstimo, mas que ampliou seu sentido mostrando-se uma metáfora com motivação própria da LSB.	

Figura 3.12: Item/fraseologismo em LSB e LP - “QUE-CIÚME!”, “ESTAR-COM-DOR-DE-COTOVELO”, “ESTAR-COM-CIÚME” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).



VII	
Item / Fraseologismo em LSB	
Descrição de "A" e "A'":	
- Mão ativa em "y" passando nas costas da mão passiva com CM em [A _s], na direção do enunciador ou do interlocutor – a depender do sentido que se quiser apresentar – com braço dobrado diante do peito, de baixo para cima.	
Glosa de "A" e "A' " em LP:	
DAR-O-BOLO / LEVAR-O-BOLO	
DAR-O-CANO	
FALHAR-COM-ALGUÉM	
PISAR-NA-BOLA	
DEIXAR-X-NA-MÃO	
DECEPÇÃO	
ANÁLISE METAFÓRICA	
Análise de "A" e "A' ":	
Não se refere apenas a faltar um compromisso. Tem um sentido de que alguém decepciona alguém. É um item direcional, ou seja, tem concordância com o indivíduo que sofre a ação.	
Na minha introspecção não identifiquei a metáfora presente neste item. Se houver metáfora pode ter havido também um esquecimento etimológico ¹⁴⁷ .	

Figura 3.13: Item/fraseologismo em LSB e LP - “DAR-O-BOLO”, “DAR-O-CANO”, “FALHAR-COM-ALGUÉM”, “PISAR-NA-BOLA”, “DEIXAR-X-NA-MÃO”, “DECEPÇÃO” (FARIA-NASCIMENTO, 2003).

Conforme postulado pela autora, a pesquisa ratifica o *status* linguístico da Libras e apresenta construções metafóricas como nas demais línguas orais e de sinais. Além disso, destaca a necessidade de possibilitar que os surdos identifiquem tais metáforas na Libras - L1 e na LP - L2 por meio do ensino bilíngue.

Defendemos o status linguístico da LSB e sustentamos que suas estruturas metafóricas são legítimas, ao contrário do que muitos pensam. As metáforas se processam na LS como em qualquer outra língua e não se restringem a empréstimos adquiridos da LP, mas também, e em grande parte, a estruturas, “atividades” originadas no contexto e motivadas pela significação de mundo partilhada pela comunidade surda. (...) e que podem mostrar aos surdos que elas também estão presentes na LSB, mas naturalizadas por eles; da mesma forma, estão presentes na LP e naturalizadas pelos ouvintes. Parte da dificuldade que os primeiros têm ao construir o sentido dos textos em LP se deve ao fato de a metáfora estar impregnada da cultura que perpassa pela língua, orientada pela visão de mundo de seus falantes e desconhecida pelos surdos. (...) se os surdos entenderem que a metáfora é a busca do entendimento de uma coisa por outra, tentarão buscar nos domínios fontes, alvos possíveis dentro da visão do mundo ouvinte, ampliando-lhes as possibilidades de construção de sentido. (FARIA-NASCIMENTO, p. 204-205)

Por fim, afirmamos que a pesquisa de Faria-Nascimento (2003) apresenta contribuições riquíssimas, não só para a área de educação de surdos, bem como para o campo

da linguística aplicada; e constitui-se como obra seminal dentro da linguística descritiva no que diz respeito à descrição da metáfora na Libras.

3.6 A distinção entre Metáfora e Metonímia

Além de apresentar os três tipos de metáforas – conceituais, orientacionais e ontológicas – Lakoff e Johnson (2002) chamam atenção para a distinção existente entre a metáfora e a metonímia. Para eles, na expressão “*O sanduíche de presunto está esperando sua conta*”, onde “sanduíche de presunto” refere-se à pessoa que pediu o sanduíche, não pode ser compreendida como metáfora de personificação, uma vez que a compreensão de “*sanduíche de presunto*” não se dá pela atribuição de qualidades humanas ao sanduíche.

Ao contrário da personificação, onde atributos humanos são dados a entidades não humanas, na metonímia tomamos uma parte da entidade para nos referirmos a essa entidade por completo. Outro exemplo de metonímia citado pelos autores é: “Tem uma porção de cabeças boas na universidade”. Para expressarmos a ideia de que há várias “pessoas inteligentes”, selecionamos a parte humana “cabeça”, que é o centro da cognição humana, para nos referirmos às pessoas inteligentes na universidade. Assim, ao invés de dizermos “Tem uma porção de gente inteligente na universidade”, dizemos, “Tem uma porção de cabeças boas na universidade”.

Lakoff e Johnson afirmam que metáfora e metonímia são fenômenos de naturezas distintas. Enquanto a metáfora é usada para *conceber* uma coisa em termos de outra, tendo como função a compreensão, a metonímia é usada para *representar* uma coisa em termos de outra, tendo como função a *referenciação*. Assim, na cena do “sanduíche de presunto” (MCI), estabeleceu-se o sanduíche como item referencial, metonímico, para representar o freguês que fez o pedido.

Kövecses (2010, p.173), embasado nas pesquisas de Lakoff e Johnson, define metonímia como “um processo cognitivo em que uma entidade conceitual, o veículo, fornece acesso mental para outra entidade conceitual, o alvo, dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo idealizado (MCI)”²¹. Conforme esses autores, “*entidade veículo*” (*vehicle entity*) é o ser que dirige a atenção ou fornece acesso mental; e o ser ao qual a atenção é dirigida ou que recebe o acesso mental denomina-se “*entidade alvo*” (*target entity*). Quando a entidade veículo fornece acesso a uma entidade alvo e essas duas entidades pertencem ao mesmo

²¹Tradução nossa: “*Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same domain, or idealized cognitive model (ICM)*”.

domínio (Modelo Cognitivo Idealizado – MCI), temos uma relação de contiguidade característica da metonímia.

Modelos cognitivos idealizados (MCI) são os conhecimentos que ao longo de nossas vidas são armazenados em estruturas mentais. Lakoff (1987) define MCI como um conjunto de frames. De acordo com Fillmore (1982 *apud* FERRARI, 2011), frame é um sistema estruturado de conhecimento armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência. Para esse autor, o significado das palavras é subordinado a frames, uma vez que a interpretação de uma determinada palavra requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência física e culturais humana.

Essas estruturas são mais ou menos estáveis porque, de acordo com as nossas intenções ou necessidades, retiramos, acrescentamos ou reorganizamos informações e assim atualizamos os saberes sobre as diversas áreas experienciadas que arquivamos na memória. Denominam-se Modelos Cognitivos Idealizados por se tratar de estruturas mentais disponíveis para serem aplicadas em situações com características similares, nas quais tais conceitos se aplicam. Ainda segundo Lakoff (1987), há três tipos disponíveis de princípios que estruturam a composição de um MCI: (i) a estrutura proposicional; (ii) os esquemas imagéticos e (iii) os esquemas metafóricos e metonímicos.

Um MCI contém todas as especificidades de informações que temos sobre determinado tema. Essa estrutura, como já dissemos, vai se ampliando na medida em que o conhecimento sobre esse tema aumenta. Dessa forma, novas palavras, conceitos, procedimentos são agregados conforme experienciamos situações relativas ao tema. Por exemplo, nas áreas de conhecimento ‘saúde’, ‘economia’ e ‘energia’, observam-se os seguintes MCIs, quadro (3.1), a seguir.

Quadro 3.1 *Modelos cognitivos idealizados dos conceitos saúde, economia e energia.*

MCI SAÚDE	MCI ECONOMIA	MCI ENERGIA
vitalidade	finanças	combustível
disposição	dinheiro	força
boa aparência	riqueza	necessidades
bom funcionamento	fatura	produção
FALTA DE SAÚDE	lucros	produtos
doença	trabalho	meios

No quadro (3.1) anterior, procuramos representar resumidamente três domínios de conhecimento, onde colocamos algumas informações que, em geral, são disponíveis sobre

cada um dos temas. Conforme nossas interações e nossas intenções no cotidiano, acionamos as informações que temos armazenadas nos diversos MCIs. Uma determinada informação ou conceito de um MCI pode ser projetado para interpretar enunciados em diferentes domínios, correlacionando-se às informações do contexto.

Nos exemplos de MCI supracitados, enunciados como “economia pálida”, “falência de órgãos”, “fatura de energia” e “indisposição do mercado” são plenamente possíveis e fazem sentido porque resultam da mesclagem entre os MCIs. Nesse caso, trazem parcialmente o sentido inicial e ganham novos sentidos com as relações que são processadas no novo contexto em que são empregados. Nesse processo, o conjunto de conhecimentos de um MCI é projetado em outro.

Tomemos o MCI “produção”, onde temos as seguintes informações: livro/obra, autor, local de produção etc. Uma metonímia possível dentro desse mesmo ICM é AUTOR PELA OBRA – codificada, por exemplo, pela expressão linguística “Eu estou lendo Mario Quintana”.

A metonímia tem, em parte, o mesmo uso da metáfora. O que diferencia uma da outra é que a metonímia nos permite focalizar, de forma mais específica, determinados aspectos da entidade referida (LAKOFF & JONHSON, 2002, p. 97).

Kövecses (2010, p. 172) salienta que, assim como as metáforas, as metonímias não se apresentam de forma isolada, mas podem ser apresentadas em grupos conforme a caracterização das relações estabelecidas entre uma entidade e outra. Kövecses (2010) utiliza os mesmos grupos já apresentados por Lakoff e Johnson (2002): PARTE PELO TODO, PRODUTOR PELO PRODUTO, OBJETO PELO USUÁRIO, CONTROLADOR PELO CONTROLADO, INSTITUIÇÃO PELO RESPONSÁVEL, LOCAL PELA INSTITUIÇÃO e LOCAL PELO EVENTO²².

Da mesma forma que as metáforas, as metonímias são sistemáticas, e não aleatórias. As metonímias também variam de cultura para cultura, uma vez que os conceitos que estruturam nosso pensamento, atitudes e ações têm sua base nas nossas experiências corpóreas e podem variar de uma cultura para outra (LAKOFF; JOHNSON 1987; 2002).

Kövecses (2010) apresenta de forma sintética quatro aspectos que distinguem a metonímia da metáfora:

²² As metonímias também são grafadas em caixa alta, seguindo a convenção proposta em Lakoff e Johnson (1987; 2002).

- a) Na metonímia temos uma relação de contiguidade, enquanto na metáfora a relação é de similaridade entre os domínios;
- b) A metáfora envolve dois conceitos que estão distantes, cada um em seu domínio conceitual, embora esses conceitos sejam similares; assim, a metáfora usa dois domínios distintos e distantes, ou seja, MCI diferentes. A metonímia, ao contrário, envolve duas entidades ou elementos intimamente relacionados em um mesmo espaço conceitual; esses elementos estão em um único domínio;
- c) Metáforas têm como função entender uma coisa em termos de outra; enquanto a Metonímia tem como principal função fornecer acesso cognitivo e mental a entidades-alvo menos disponíveis;
- d) Metáforas ocorrem somente entre conceitos.

Nesse capítulo, vimos que a concepção sobre a metáfora passou por mudanças significativas após os estudos de Lakoff e Johnson (1980; 2000). A metáfora, após esses estudos, deixou de ser vista como simples alegoria da linguagem usada em produções literárias. Estes autores defendem que a metáfora é um processo cognitivo humano que não está dissociado das demais funções mentais e que está intimamente relacionada com a forma como lidamos com o mundo. Após esses estudos, outros autores têm aprofundado os estudos acerca do fenômeno cognitivo de metaforizar. Dentre estes autores, destaca-se a pesquisa que trata da relação da metáfora com as culturas (KÖVECSES; 2005; 2010) e a pesquisa de caráter cognitivista que estabelece as relações entre o uso de espaços mentais distintos para constituição das metáforas (FAUCONNIER, TURNER; 2002).

Apresentamos também que a metáfora se distingue da metonímia. Enquanto a primeira é usada para *conceber* uma coisa em termos de outra, tendo como função a compreensão, a segunda é usada para *representar* uma coisa em termos de outra, tendo como função a *referenciação*.

4 A ICONICIDADE METAFÓRICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS

As questões relativas ao status das LS já foram superadas desde os estudos de William Stokoe (1960), a partir da década de sessenta do século XX, nos quais ficou evidenciado que as LS são completas no sentido de possibilitar a comunicação entre os usuários, o seu desenvolvimento intelectual, bem como sua expressão cultural. De fato, essas línguas possuem princípios subjacentes também presentes nas línguas orais, como um léxico (conjunto de símbolos convencionados) e uma gramática (um sistema de regras que regem esses símbolos), sendo, portanto uma língua natural (STOKOE, 1960, p.30), conforme vimos no capítulo 1 desta pesquisa.

Somente após estas constatações foi que pesquisadores passaram a se debruçar sobre os estudos linguísticos das LS. Enquanto as LO já contam com um arcabouço variado de estudos, nas LS esses estudos comparativamente estão em número menor. No entanto, a intensificação das pesquisas em LS tem dado inúmeras contribuições para os estudos da linguagem e cognição humanas.

Na seção (4.1) deste capítulo apresentaremos as contribuições das pesquisas desenvolvidas por Wilcox (2000) e Taub (2004) sobre a iconicidade e a arbitrariedade nas LS. A seção (4.2) trata da metonímia na ASL e na Libras, apresentando exemplos de sinais metonímicos do léxico de ambas as línguas. A seção (4.3) discorre sobre os sinais de natureza icônico-metafórica e apresenta exemplos da ASL e da Libras. No final desta seção apresentamos o sinal para o conceito metáfora na Libras.

4.1 Iconicidade e arbitrariedade das Línguas de Sinais

Não se pode tratar sobre a metáfora nas LS sem mencionar o fator da iconicidade. Taub (2004) define a iconicidade argumentando que não é uma relação objetiva entre imagem e referente; antes, é uma relação entre nossos modelos mentais e os referentes. Assim, é uma relação entre os elementos (concretos e abstratos) que compõem a cultura e a forma como conceptualizamos estes elementos. Esses modelos mentais, por sua vez, são parcialmente motivados pelas experiências corporificadas por todos, e parcialmente motivados pelas experiências partilhadas cultural e socialmente, e, por isso, são mais particularizadas (HAIMAN, 1983). Wilcox (2000, p.37) aponta para a grande difusão da iconicidade entre as línguas de sinais, o que pode estar diretamente relacionado ao fato de que tais línguas são de modalidade visual.

Atualmente, os estudos funcionalistas e cognitivistas têm demonstrado a relevância da iconicidade para a organização estrutural das línguas (TALMY, 1983; GIVÓN, 1985; FAUCONNIER, 1994; PULVERMÜLLER, 2002). A teoria cognitivista preconiza que o significado não é baseado somente na realidade objetiva, nem é completamente arbitrário e subjetivo. Nossas estruturas conceituais e os sentidos linguísticos são originários de nossas experiências corporificadas. A iconicidade, conforme definida por Haiman (1983) e Taub (2004), é motivada pelas relações entre os elementos da cultura e a forma como se conceptualiza mentalmente esses elementos (os modelos mentais) e, os modelos mentais são construídos por meio das experiências corpóreas envolvendo os elementos da cultura, então, as línguas têm caráter icônico, em maior ou menor grau, porque a expressão linguística manifesta os conceitos formados na relação com o mundo e com a cultura.

O fato de se reconhecer a presença da iconicidade nas LS não significa que essas línguas sejam consideradas como pantomima ou mímica. A mímica se restringe às habilidades físicas do imitador. Os sinais das LS apresentam padrões estruturais (parâmetros) e princípios²³ que os regem. Além disso, as LS não são totalmente icônicas, elas também apresentam sinais arbitrários (TAUB, 2000 *apud* LEITE, 2008). Estudos da ASL e da Libras demonstraram que alguns sinais perdem a iconicidade original, ao longo do tempo (KLIMA; BELLUGI, 1979; QUADROS; KARNOPP, 2004). De fato, a iconicidade e a arbitrariedade são características das línguas em geral, sejam elas orais ou de sinais, e manifestam-se nos níveis lexical, morfológico e sintático.

Uma das grandes dificuldades enfrentadas no estudo de metáforas em LS reside na diferenciação entre o que é icônico e o que é metafórico. Para Taub (2004), no caso das metáforas, há o cruzamento semântico resultante da justaposição de dois domínios (DF e DA) e na iconicidade há uma escolha de características básicas do sinal. Como o domínio fonte apresenta caracteristicamente aspectos relacionados aos conceitos mais concretos, na maioria das vezes esse domínio é de natureza icônica. Nesse caso, é difícil remover o ‘véu’ da iconicidade que cobre os mapeamentos metafóricos nas línguas de sinais. A autora afirma que os mapeamentos não são aleatórios e seguem critérios tanto na iconicidade como na metáfora, nos seguintes termos:

Os mapeamentos usados na iconicidade e na metáfora preservam a estrutura parte/todo de cada domínio ou forma. Assim, na iconicidade, as partes do referente são representadas por partes análogas da forma linguística; e na

²³ Neste contexto, os termos “princípios” e “parâmetros” **não se referem** aos construtos teóricos gerativistas. Em vez disso, remetem ao conceito de parâmetro como unidade quirológica utilizada na articulação dos sinais nas línguas de modalidade visual, e aos princípios gramaticais que regem tais articulações nos diferentes níveis da organização linguística.

metáfora, no geral, participantes são mapeados em participantes, relações são mapeadas em relações e processos são mapeados em processos ²⁴ (TAUB, 2004, p. 5)

Taub (2004) propõe um instrumento para identificação e descrição da iconicidade nas línguas, o modelo de construção análoga da iconicidade linguística. Segundo essa autora, esse instrumento pode ser utilizado em análises de LS e de LO. Por meio dele, é possível ao pesquisador identificar as semelhanças entre os referentes e aspectos tais como os sons, os movimentos e as formas dos signos linguísticos que os representam, mostrando o processo através do qual os itens icônicos surgem nas línguas. A iconicidade nas línguas vai além da relação de semelhança entre o referente e o signo linguístico. Ela revela os processos cognitivos envolvidos na composição da linguagem, conforme vimos no Capítulo 2 deste trabalho. Nas LS, marcadamente, a iconicidade é um recurso explorado na composição estrutural dos sinais. A figura (4.1), a seguir, demonstra a natureza icônica do sinal ÁRVORE na ASL.

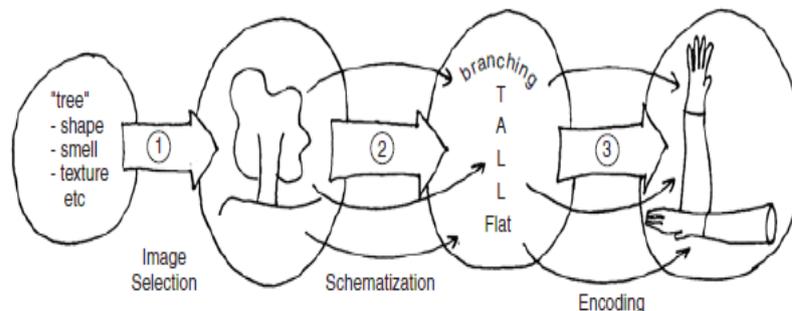


Figure 4.1. Analogue-building process for American Sign Language (ASL) TREE, showing (A) the initial concept *tree*, (B) prototypical visual image of a tree, (C) image schematized to fit ASL's categories, and (D) image encoded as TREE, and the three processes of (1) image selection, (2) schematization, and (3) encoding; arrows show structure-preserving correspondences between B, C, and D.

Figura 4.1: Processo de construção e identificação da iconicidade no sinal ÁRVORE na Língua Americana de Sinais (reproduzido de TAUB, 2004, p. 44)

A sequência do processo pode ser apresentada da seguinte maneira (adaptado de Taub, 2004, p. 45-51):

²⁴Tradução nossa: "The mappings used in iconicity and metaphor preserve the part/whole structure of each domain or form. Thus, in iconicity, the parts of the referent are represented by analogous parts of the linguistic form; and in metaphor, on the whole, participants are mapped to participants, relationships are mapped to relationships, and processes are mapped to processes."

- Um conceito inicial, árvore;
- A seleção de imagem: O conceito árvore contém informações de várias modalidades sensoriais, além das informações enciclopédicas a respeito desse conceito. Mas selecionamos uma dessas informações que represente o conceito por inteiro. No caso de pessoas surdas, a informação selecionada tenderá a ser visual. Outro aspecto dessa seleção é que ela vai ao encontro da cultura partilhada pelo grupo. Convém observar, ainda, que esse processo de seleção é metonímico nos termos de Kövecses (2010) e Lakoff e Johnson (1980; 2002), onde uma parte de determinado referente é usada para entender esse referente por completo, demonstrando assim uma relação do tipo *parte pelo todo*.
- A esquematização: feita a seleção da imagem, o passo seguinte é representar essa imagem utilizando os recursos da língua, certificando-se de que essa imagem selecionada tenha uma forma que possa ser expressa por meio do signo linguístico, nesse caso, os recursos linguísticos da ASL. Se houver muitos detalhes no referente é preciso focar em apenas um. A esquematização é o processo no qual se destacam os detalhes significativos mais gerais, aqueles que melhor representem o referente.
- Codificação: refere-se à escolha da forma linguística que irá representar o conceito de acordo com a imagem selecionada no processo de esquematização. No exemplo da figura (4.1), a imagem esquemática “árvore” consiste de uma estrutura ramificada sobre uma estrutura alta que se assenta sobre uma superfície plana. Verifica-se que, dentro das formas permitidas em ASL, temos: a mão espalhada representando a estrutura ramificada, o antebraço direito erguido representando a altura e o antebraço horizontal e a palma da mão representando a superfície plana sobre a qual se coloca a árvore. Todos os elementos juntos constituem a forma linguística icônica “árvore”, em ASL. Sobre este processo, é preciso deixar claro que cada língua faz suas escolhas no processo de codificação. As LS tendem a escolher elementos icônicos para esse processo.

Taub (2004) elenca alguns dos dispositivos icônicos na ASL como os dêiticos, anáforas e os classificadores. Os dêiticos são recursos utilizados pelos sinalizantes para fazerem referência pronominal e espacial – temporal nos contextos discursivos. Fillmore (1982) aponta que os pronomes são formas prototipicamente dêiticas porque surgem da noção de referência gestual do enunciador e dos demais participantes do/no discurso, embora em

alguns casos possam ter usos não dêiticos. Anáforas, assim como os dêiticos, são formas de apontação e referenciação no/do discurso. As figuras (4.2) e (4.3), a seguir, ilustram o uso de dêiticos nas LS. Na figura (4.2) ocorre a apontação em situações cujos referentes estão presentes. Esse exemplo mostra a apontação de “eu” (o sinalizante) e “você” (o receptor).

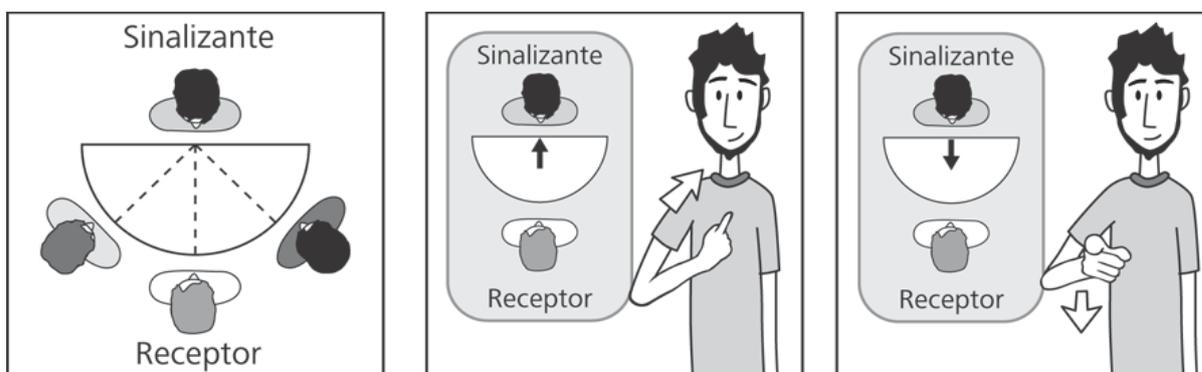


Figura 4.2: Formas pronominais usadas com referentes presentes (reproduzido de Lillo-Martin; Klima, 1990 *apud* Pizzio et al, 2009, p. 4)

Quando se trata de contextos discursivos onde os referentes estão ausentes, a referenciação é realizada como mostra a figura (4.3), a seguir.

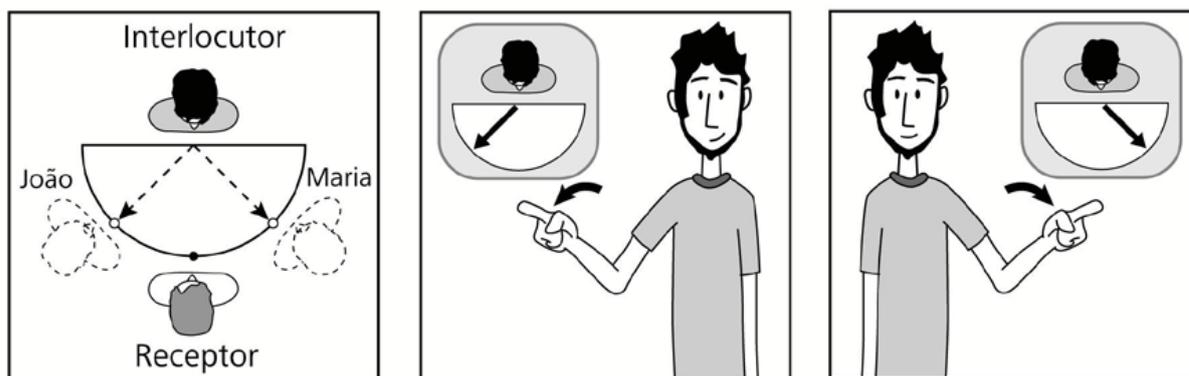


Figura 4.3: Formas pronominais usadas com referentes ausentes (reproduzido de Lillo-Martin; Klima, 1990 *apud* Pizzio et AL, 2009, p.4)

Outro recurso característico das línguas de sinais são os classificadores. Por se tratarem de recursos na maioria das vezes icônicos sob a ótica de leigos, podem ser confundidos com gestos que acompanham a fala. No entanto, os classificadores apresentam características distintas e regras de formação específicas. Na articulação de classificadores as mãos e o corpo são usados para indicar o nome ou característica do referente e o agente da ação. A figura (4.4), a seguir, mostra os classificadores mais produtivos na Libras e

discrimina quais as situações em que são utilizados. Podemos notar que as configurações de mão conforme os contextos de uso expressam iconicamente os referentes.

Configuração de mão (CM)		Usos e exemplos
Y		Usada para representar uma pessoa gorda andando, objetos largos de forma irregular (como telefone, bule de café, salto de sapato, ferro de passar roupas, avião, submarino, chifre de boi), roupas, alimentos e outros objetos em uma casa.
B		CM com algumas variações quanto ao dedo polegar estendido ou não, usada para representar coisas planas, lisas ou superfícies onduladas (como veículos, o telhado de uma casa, um pé num sapato, um livro, uma casa ou rodas de trem[?]).
Gl		Usada para descrever formas lineares, para indicar lugares usando a ponta do dedo e para representar objetos longos e finos (uma pessoa, um poste, um prego, rabo de animais).
F		Usada para representar pequenos objetos cilíndricos (como moedas, botões, uma gota de água), para mostrar o modo de segurar objetos pequenos e finos e usando as duas mãos para descrever objetos cilíndricos longos (como um cano fino)
A (S)		Usada para segurar objetos (como uma faca, um guarda-chuva ou um ramalhete de flores).
V		Usada para representar pessoas (uma pessoa caminhando – V com as pontas dos dedos para baixo, ou duas pessoas em pé – V com as pontas dos dedos para cima).
5		Usada como um substituto do substantivo, pode referir-se a várias entidades (plural) ou somente uma entidade (sem exemplos).

Figura 4.4: Descrição de configurações de mão (CM) de classificadores usadas com maior frequência em Libras (reproduzido de Ferreira-Brito, 1995 *apud* Pizzio et al, 2009, p.4)

A iconicidade é um elemento que está presente na formação dos sinais constituindo-se um recurso fundamental para a compreensão dos contextos enunciativos nas LS. Observar e identificar os elementos de natureza icônica que compõem os sinais e gestos nas LS se torna fundamental para a análise dessas línguas, principalmente no que diz respeito ao processo de metaforização. A iconicidade também está presente na formação dos sinais de natureza metonímica. Sobre esse tipo de sinais, veremos a seção (4.2) a seguir.

4.2 Metonímia na Língua de Sinais Americana (ASL) e na Libras

Enquanto na metáfora entendemos uma coisa em termos de outra, a metonímia tem função referencial, pois uma entidade é representada por meio de um elemento que a caracteriza (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 2002). Wilcox (2000) afirma que a metonímia não é somente uma parte que selecionamos para compreendermos o todo. A seleção dessa parte não é feita aleatoriamente. Ela leva em conta a parte que é mais significativa para a representação do todo. Além disso, a continuidade permite um movimento cognitivo que parte da entidade concreta para a abstrata ou um processo abstrato para um objeto concreto. Como já dissemos no Capítulo 3 desta dissertação, a metonímia envolve associações físicas e causais mais diretas, uma vez que o processo metonímico se dá pela seleção de uma característica ou uma parte selecionada que remeta ou represente o referente. O que a metáfora e a metonímia têm em comum é que ambas são processos que envolvem a linguagem e o pensamento, e são fundamentadas nas nossas experiências (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 2002).

Taub (2004) e Wilcox (2000) constataram a presença de fenômenos linguísticos que envolvem processos metonímicos na ASL. Ambas pesquisaram a metáfora na ASL, mas enquanto a pesquisa da primeira aprofundou-se nas questões relativas à iconicidade nos sinais metafóricos, Wilcox dedicou uma parte de seu trabalho à identificação de metonímias na ASL.

Wilcox (2000) constatou que há vários sinais na ASL que são metonímicos, onde uma parte do referente é representada pelo todo. Os sinais em ASL, ‘COELHO’, ‘TRÊS HORAS’, ‘CAVALO’ e ‘VACA’, são sinais metonímicos de PARTE PELO TODO.

Na Libras, temos como exemplos de sinais metonímicos de PARTE PELO TODO, os sinais ‘VACA’, na figura (4.2); e ‘CAVALO’, figura (4.3), que são metonímicos assim como na ASL; e os sinais ‘ARARA’, figuras (4.4); ‘ELEFANTE’, figuras (4.5); e ‘PORCO’ figuras (4.6), abaixo²⁵.

²⁵ Os sinais mostrados a seguir são reproduzidos do Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais (LIRA; SOUZA, 2008), disponível online. Acessado em novembro de 2013.

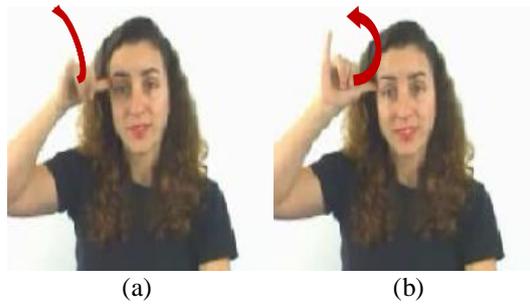


Figura 4.5: Sinal 'VACA' em Libras.

No sinal VACA, os chifres são a parte selecionada do referente.

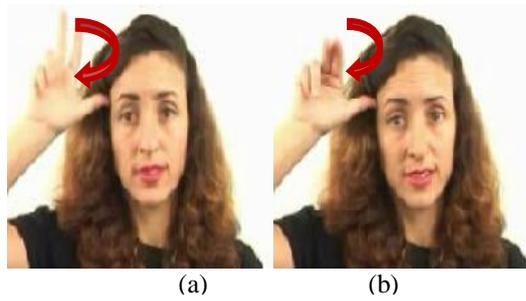


Figura 4.6: Sinal 'CAVALO' em Libras.

No sinal CAVALO, a parte do referente que é selecionada são as orelhas.

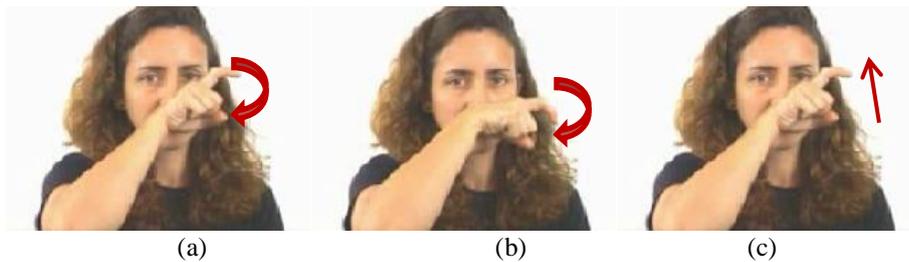


Figura 4.7: Sinal 'ARARA' em Libras

No sinal 'ARARA', a parte do referente que é selecionada é o bico.



FIGURA 4.8: Sinal "ELEFANTE" na Libras.

No sinal ELEFANTE, a parte do referente que é selecionada é a tromba.

Um caso específico de metonímia na ASL para o qual a autora chama a atenção são os sinais ‘CARRO’ e ‘DIRIGIR’²⁶, figura (4.9) a seguir. Esses sinais são as evidências de que a linguagem humana reflete a forma como as pessoas conceituam e significam o mundo ao seu redor a partir dos contextos discursivos. O sentido desses sinais na ASL é distinguido apenas no contexto de uso. Em ambos os sinais a parte do carro selecionada é o volante. A variedade de movimentos (lentos, rápidos, girando etc.) feitos pelo sinalizador ao segurar um volante imaginário confere dois significados ao sinal de acordo com o contexto: o nome “carro” e o verbo “dirigir”. Dessa forma, podemos verificar que aspectos gramaticais e semânticos do sinal são incorporados e elucidados por meio da forma como esse sinal é realizado.



FIGURA 4.9: ‘CARRO’ e ‘DIRIGIR’ na ASL (reproduzido de WILCOX, 2000, p. 91)

Os sinais para ‘CARRO’ e ‘DIRIGIR’ na Libras também são icônicos, como podemos ver na figura (4.10), abaixo. Nessa figura, retirada do Dicionário Digital, a articulação dos sinais são idênticas, mas alguns usuários da Libras, da comunidade surda de Goiânia, articulam o sinal ‘DIRIGIR’ vibrando os lábios de forma simultânea ao movimento das mãos.

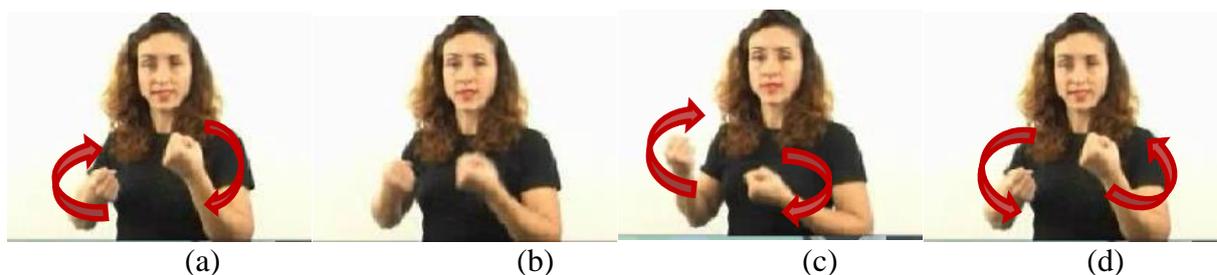


Figura 4.10: Sinal ‘CARRO/DIRIGIR’ em Libras

²⁶ Os sinais metonímicos e metafóricos são grafados em caixa alta, de acordo com a convencionalização estabelecida por Lakoff e Johnson (1980; 2002).

Outro fenômeno linguístico que pode gerar algumas dúvidas na identificação de metáforas e metonímias nas LS é a *símile*. *Símile* é quando usamos uma expressão que descreve uma pessoa ou coisa como sendo semelhante à outra. Um exemplo de comparação na língua portuguesa é, ‘ela tem pernas grandes e finas como uma garça’. A distinção entre metáfora e *símile* é que, na *símile*, a relação de comparação é explícita.

Na ASL, quando os sinalizantes fazem uma comparação entre coisas ou pessoas, usam o sinal ‘IGUAL/COMO’ (WILCOX, 2000, p.74). Na Libras também se usam os sinais ‘IGUAL/COMO’ para essa finalidade, mas o que podemos notar é que estes sinais têm parâmetros (constituição estrutural) diferentes na ASL (figura 4.11) e na Libras (figura 4.12). Nota-se que os sinais não são os mesmos de uma LS para outra – ou seja, cada língua apresenta um léxico diferente e por isso os sinais não são universais (STOKOE, 1960).

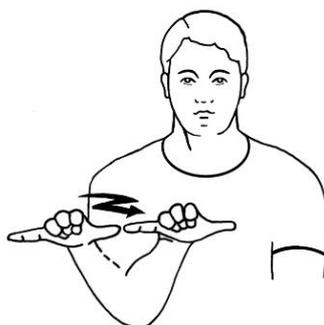


Figura 4.11 LIKE em ASL (reproduzido de WILCOX, 2000, p.75)



FIGURA 4.12: IGUAL/COMO em Libras (reproduzido de LIRA; SOUZA, 2008)

No sinal em ASL a configuração de mão é “Y” e o movimento é na horizontal, enquanto na Libras, figura (4.12), o sinal tem a configuração de mão (CM 38)²⁷ e os dedos indicador e médio se movimentam para baixo e para cima alternadamente.

²⁷Conferir Quadro de configuração de mãos proposto por Faria-Nascimento (2009) no capítulo 1 deste trabalho.

4.3 Metáfora na ASL expressa por sinal de natureza icônica

O modelo de construção análoga proposto por Taub (2004), discutido na seção (4.1) deste capítulo, vai ao encontro do pressuposto da teoria da metáfora conceitual, de que um domínio fonte (mais concreto) é usado para conceituar um domínio alvo (mais abstrato), pois nesse modelo é possível identificar e explicitar os DF e DA. Um grande número de metáforas nas LS tem DF concretos, físicos, visualmente identificados e esse domínio é representado iconicamente por meio da articulação dos sinais. A iconicidade presente na articulação dos sinais é um recurso muito utilizado no processo de metaforização nas LS porque podem expressar conceitos concretos e abstratos por meio de imagens visuais (TAUB, 2004).

Segundo essa autora, na ASL, os sinais metafóricos são formados por dois mapeamentos. Um mapeamento metafórico, do domínio concreto para o abstrato, e um mapeamento icônico, entre o DF e a forma linguística que o representa. Assim, ao articular um sinal de natureza metafórica, o DA usa uma representação icônica do DF, o referente mais concreto.

Vejam os exemplos de um sinal em ASL resultante de um mapeamento icônico, que expressa a metáfora COMUNICAR É ENVIAR



Figura 4.13: Sinal em ASL: INFORMAR presente no enunciado ‘eu-informo-você’ (reproduzido de TAUB, 2004, p. 99)

Neste sinal, as mãos do sinalizante estão inicialmente com os dedos unidos e quase fechados. A mão dominante toca a testa e a outra mão está em espaço neutro à frente do sinalizante. Na sequência, ambas as mãos movem-se em direção ao destinatário, enquanto os dedos vão se abrindo. Neste sinal, é como se o sinalizante retirasse algo da testa – quem sabe,

uma ideia – e a atirasse na direção do destinatário. Obviamente não é isso o que acontece em termos físicos, literais.

O mapeamento icônico para ‘eu-informo-você’ em ASL está representado no quadro (4.1) a seguir. Esse mapeamento explicita a natureza icônica e metafórica da constituição do sinal. A primeira coluna apresenta, passo a passo, a construção do sinal em seus parâmetros: a forma como as mãos estão configuradas, os movimentos executados pelo sinalizante, os participantes. Na segunda coluna do quadro são mostrados os domínios fonte envolvidos na criação do sinal icônico metafórico, respectivamente correspondentes a cada passo da articulação do sinal. Através desse mapeamento é possível identificar o DF representado por meio da natureza icônica da articulação do sinal.

Quadro 4.1 *Mapeamento icônico para ‘eu-informo-você’ em ASL (adaptado de TAUB 2004, p. 100).*

TIPO DE ARTICULAÇÃO	DOMÍNIO FONTE
[Nula]	Objetos
Testa	Cabeça
Forma da mão	Segurar um objeto
Toque na testa	Objeto localizado na testa
Movimento em direção ao destinatário e dedos se abrindo	Enviar um objeto para alguém com as mãos
Local do sinalizante	Remetente
Local do receptor	Destinatário

Na Libras, o sinal ‘AVISAR’ é um exemplo de sinal icônico que expressa um conceito resultante do processo de metaforização. Na articulação desse sinal, a sinalizante metaforicamente envia palavras para o interlocutor por meio da boca. Nota-se na articulação desse sinal a influência das línguas orais, pois, iconicamente, as palavras saem da boca (figura (4.14)).

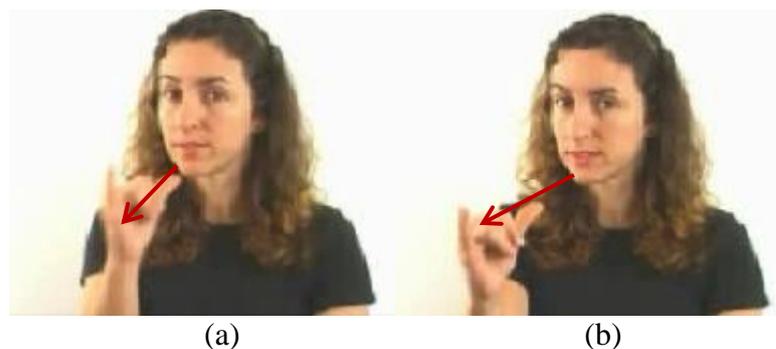


Figura 4.14: ‘AVISAR’ em Libras (reproduzido de LIRA; SOUZA, 2008)

Outro aspecto constatado por Taub (2004) é que os DF em ASL tendem a ter sua origem nas experiências corporificadas por meio de nossa interação com o meio, num dado contexto cultural, e os DA tendem a ser mais abstratos da mesma forma que nas LO (LAKOFF, JOHNSON, 1980; 2002 e KÖVECSES, 2005; 2010). Alguns DF comuns na ASL são: movimento e localização, orientação (para cima/para baixo), manipulação de objetos e fome. Os DA mais comuns são progresso, emoções, comunicação e interações sociais. Como podemos ver pelos exemplos, os DF e DA na ASL têm semelhanças com os tipos de domínios mais comuns na língua inglesa, apontados por Lakoff e Johnson (1980; 2002) e Kövecses (2005; 2010).

Na ASL temos sinais que podem compartilhar mapeamentos icônicos e mapeamentos metafóricos conjuntamente, bem como sinais que compartilham somente mapeamentos icônicos e sinais que compartilham somente mapeamentos metafóricos, como no sinal EU INFORMO VOCÊ. A iconicidade pura e a iconicidade metafórica são explicitadas pelas articulações do sinalizante na composição do sinal (TAUB, 2004). Para a análise de um sinal metafórico, a autora faz uma demonstração de como cada articulação do sinalizante explicita os DF e DA envolvidos na composição da metáfora. Para tanto, ela apresenta outro modelo chamado *mapeamento duplo*²⁸, onde são mostrados o mapeamento icônico e o mapeamento metafórico.

O sinal ‘PENSAMENTO-PENETRANTE’ na ASL é um exemplo de sinal icônico e metafórico ao mesmo tempo (4.15).

²⁸Tradução nossa: “Double mapping”.



Figura 4.15: ‘PENSAMENTO PENETRANTE’ em ASL (reproduzido de TAUB 2004, p. 100)

Para realizar este sinal, o sinalizante encosta na testa o dedo indicador da mão dominante (CM 26 da Libras) e logo depois o direciona em movimento para baixo rumo à outra mão, que está com os dedos abertos (CM 54 da Libras). Simultaneamente, esta se movimenta para cima, em direção à mão dominante. O dedo indicador da mão dominante penetra entre os dedos indicador e médio da mão não dominante. Os parâmetros usados na composição do sinal denotam que um “objeto fino”, representado pelo dedo indicador da mão dominante, emerge da cabeça da pessoa, movimenta-se em direção a uma barreira e a penetra.

Vejamos o mapeamento duplo do sinal PENSAMENTO–PENETRANTE apresentado pela autora, no quadro (4.2). Esse quadro apresenta o processo de articulação do sinal icônico, mais o DF e o DA que compõem o aspecto metafórico do sinal. Nas três colunas do quadro, a cada traço da articulação do sinal (movimento, ponto de articulação, configuração de mão etc.), são mostrados os referentes correspondentes, representados iconicamente por esses traços. O mapeamento metafórico abarca a articulação icônica do sinal que determina o DF e o conceito mais abstrato que se quer expressar por meio dessa articulação, o DA.

Quadro 4.2 Mapeamento Duplo do sinal PENSAMENTO-PENETRANTE (adaptado de TAUB 2004, p. 103).

MAPEAMENTO DUPLO		
MAPEAMENTO ICÔNICO	MAPEAMENTO METAFÓRICO	
ARTICULADORES	DOMÍNIO FONTE	DOMÍNIO ALVO
Dedo em configuração 14 ²⁹ (o dedo mínimo, anelar e médio são dobrados e segurados pelo polegar)	Um objeto	Uma ideia
Testa	Cabeça	Mente, local de pensamento
Dedo tocando a testa	Objeto localizado na cabeça	Ideia que está na mente
Movimento da mão em configuração 14 em direção à outra mão	Envio de um objeto a alguém	Comunicando uma ideia para alguém
Mão não dominante em configuração 64 (mão aberta)	Barreira para o objeto	Dificuldade de comunicação
Mão em configuração 14 inserida na mão em configuração 64	Penetração da barreira	Sucesso na comunicação apesar das dificuldades
Local do sinalizante	Remetente (1ª. pessoa)	Portador da ideia, que a comunica
Local do destinatário	Recebedor (2ª. pessoa)	Receptor da ideia, aprende com ela

O mapeamento duplo proposto por Taub (2004), como se pode ver pelo quadro (4.2), possibilita a identificação dos DF e DA de forma sistemática. Como nossa pesquisa visa a identificação de metáforas, assim como a explicitação dos DF e DA usados na composição de metáforas, faremos uso deste modelo para a análise dos dados da Libras.

²⁹Conferir Quadro de configuração de mãos proposto por Faria-Nascimento (2009), no capítulo 1 deste trabalho.

Para encerrar esta seção apresentamos o sinal utilizado para expressar o conceito “Metáfora” na Libras (4.16), a seguir.

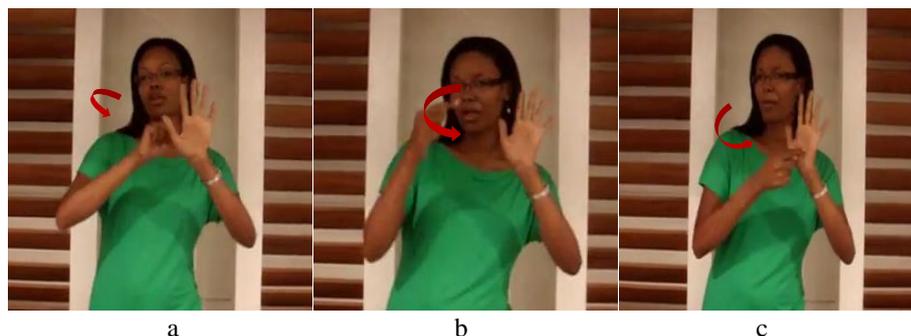


Figura 4.16: Sinal METÁFORA em Libras³⁰.

Em comunicação pessoal com surdos e intérpretes de Libras de Goiânia, quando questionados sobre a motivação para a articulação deste sinal, todos responderam que para se entender as metáforas é preciso ver o que está ‘por trás’ do conceito expresso linguisticamente.

Esse capítulo tratou da iconicidade nas línguas, especialmente nas línguas de sinais. Embora a iconicidade seja mais visível nas LS, devido aos seus constituintes visuais, ela também está presente nas línguas orais. A iconicidade na perspectiva cognitivista não é compreendida apenas pela relação de semelhanças entre o referente e a expressão linguística. Antes, a iconicidade é resultante das relações entre as categorias cognitivas e linguísticas. Dessa forma, há uma base conceptual na organização linguística, que é icônica em essência (HAIMAN, 1983). Vimos também que a iconicidade é elemento constitutivo fundamental de sinais metonímicos e metafóricos tanto na ASL como na Libras e, por fim, apresentamos o sinal METÁFORA em Libras.

³⁰ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Nl-4DxUZ-0U>>. Acesso em 23 jun. 2013.

5 METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo explicitar os procedimentos metodológicos, os sujeitos e os instrumentos utilizados nesta pesquisa. A organização se dá em três seções. A primeira seção trata dos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, os da Linguística Cognitiva, e trata também das perguntas que a nortearam. A segunda seção mostra como os dados foram selecionados para a formação do *corpus* da pesquisa e apresenta os procedimentos e instrumentos utilizados durante a coleta. A terceira seção, que encerra o capítulo, trata dos procedimentos envolvidos na tradução dos vídeos com o apoio de uma intérprete de Libras a fim de garantir a melhor compreensão das narrativas.

5.1 Fundamentos teóricos e objetivos da pesquisa

Esta pesquisa tem como elemento norteador de análise aquele adotado pela pesquisa qualitativa, tendo o ambiente natural como fonte de dados. A pesquisa qualitativa não visa medir os dados e sim entender o fenômeno estudado. Esta perspectiva tem como critério que a compreensão da realidade se dá de forma contextualizada e não por meio de dados isolados.

O paradigma de base da pesquisa qualitativa pode ser chamado de “naturalista” ou “qualitativo”, sendo sua principal característica a reflexão que se constrói na prática e a partir dela (SERRANO, 1998). A pesquisa qualitativa tenta compreender a realidade a partir da descrição dos fatos no contexto em que ocorrem, de modo a possibilitar ao pesquisador a interpretação do que os dados revelam sobre a natureza do fenômeno estudado. A partir da concepção dinâmica de sujeito como um ser interativo, comunicativo e que compartilha significados num dado contexto, a pesquisa qualitativa busca os diferentes motivos que levam aos fatos observados e entende que tais fatos adquirem seus sentidos e significados no contexto em que se inserem. Ou seja, retirados do contexto, os fatos perdem seu significado genuíno.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa se configura como uma série de métodos, como o estudo de caso, a observação participativa, os métodos visuais e a análise interpretativa. Nesta pesquisa faremos uso do método de estudos de caso por meio da análise de narrativas livres em Libras.

Essa pesquisa está alicerçada na perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, na Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

A Linguística Cognitiva concebe a linguagem como interdependente das demais funções mentais, sendo que os processos cognitivos, dentre eles a linguagem, acontecem de forma integrada. A Teoria da Metáfora Conceitual e a Teoria dos Espaços Mentais postulam que a capacidade de metaforizar é um processo cognitivo humano que integra um amplo conjunto de conceitos utilizados na elaboração de novos conceitos. A metáfora, enquanto processo cognitivo humano, está presente em todas as culturas e línguas, independentemente da modalidade de produção e percepção da língua.

As questões adotadas para a condução desta investigação são as seguintes:

- (1) Como se dá o processo de metaforização entre os surdos usuários de Libras?
- (2) Que tipos de metáforas são mais produtivos na Libras?
- (3) Quais as semelhanças e divergências existentes entre a composição e expressão da metáfora em línguas faladas e em línguas sinalizadas?
- (4) O que isso pode revelar a respeito da tipologia das línguas, por um lado, e da cognição humana, por outro?

Ao iniciarmos esta pesquisa, tínhamos a preocupação de não fazer a análise da Libras sob a mesma perspectiva empregada na análise de línguas orais. Obviamente, não podemos refutar os construtos teóricos para os estudos de línguas orais, posto que constituem valioso arcabouço sobre o conhecimento acerca da linguagem humana, mas é fundamental levar-se em consideração as diferenças na modalidade de produção linguística. Assim, buscamos apoio nos modelos de análise da metáfora e metonímia desenvolvidos por Taub (2004) e Wilcox (2000), para a análise da ASL. Ambas fundamentam suas pesquisas nos pressupostos teóricos da linguística cognitiva e da metáfora conceitual.

5.2 A formação do *corpus* e os procedimentos de análise

Ao iniciarmos nossa pesquisa em março de 2011, nossa ideia era utilizar somente os bancos de dados de instituições de ensino que atendem pessoas surdas na cidade de Goiânia: o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), criado pelo Ministério da Educação (MEC) e mantido pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEE); e a Associação de Surdos de Goiânia (ASG), que mantém a Escola Elysio Campos, conveniada com a SEE. No entanto, no decorrer dos estudos, verificamos que, embora esses dados sejam riquíssimos, não seriam suficientes para elucidar nossos questionamentos acerca da utilização de metáfora na Libras, haja vista que o *corpus* dessas

instituições é constituído de vídeos e materiais impressos que são elaborados para fins didáticos e não caracterizam o uso espontâneo da língua.

Diante disso, surgiu o impasse: Como elencar dados naturais sem que estes sejam afetados pelas intenções do pesquisador? Optamos então por utilizar narrativas livres disponíveis nas redes sociais e na internet em geral. Tais narrativas não têm a influência do pesquisador, uma vez que nesses vídeos os sujeitos narram algum fato ou emitem sua opinião sobre determinado tema. Os dados foram selecionados a partir de quatro vídeos disponíveis online. Para a seleção dos vídeos, levamos em conta temas do cotidiano dos surdos, como implante coclear (narrativa 1), a inclusão escolar do surdo (narrativa 2), depoimentos sobre a escrita da língua de sinais (narrativa 3), além de um evento cotidiano envolvendo um casal de surdos (narrativa 4).

A transcrição completa da tradução dos vídeos encontra-se nos apêndices A, B, C e D deste trabalho. Para melhor compreensão, apresentaremos a sinopse das quatro narrativas:

- (1) A primeira narrativa (vídeo 1) conta o caso de um indivíduo surdo estadunidense que recebeu um implante coclear e, após o processo de recuperação, conheceu uma mulher, também surda, com quem se casou e teve um filho. Como a criança cresceu bilíngue, pois a mãe era surda e o pai, mesmo com o implante, também só utilizava a língua de sinais no ambiente familiar, o pai decidiu abrir mão da própria audição mediante reversão do implante coclear, por acreditar que a língua de sinais proporcionaria maior coesão entre os membros da família.
- (2) A segunda narrativa (vídeo 2) é o depoimento de um jovem que argumenta contra o fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), alegando que os processos de inclusão de surdos nas escolas comuns não atendem às suas necessidades, sendo ele a prova de que esse processo não é adequado.
- (3) A terceira narrativa (vídeo 3) é composta de dois depoimentos de surdos sobre a importância e os benefícios do aprendizado da escrita de línguas de sinais para surdos e ouvintes através do sistema *SignWriting*. Este vídeo contém outros depoimentos, mas para essa pesquisa selecionamos apenas dois deles.
- (4) A quarta narrativa (vídeo 4) relata o caso de dois surdos recém casados que vão para um hotel e a mulher se recusa fazer a sexo sem preservativos. O marido sai às pressas para comprar os preservativos e quando volta se esquece em qual quarto estava, causando um tumulto no andar onde estava hospedado, pois batia na porta de todos os quartos (conf. anexo p. 161).

Outro aspecto abordado nas pesquisas de Wilcox (2000) e Taub (2004) sobre a metáfora na ASL, e que nos chamou a atenção também ao analisarmos os dados da Libras, foi que morfologia de um sinal pode ser de natureza metafórica. Assim, um dado sinal, mesmo que fora de contexto, pode ser metafórico em sua articulação. Esta pesquisa busca investigar justamente como se dá a constituição desses sinais metafóricos, identificando o domínio fonte e o domínio alvo envolvidos na criação dos conceitos. Também faremos uso de alguns sinais arrolados no Dicionário Digital de Libras³¹ como elementos de comparação. Nosso objetivo ao utilizar esses dados do dicionário é estritamente mostrar as maneiras como os conceitos podem ser articulados na Libras, evidenciando as variantes existentes nessa língua.

Antes da análise propriamente dita, assistimos aos vídeos várias vezes em velocidade normal para a compreensão das narrativas. Os dados das narrativas foram analisados utilizando o programa *EudicoLanguage Anotador* (ELAN), versão 4.6.1., disponível gratuitamente na internet³².

A figura (5.1) ilustra a tela de trabalho desta ferramenta, que é utilizada para análise tanto de línguas orais quanto de línguas de sinais. O programa permite reduzir ou aumentar a velocidade das cenas dos vídeos em até cem por cento.

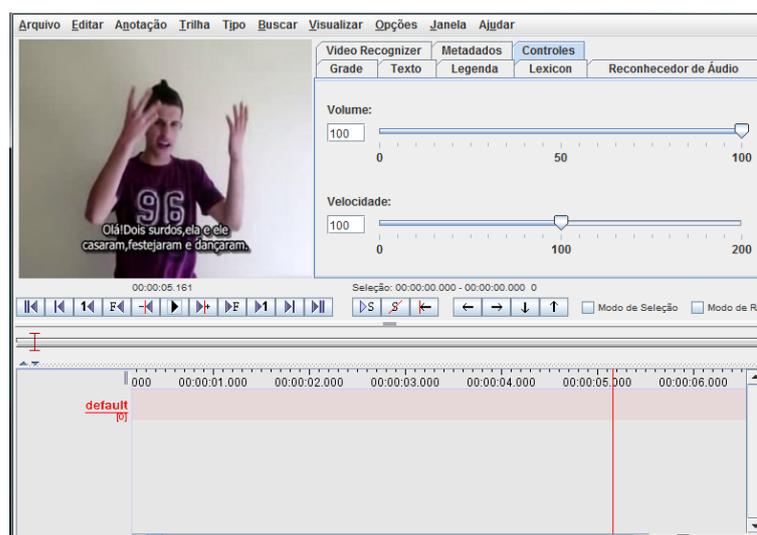


Figura 5.1: Imagem capturada por meio do Programa ELAN.

³¹Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

³² Disponível em: <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/download/>

Para a captura das imagens dos sinais selecionados a partir do dicionário, fizemos uso do aplicativo *Paint (Microsoft Office)*.

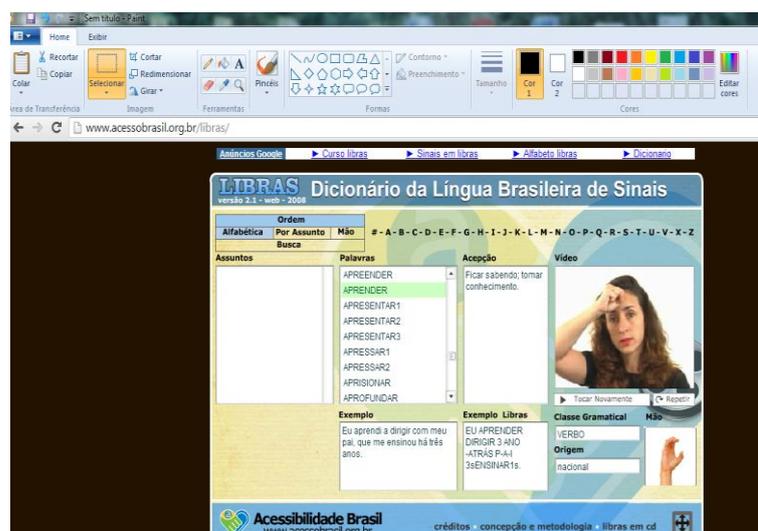


Figura 5.2: Imagem capturada por meio do *Paint (Microsoft Office)*.

Após assistir aos vídeos em velocidade normal, passamos para uma velocidade mais lenta que possibilitasse a captura dos exemplos para a análise. Esse processo favoreceu a observação de manifestações metafóricas nos níveis morfológico e sintático.

Na análise dos dados da Libras, fizemos uso do modelo de mapeamento proposto por Taub (2004), com objetivo de identificar os domínios fonte e alvo, bem como a presença de iconicidade nos sinais metafóricos, conforme ilustra a figura a seguir (5.3). Esse recurso permite a identificação e descrição da iconicidade nas línguas. No caso de línguas de sinais, é possível ao pesquisador identificar as semelhanças entre os referentes e aspectos tais como movimentos e formas dos signos linguísticos que os representam.

TABLE 6.5. Double Mapping for I-INFORM-YOU

ICONIC MAPPING		METAPHORICAL MAPPING
ARTICULATORS	SOURCE	TARGET
[Null]	Objects	Ideas
Forehead	Head	Mind; locus of thought
Flat-O handshape	Holding an object	Considering an idea
Flat-O touches forehead	Object located in head	Idea understood by originator
Flat-O moves toward locus of addressee and opens	Tossing an object to someone	Communicating idea to someone
Signer's locus	Sender	Originator of idea
Addressee's locus	Receiver	Person intended to learn idea

Figura 5.3: Modelo de Mapeamento Duplo (reproduzido de TAUB, 2004, p. 103).

A análise dos dados dessa pesquisa também contempla a exposição do enunciado onde a metáfora se manifesta, por meio de exemplos capturados dos vídeos. Logo em seguida, passamos à descrição da constituição do sinal, explicitando os parâmetros envolvidos. À medida que a descrição é realizada os DF e DA são identificados de acordo com o aporte teórico adotado para a pesquisa.

5.3 A tradução dos dados

O processo de tradução dos dados contou com o apoio de uma intérprete de Libras, atuante no curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Goiás, para garantir um melhor entendimento dos enunciados. A tradução foi então inserida sob a forma de legenda nos vídeos analisados. As imagens utilizadas para a análise (capítulo 6) apresentam a tradução livre dos dados. As transcrições das traduções livres das narrativas, feitas pela intérprete de Libras, estão disponíveis nos Apêndices A-D, ao final desta dissertação.

6 ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo apresenta a análise dos dados selecionados para esta pesquisa. Os resultados da análise demonstram que, de fato, a Libras dispõe de expressões linguísticas metafóricas, como as demais línguas naturais, o que confirma a hipótese dos teóricos a respeito da natureza metafórica do pensamento humano (LAKOFF 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980; 2002).

Nas seções a seguir, apresentaremos os dados conforme a categorização proposta por Lakoff e Johnson (1980), a saber, Metáforas Conceituais (6.1) e Metáforas Orientacionais (6.2). Encerramos o capítulo, seção (6.3) apresentando a expressão linguística “Fico imaginando o futuro”, que envolve mais de um tipo de metáfora em sua constituição, os chamados Sinais Duplamente Metafóricos (TAUB, 2004). Nossa análise contempla a identificação de metáforas em expressões linguísticas no nível sintático e no nível morfológico de sinais presentes nas narrativas. A manifestação metafórica no plano morfológico se dá por meio dos parâmetros envolvidos na composição dos sinais. Observa-se que conforme o tipo de metáfora, há um parâmetro que geralmente é mais saliente e que estabelece a relação formal entre o DF (Domínio Fonte) e o DA (Domínio Alvo) da metáfora em questão. Na maioria das metáforas conceituais/estruturais identificadas nos dados, o parâmetro que se distingue é o ponto de articulação. Nas metáforas orientacionais, invariavelmente, o parâmetro mais evidente é o movimento. No plano sintático a manifestação metafórica se dá quando estão envolvidos mais de um sinal na expressão linguística que codifica a metáfora.

As Metáforas Ontológicas encontradas nos dados da pesquisa são: COMUNICAR É ENVIAR e MENTE É RECIPIENTE (seções 6.1.1 e 6.1.2). A Metáfora Conceitual foi identificada apenas em um sinal (Nervoso) é: PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO (seção 6.2). As metáforas orientacionais identificadas nos dados são FELIZ É PARA CIMA, MAIS É PARA CIMA, BOM É PARA CIMA, FUTURO É PARA FRENTE e PASSADO É PARA TRÁS (seção 6.3).

Os parâmetros da Libras são os elementos usados na formação de um sinal. Temos a Configuração de Mão (CM), que são as diversas formas como os dedos das mãos são usados. O Movimento (M) na execução do sinal, o ponto onde o sinal é iniciado e executado (PA), a orientação das palmas das mãos (OM) e os aspectos de expressão corporal que não são manuais (ANM). Tais elementos são determinantes para identificação dos domínios fonte

(DF) e alvo (DA) das metáforas nas línguas de sinais. Assim, a análise dos dados apresenta a descrição detalhada da constituição dos sinais.

6.1 Metáforas Ontológicas

Nas seções a seguir mostraremos a análise dos dados das quatro narrativas selecionadas. Nas metáforas conceituais, conforme Lakoff e Johnson (1980; 2002), um conceito mais abstrato (DA) é estruturado em termos de outro conceito mais concreto (DF). Assim um conceito é entendido por meio do outro.

A partir da análise das quatro narrativas, identificamos as metáforas ontológicas *COMUNICAR É ENVIAR*, *MENTE É RECIPIENTE* (Metáforas do Canal) e a metáfora conceitual *PESSOA IRRITADA É RECIPIENTE PRESSURIZADO*. A metáfora *COMUNICAR É ENVIAR* foi identificada no plano sintático apenas na narrativa (1), “Surdo contra implante coclear”. Nas demais narrativas, esta metáfora foi identificada no plano morfológico, mas não no plano sintático. A metáfora *MENTE É RECIPIENTE* ocorre no plano morfológico em todas as narrativas. A metáfora *PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO* foi identificada apenas na narrativa (1).

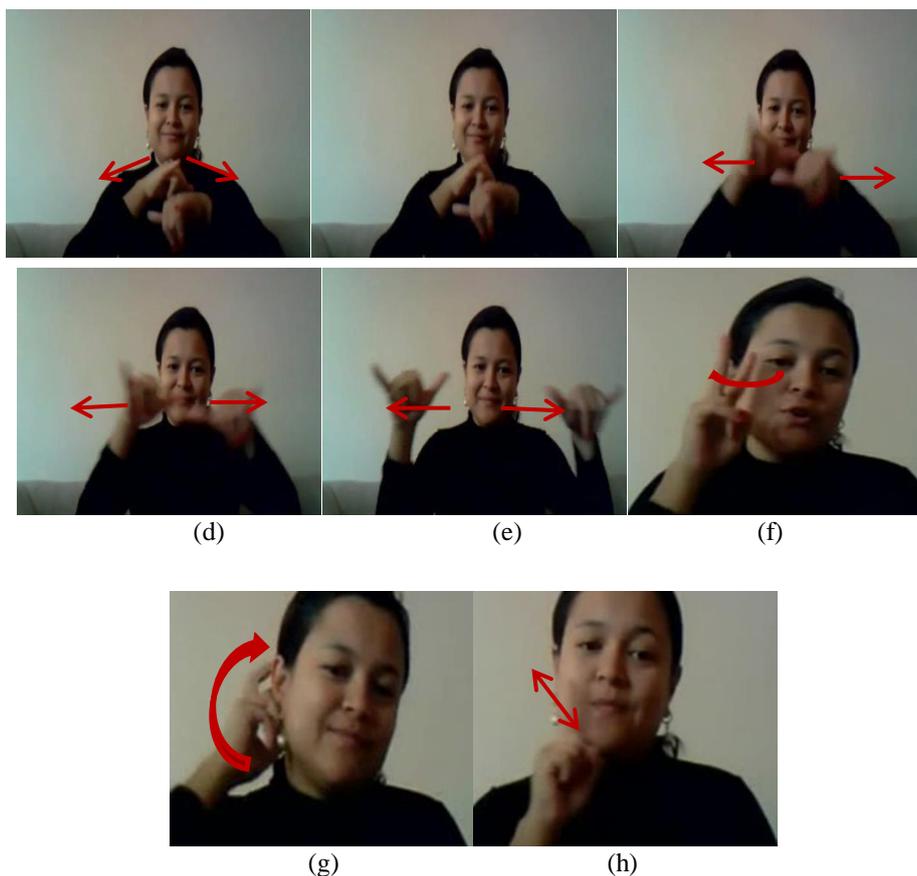
Ao final desta seção, apresentaremos a expressão linguística ‘imaginando o futuro’ como exemplo de sinal duplamente metafórico (TAUB, 2004). As metáforas ontológicas identificadas nos dados, a saber: *COMUNICAR É ENVIAR*; *MENTE É RECIPIENTE*; *PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO*, serão discutidas individualmente nas subseções a seguir.

6.1.1 *COMUNICAR É ENVIAR*

A metáfora ontológica *COMUNICAR É ENVIAR* remete à interpretação de que ideias podem ser “enviadas” a um receptor. Alguns conceitos da Libras emergem desta metáfora, sendo codificados por meio dos sinais, seja no nível sintático, quando a expressão metafórica envolve mais de um sinal, seja no nível morfológico, quando a metáfora é expressa na constituição do sinal por meio dos parâmetros.

(1) ‘Vou contar pra vocês uma história sobre implante coclear ocorrida nos Estados Unidos’

1 > 2 CONTAR/DIZER (sinal metafórico)



O exemplo acima é uma ocorrência da metáfora ontológica COMUNICAR É ENVIAR, especificamente no sinal ‘CONTAR/DIZER’. A sinalizante inicia este sinal com ambas as mãos em configuração (CM 68)³³ na altura da boca (PA), exemplo (1.a-e). Os polegares ficam voltados para o lado da boca e orientação das palmas das mãos para baixo. As mãos se movimentam nessa posição partindo do centro dêitico em direção ao interlocutor (1.c-e). Nas palavras de Lakoff e Johnson (1980; 2002), o usuário de uma língua coloca ideias (objetos) dentro de palavras ou sinais (os recipientes) e as envia (através de um canal)³⁴. Reddy (1979 *apud* LAKOFF; JOHNSON, 1980) identificou um tipo de metáfora chamada “Metáfora do Canal”. Nessa metáfora a linguagem funciona como um conduto que transfere pensamentos de uma pessoa para outra.

³³ Conferir quadro das configurações de mão da Libras proposto por FARIA-NASCIMENTO (2009), no Capítulo 1 desta dissertação.

³⁴ De acordo com Reddy (1979 *apud* LAKOFF; JOHNSON 1980; 2002) a nossa linguagem sobre a linguagem é estruturada por uma metáfora complexa que envolve as metáforas IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e COMUNICAÇÃO É ENVIAR

Podemos observar que a articulação do sinal expressa a maneira como o sinalizante compreende o ato de dizer algo a alguém, com base em suas experiências concretas no mundo. Este é o processo que se entende por corporificação onde os conceitos abstratos são compreendidos por meio das experiências corpóreas com o mundo. Nota-se também a influência da língua oral na articulação do sinal, quando o sinalizante inicia a articulação do sinal na altura da boca.

Esse sinal apresenta a iconicidade metafórica em sua constituição. A articulação do sinal expressa visualmente o ato de enviar objetos que caracteriza o DF para referir-se ao DA “comunicar ideias”. Dessa forma, com base no modelo proposto por Taub (2004), temos o mapeamento para a metáfora COMUNICAR É ENVIAR, quadro (6.1).

Quadro 6.1 *Mapeamento COMUNICAR É ENVIAR*

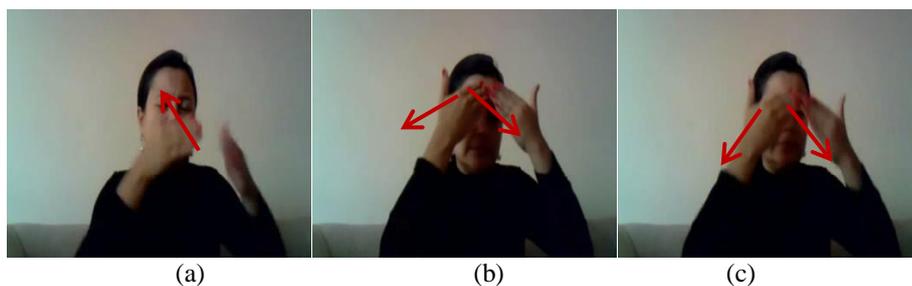
MAPEAMENTO – COMUNICAR É ENVIAR		
ARTICULADORES	DOMÍNIO FONTE	DOMÍNIO ALVO
Sinal articulado em espaço neutro na altura da boca	Objetos que são enviados	Mensagens que são enviadas.

6.1.2 *MENTE É RECIPIENTE*

A metáfora ontológica MENTE É RECIPIENTE remete à ideia de que a mente humana é um recipiente de ideias. Nos dados desta pesquisa identificamos essa metáfora nos enunciados ‘A surda disse para não importar’ (exemplo 2), ‘Pensar um pouco’ (exemplo 3), ‘Estive imaginando como seria se o MEC quisesse implantar a inclusão no INES’ (exemplo 4), ‘Os surdos vão envelhecendo e podem se esquecer dos sinais’ (exemplo 5) e ‘No hotel ele esqueceu qual seu andar’ (exemplo 6) a seguir.

(2) A surda disse para não importar, pois iria ajudá-lo a se comunicar/com língua de sinais’.

NÃO IMPORTAR (sinal metafórico)



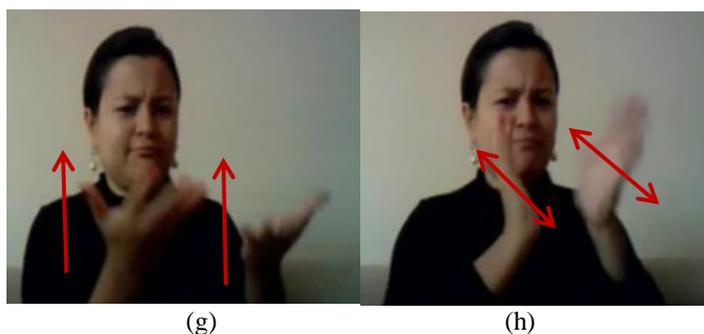
NÃO IMPORTAR

SURDO



AJUDAR

LÍNGUA DE SINAIS



O sinal NÃO IMPORTAR no exemplo (2.a-d) representa a expressão linguística “não se importar”, que no contexto discursivo também tem aceção de “esquecer” e expressa a metáfora conceitual MENTE É RECIPIENTE.

Para a articulação deste sinal utilizam-se ambas as mãos em configuração CM (52) como em (2.a-d). O sinal é articulado com a sinalizante tocando o centro da testa (PA) com ambas as mãos, com o Movimento direcionado para as laterais. A orientação das palmas das mãos fica voltada para o sinalizante, que as movimenta como se estivesse retirando algum (objeto) da mente, o recipiente no qual se encontram situadas as ideias. A forma como a

sinalizante articula a expressão linguística “não se importar/esquecer” é uma variante do sinal ESQUECER.

Quadro 6.2: *Mapeamento MENTE É RECIPIENTE*

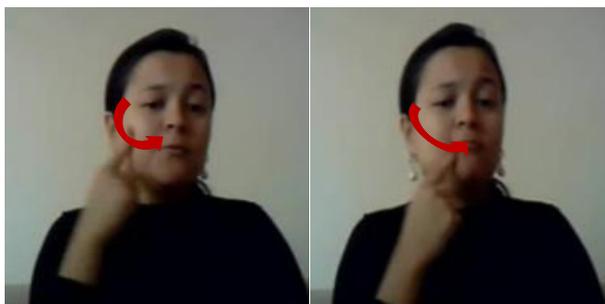
MAPEAMENTO – MENTE É RECIPIENTE		
ARTICULADORES	DOMÍNIO FONTE	DOMÍNIO ALVO
Sinal articulado na testa	Recipiente	Mente
Movimento de mão/s para as extremidades da testa	Retirada de um objeto	Retirar ideias/esquecer

A partir da conceptualização metafórica de que a mente é um recipiente, muitos sinais na Libras relativos à internalização, expressão e comunicação de ideias adotam a cabeça como ponto de articulação. Wilcox (2000), ao pesquisar metáforas na ASL, constatou que os surdos, ao pensarem sobre a atividade cerebral, entendem que esta regula o pensamento e as funções motoras como um todo. De forma sistemática e padronizada, esses surdos utilizam, na maioria das vezes, a área da testa para articular os sinais referentes à consciência (pensar, memória, aprender, entender etc.) e, a parte de trás da cabeça para articular os sinais referentes à inconsciência (relembrar, doido, esquecer). Na Libras podemos verificar que os sinais relacionados à atividade mental como um todo tem seu ponto de articulação (PA) na parte frontal da cabeça – testa.

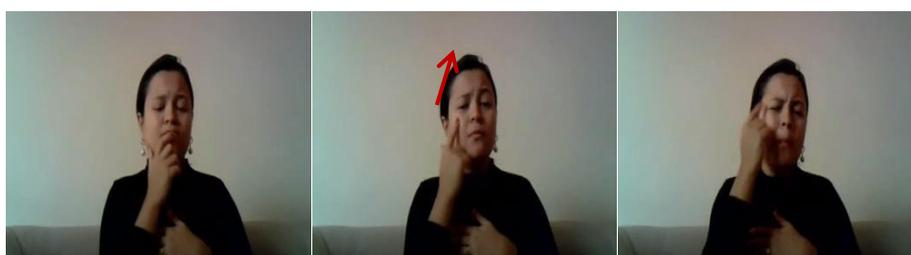
Na narrativa (1) identificamos sinais em que a combinação dos parâmetros para sua constituição lhes confere natureza metafórica. Tais sinais estão relacionados à atividade do pensamento. Um exemplo de sinal relacionado à atividade do pensamento está na expressão linguística do exemplo (3), ‘Pensar um pouco’. Embora no contexto da narrativa esse enunciado não expresse uma metáfora, a combinação de parâmetros utilizadas na articulação do sinal PENSAR, em sua natureza, codifica a metáfora MENTE É RECIPIENTE.

(3) ‘Pensar um pouco’

SURDO



PENSAR (sinal metafórico)



(c)

(d)

(e)



(f)

(g)

(h)

Para a formação do sinal PENSAR, a mão direita está em configuração (CM 26), exemplo (3. d-e) . Antes de executar este sinal, a sinalizante faz uma expressão típica de quanto uma pessoa está pensando sobre algo (3.c). Em seguida, leva a mão em configuração (26) com movimento em direção à frente/cabeça (PA) – recipiente de ideias. Fechar os olhos é uma expressão não manual que compõe a articulação desse sinal (3.c). Nota-se que a formação da expressão linguística ‘pensar um pouco’ se dá de forma icônica e metafórica. Ao tocar a cabeça a sinalizante aponta iconicamente onde se dá o ato de pensar, a cabeça, metaforicamente o recipiente onde estão armazenados os pensamentos e as ideias.

A sinalizante da narrativa (1) realiza o sinal ‘PENSAR’ de forma semelhante ao que está no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, não fazendo uso de variante, conforme figura (6.1)

PENSAR



Figura 6.1: PENSAR

Na narrativa (2) identificamos a metáfora *MENTE É RECIPIENTE* na expressão linguística ‘Imaginando’, no enunciado ‘Estive imaginando como seria se o MEC quisesse implantar a inclusão no INES³⁵’.

(4) ‘Estive imaginando como seria se o MEC quisesse implantar a inclusão no INES’

IMAGINAR (sinal metafórico)



IMAGINAR (sinal metafórico)

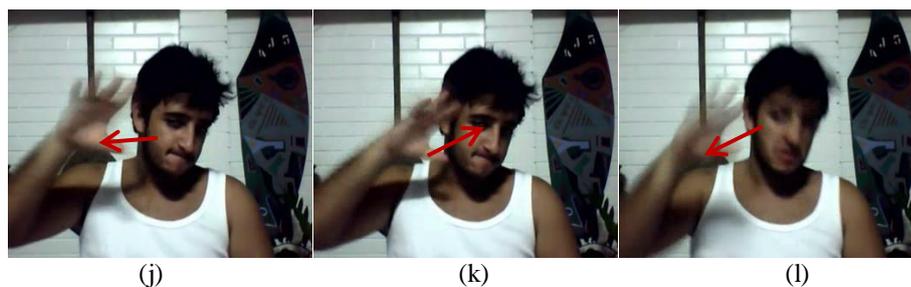


³⁵ INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos - primeira escola para surdos do Brasil fundada no século XIX.

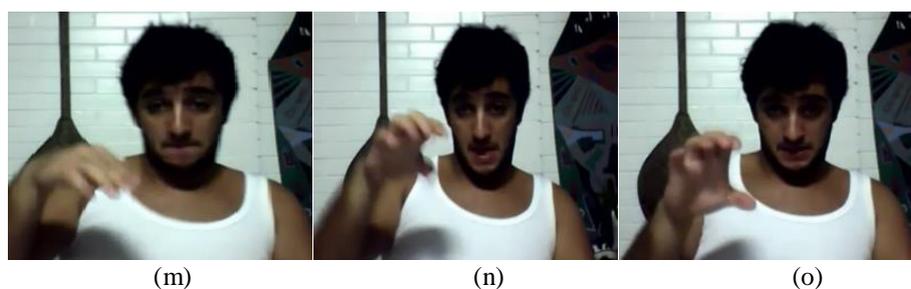
IMAGINAR (sinal metafórico)



IMAGINAR (sinal metafórico)



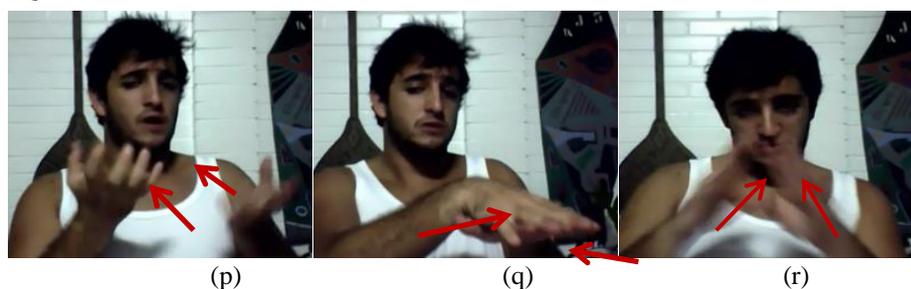
MEC



QUERER

INCLUSÃO

INES



O sinalizante executa o sinal IMAGINAR levando a mão em configuração CM (14) com movimento em direção à cabeça/fronte – recipiente de ideias, exemplos (4.a-c). Logo após tocar a cabeça (PA), a mão passa para a configuração CM (15). Nesse processo há a mudança de movimentos. Os dedos vão se movimentando para cima e para baixo de forma alternada exemplos (4.d-f). O sinalizante repete a sequência três vezes como em (4.g-l). Tais

movimentos remetem à ideia de que os pensamentos estão em movimento, fluindo do recipiente “cabeça/mente”.

Na narrativa (3) identificamos a metáfora MENTE É RECIPIENTE no sinal ESQUECER no enunciado ‘Os surdos vão envelhecendo e podem se esquecer dos sinais’ exemplo (5), a seguir.

(5) ‘Os surdos vão envelhecendo e podem se esquecer dos sinais’.

VELHO



(a)

(b)

ESQUECER (sinal metafórico)



(c)

(d)

(e)

(f)

ESQUECER (sinal metafórico)



(g)

(h)

(i)

(j)

Cont. ESQUECER

ESQUECER (sinal metafórico)



SINAL



Para articular o sinal ESQUECER, a mão dominante, nesse caso a mão esquerda, está em configuração CM (52). Inicia o sinal tocando a extremidade da testa (PA) oposta ao lado da mão dominante (lado direito). A ponta dos dedos vai deslizando por sobre a testa em direção ao lado da mão dominante (5.g-k). A articulação do sinal remete à noção de um objeto (ideia) sendo retirado de um recipiente (mente). Observa-se também que a expressão facial do sinalizante, principalmente em (5.h-k), demonstra que o mesmo não sabe ou esqueceu algo.

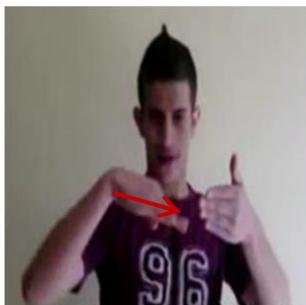
Na narrativa quatro, um gesto³⁶ icônico metafórico, equivalente a ‘esquecer’, presente no enunciado ‘No hotel ele esqueceu qual seu andar’, também foi identificado como expressão da metáfora MENTE É RECIPIENTE, conforme os exemplo (6), a seguir.

³⁶³⁶ Em consulta a surdos e intérpretes verificou-se que se trata de um gesto que ainda não está convencionalizado na comunidade surda de Goiânia.

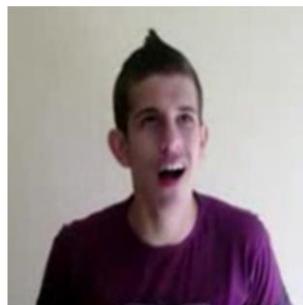
(6) ‘No hotel, ele esqueceu qual seu andar’.

CHEGAR HOTEL/GARAGEM

EXPRESSÃO DE DÚVIDA”



(a)



(b)

ESQUECER (sinal metafórico)



(c)



(d)



(e)

ESQUECER (sinal metafórico)



(f)

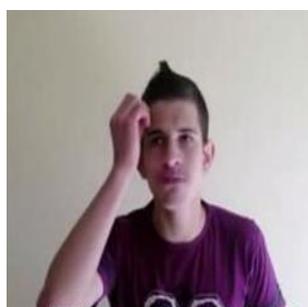


(g)

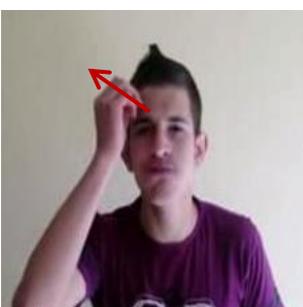


(h)

ESQUECER (sinal metafórico)



(i)

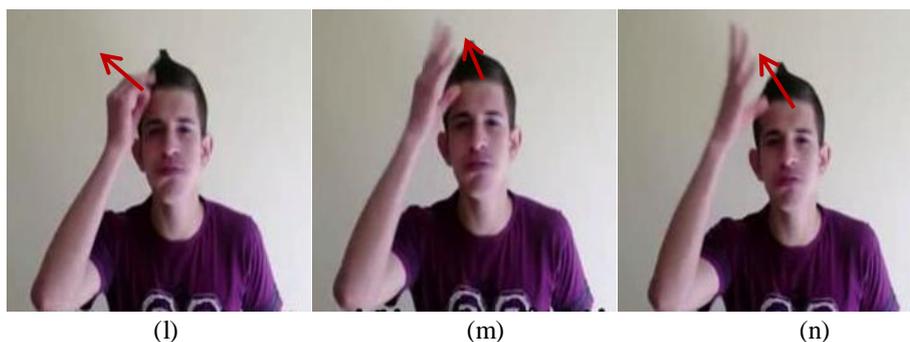


(j)

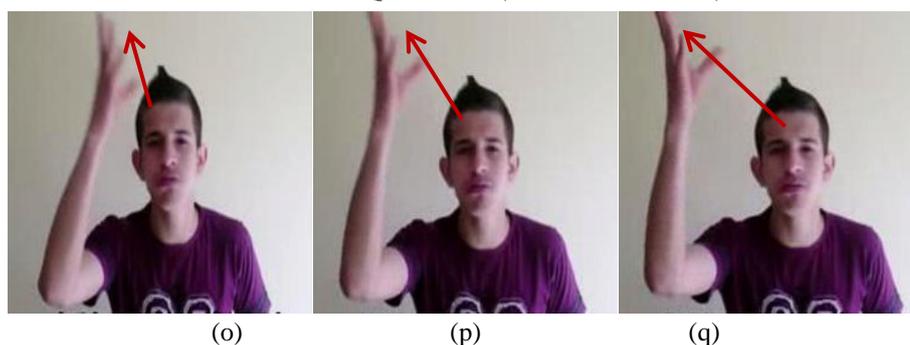


(k)

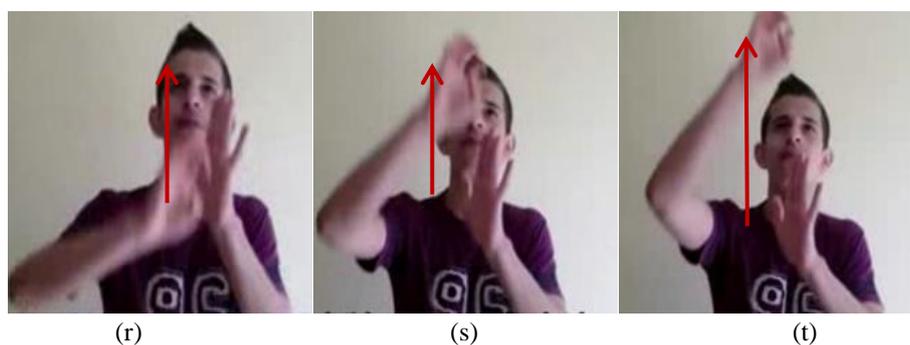
ESQUECER (sinal metafórico)



ESQUECER (sinal metafórico)



ANDAR/PAVIMENTO



Para articular o gesto ‘esquecer’ o sinalizante leva a mão dominante (direita) em direção (M) à cabeça (recipiente de ideias) em configuração CM (03) e toca a cabeça/fronte do lado direito (PA), exemplos (6.c-h). Após tocar a cabeça/fronte, prossegue com a abertura dos dedos de forma simultânea ao movimento de afastamento da mão da frente (6.j-q). A mão vai subindo (M) até que se abre por completo. Na articulação deste gesto, metaforicamente, as ideias - (objetos) escapam/saem do (recipiente), a mente.

Nos exemplos (2, 3, 4, 5 e 6) desta subseção (6.1.2), são, ao mesmo tempo, metafóricos e corporificados devido à relação feita entre “cabeça” e “recipiente (de ideias)”. Em todos estes exemplos o ponto de articulação inicial dos sinais é na cabeça, que ora o sinalizante retira algo (as ideias) – sinais “ESQUECER”, ora “ativa” (as ideias) – sinal “PENSAR” e “IMAGINAR”. Nota-se que nos exemplos de metáforas relacionadas à atividade mental identificados nas narrativas que o ponto de articulação (PA) e o movimento (M) são os parâmetros que mais se destacam.

De acordo com os postulados de Lakoff e Johnson (1980; 2002), a forma como concebemos o mundo está diretamente relacionada à forma com que nosso corpo interage com o meio. Sweetser (1992) afirma que, para nos referirmos às nossas estruturas psicológicas, morais e intelectuais, geralmente usamos palavras relacionadas à nossa estrutura física periférica como recipiente (SWEETSER, 1992 *apud* WILCOX, 2000). Kövecses (2005) postula que as metáforas são a um só tempo conceituais, linguísticas, neurocorporais e socioculturais.

As metáforas: MENTE É RECIPIENTE e COMUNICAR É ENVIAR fazem parte da rede de metáforas que constituem a Metáfora do Canal³⁷ (*conduitmetaphor*) proposta por Reddy (1979 *apud* LAKOFF; JOHNSON 1980; 2002). São assim chamadas porque entende-se que para uma comunicação exitosa supõe-se que o interlocutor “receba” o significado que foi “depositado” nas palavras. O autor sustenta que a forma como pensamos a linguagem está tão convencionalizada que não percebemos que usamos metáforas a todo o momento para nos referirmos a ela. Expressões na língua portuguesa como, “eu lhe dei aquela ideia” e “suas palavras parecem vazias” são exemplos das metáforas IDEIAS SÃO OBJETOS e EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES, respectivamente. Lakoff e Johnson (1980) explicam que a metáfora do canal é uma metáfora complexa, composta por uma rede de metáforas. Nos exemplos analisados nesta seção temos a metáfora do canal constituída pelas metáforas MENTE É RECIPIENTE, COMUNICAR É ENVIAR E IDEIAS SÃO OBJETOS.

³⁷ Fazem parte desta rede as metáforas IDEIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES, COMUNICAR É ENVIAR, MENTE É RECIPIENTE (DE IDEIAS) E COMPREENDER É PEGAR. Segundo Lakoff e Johnson (2002) MENTE É RECIPIENTE é o primeiro conceito dessa rede e, COMPREENDER É PEGAR fecha o circuito da comunicação.

6.2 Metáfora Conceitual

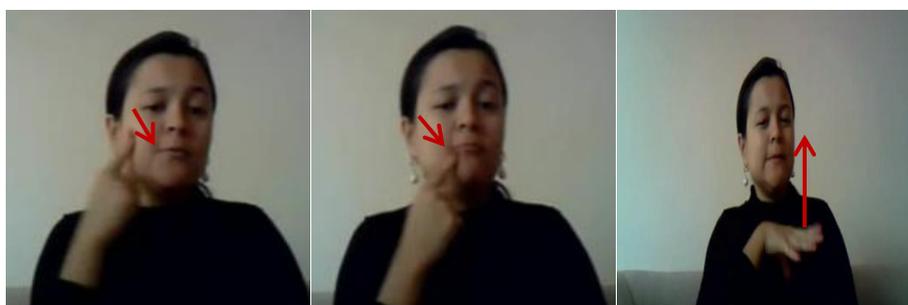
6.2.1 PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO

Kövecses (2005), pesquisando sobre a universalidade da metáfora, verificou que algumas metáforas relacionadas ao funcionamento fisiológico são potencialmente universais. Uma dessas metáforas potencialmente universais é “PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO”. Essa metáfora tem sua base nas experiências corpóreas de quanto se vivencia o sentimento de “raiva” (DF). Na narrativa (1) o sinal NERVOSO manifesta em sua constituição esta metáfora, conforme exemplo (7), a seguir.

(7) ‘o filho (surdo) ficou bastante nervoso’

SURDO

NERVOSO (sinal metafórico)



(a)

(b)

(c)

Cont. NERVOSO



(d)

(e)

(f)

Observa-se que na articulação do sinal NERVOSO, em (7.c-f), a sinalizante com a mão dominante em configuração (CM-15), palma voltada para baixo na altura do tronco (PA) faz o movimento no sentido para cima. Simultaneamente ao movimento da mão a sinalizante produz uma expressão facial (ANM) que denota irritação, nervosismo. Nota-se que ao erguer a mão e esse movimento associado à expressão facial representam iconicamente a elevação do

nível de uma substância em um determinado recipiente. À medida que o nível dessa substância (raiva, nervosismo, irritação) vai aumentando o espaço no recipiente vai diminuindo fazendo com que a pressão interna aumente.

Nesta metáfora o conceito “nervoso” (DA) é entendido em termos do conceito “ambiente pressurizado” (DF). Assim temos o mapeamento para a metáfora PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO (quadro 6.3). Neste sinal, o parâmetro que mais se destaca é o movimento, pois é por meio dele que se faz a relação entre a pressão que aumenta em um recipiente e o estado emocional (do surdo) representado pela sinalizante.

Quadro 6.3: *Mapeamento PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO*

MAPEAMENTO – PESSOA IRRITADA É AMBIENTE PRESSURIZADO		
ARTICULADORES	FONTE	ALVO
Mão subindo na direção para cima e expressão facial	Recipiente enchendo e aumentando a pressão interna	Nervoso, irritado.

6.3 Metáforas Orientacionais

Nesta seção apresentaremos a análise das metáforas orientacionais encontradas nas narrativas. Lakoff e Johnson (1980; 2002) definem que as Metáforas Orientacionais são aquelas onde um conceito é organizado em relação a outro. Para a construção destas metáforas são mobilizados todos os esquemas imagéticos de deslocamento no espaço (DF). Todo o sistema conceitual deste domínio (DF) é organizado a partir da experiência física e espacial das pessoas com o mundo. Dessa forma, as pessoas fazem uso das experiências concretas de deslocamento e orientação no espaço para criar e expressar conceitos mais abstratos. Essas experiências concretas são metaforicamente projetadas sobre nossas experiências mais abstratas (DA), como por exemplo, para expressar um estado emocional, aspectos da vida social etc.

As metáforas orientacionais identificadas nas narrativas são FELIZ É PARA CIMA, MAIS É PARA CIMA, FUTURO É PARA FRENTE, PASSADO É PARA TRÁS e BOM É PARA CIMA.

6.3.1 FELIZ É PARA CIMA

A Metáfora Orientacional FELIZ É PARA CIMA tem sua base física na ideia de que uma postura ereta corresponde a um estado emocional positivo. Essa metáfora foi identificada nos exemplos (8, 9 e 10), a seguir.

Na narrativa (1) essa metáfora foi identificada conforme exemplo (8) a seguir.

(8) ‘O pai pulou de alegria’

PAI³⁸



(a)

(b)

PULAR (sinal metafórico)



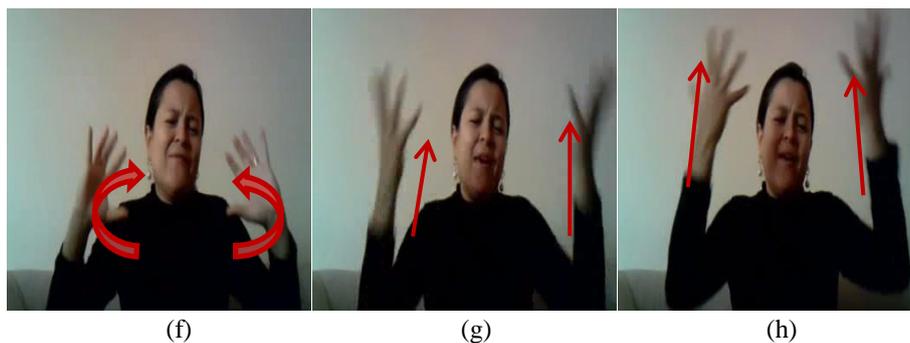
(c)

(d)

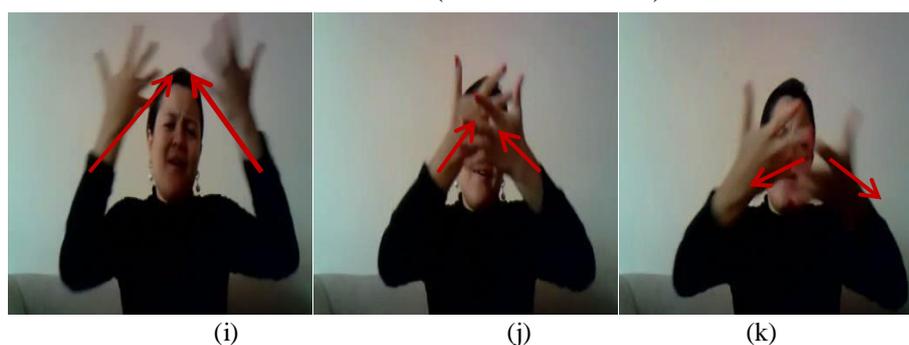
(e)

³⁸ Nas figuras (a e b) a sinalizante utilizou uma variante do sinal PAI, muito comum no sudeste brasileiro.

FESTEJAR (sinal metafórico)



FESTEJAR (sinal metafórico)



Os sinais PULAR e FESTEJAR no exemplo (8) compõem a expressão linguística ‘pulou de alegria’, que expressa a metáfora orientacional ALEGRIA É PARA CIMA. Na articulação dessa expressão, a sinalizante mantém uma postura ereta e articula os sinais na parte superior do seu tronco (ANM) e todos os movimentos são para cima (8.d-e).

Observa-se também que na articulação do sinal FESTEJAR, que as mãos estão em configuração CM (56) com as palmas viradas para cima (OM) e o movimento também é no sentido “para cima” (8.g-i). Wilbur (1987 *apud* WILCOX, 2000) afirma que o movimento é tão importante para definir a natureza metafórica de um sinal quanto à orientação das mãos. O esquema imagético de deslocamento e orientação espacial (corpo ereto), domínio fonte, foi projetado para a experiência abstrata emocional, nesse exemplo, o estado de “felicidade”, domínio alvo. A seguir apresentamos a forma de representar o mapeamento desta metáfora segundo mapeamento proposto por Taub (2004) quadro (6.4).

Quadro 6.4: *Mapeamento FELIZ É PARA CIMA*

MAPEAMENTO – FELIZ É PARA CIMA		
ARTICULADORES	FONTE	ALVO
Parte superior do corpo, movimentos para cima.	Corpo ereto e parte superior do corpo.	Sensação de contentamento, alegria.

Na narrativa (02) identificamos a metáfora orientacional *FELIZ É PARA CIMA* no sinal ‘FELIZ/SORRIR’, na expressão linguística ‘conheci Libras e fiquei muito feliz’, conforme exemplo (9), a seguir.

(9) ‘Muito feliz’

CONHECER

LIBRAS



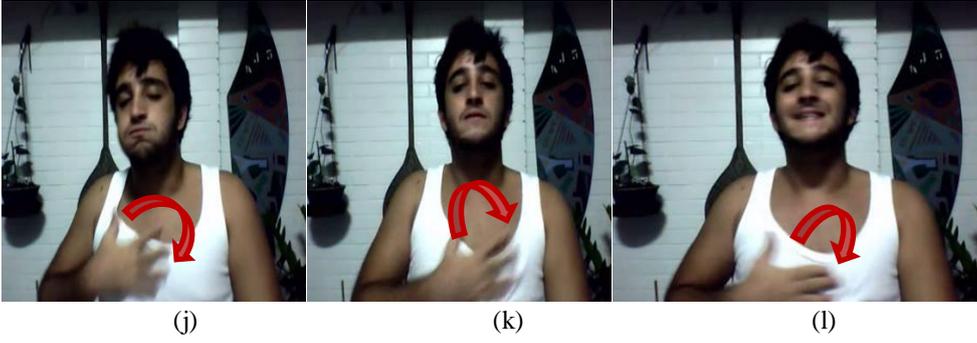
CONTENTE



CONTENTE



CONTENTE



FELIZ/SORRIR (sinal metafórico)



FELIZ/SORRIR (sinal metafórico)



FELIZ/SORRIR (sinal metafórico)

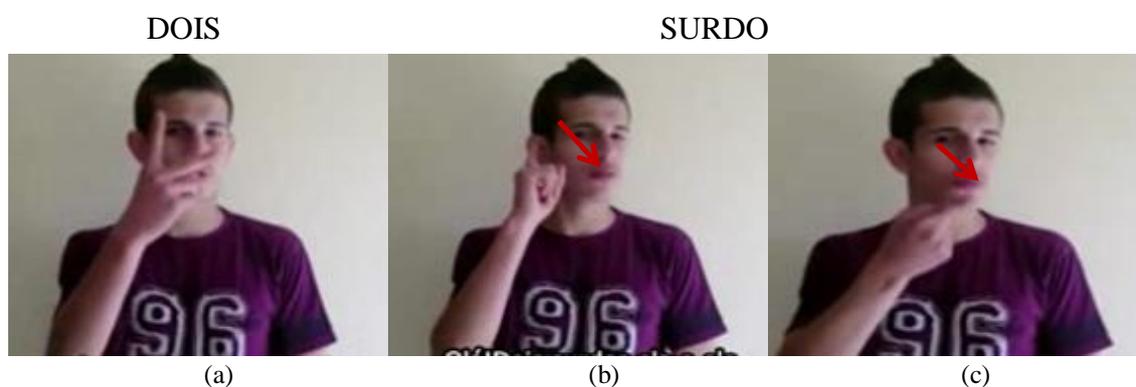


Para a constituição desta expressão o sinalizante articula os sinais CONTENTE e FELIZ/SORRIR. Inicia o sinal CONTENTE que é articulado com a mão dominante (mão direita) em configuração CM (15) tocando o tórax. Após, segue movimentando a mão com a palma voltada para seu corpo fazendo movimento circular. Simultaneamente à articulação das mãos enche a boca de ar, denotando que a pessoa esta cheia, completa (9.f-j). Logo em seguida articula o sinal FELIZ. A mão que estava na altura do tronco (PA) vai passando para a configuração CM (31) movimentando-se em direção à boca. Simultaneamente ao movimento da mão o sinalizante sorri (ANM), expressando grande contentamento (9.m-u). Observa-se também que o corpo e a cabeça do sinalizante vão se erguendo à medida que articula o sinal.

Apoiados em Lakoff e Johnson (1980; 2002), podemos considerar que o DF ou base física que ancora a metáfora FELIZ É PARA CIMA, identificada na expressão linguística ‘muito feliz’, está relacionada à forma como as pessoas lidam com situações de bem estar e contentamento, em que, uma postura ereta corresponde a um estado emocional positivo. Dessa forma, ao articular a expressão linguística ‘muito feliz’ o sinalizante, mesmo que não tenha consciência, expressa iconicamente e metaforicamente a relação, ‘postura ereta’ equivalente à ‘estado emocional de bem estar e contentamento’.

A metáfora FELIZ É PARA CIMA foi identificada no enunciado ‘Os dois surdos. Ela e ele casaram e festejaram’, da narrativa (4), a seguir.

(10) ‘Os dois surdos. Ela e ele casaram e festejaram’.



ELA

ELE

CASAR



(d)

(e)

(f)

FESTEJAR (sinal metafórico)



(g)

(h)

(i)

FESTEJAR (sinal metafórico)



(j)

(k)

(l)



(m)

Para articular o sinal FESTEJAR, o sinalizante com as mãos em configuração CM (13), palmas voltadas para baixo (10.g) as ergue paralelamente. Ao erguer as mãos, simultaneamente os dedos se abrem (10.h-m). Na altura da face (PA) vira as palmas das mãos para cima (OM) (10.k) e continua o movimento até ultrapassar a altura da cabeça. Observa-se também que simultaneamente à articulação das mãos o sinalizante sorri. Essa expressão facial demonstra contentamento. Nota-se que o aspecto relevante do parâmetro Movimento é a **direção** para cima. Sinais metafóricos que apresentam movimentos na direção - para baixo - remetem a coisas, sentimentos e/ou ações negativas. Da mesma forma que a concepção de que coisas, sentimentos e/ou ações positivas estão relacionadas com a ideia - "para cima" vem da relação de experiências corpóreas da condição de um corpo saudável. Movimentos para baixo exprimem uma ideia contrária, como no caso do sinal CANSADO³⁹, por exemplo. O parâmetro em si não é metafórico, mas na composição desse signo linguístico, em que estão envolvidos forma e significado, o parâmetro movimento é responsável pela expressão da natureza metafórica do conceito codificado pelo sinal. Em contraste, na narrativa podemos notar a ocorrência do mesmo parâmetro - movimento - no sinal 'SURDO', sem, contudo, expressar qualquer componente metafórico, pois a constituição deste sinal não resulta de um processo de metaforização.

Nota-se que os sinais FELIZ em (9) na narrativa (2) e FESTEJAR em (10), narrativa (4), a mesma metáfora FELIZ É PARA CIMA. Em ambos, a base corporal que os ancora (DF) está na postura ereta, que nos permite relacionar e criar o DA expressos nos movimentos e expressões faciais dos sinalizantes, "sensação de bem estar, de contentamento". Lakoff e Johnson (1980; 2002) concluíram que uma metáfora pode ser expressa por diversas expressões linguísticas. Os dados desta pesquisa revelam que na Libras uma metáfora também pode ser expressa por sinais e/ou gestos diferentes, assim como nas línguas oralizadas uma metáfora pode ser expressa por expressões linguísticas diferentes.

6.3.2 MAIS É PARA CIMA

A metáfora orientacional MAIS É PARA CIMA foi identificada no sinal DOBRO da narrativa (2) por meio das expressões linguística 'Sofria muito! Como? Lia o dobro!' e 'Estudava o dobro!'. Como ambas as expressões mostram a mesma metáfora, para a análise,

³⁹ Conferir Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais (LIRA; SOUZA, 2008), disponível online.

selecionamos a expressão apenas ‘Sofria muito! Como? Lia o dobro!’, conforme exemplo (11), a seguir.

(11) ‘Sofria muito! Como? Lia o dobro!’

SOFRIA

MUITO



(a)

(b)

(c)

COMO?



(d)

(e)

LER



(f)

(g)

(h)

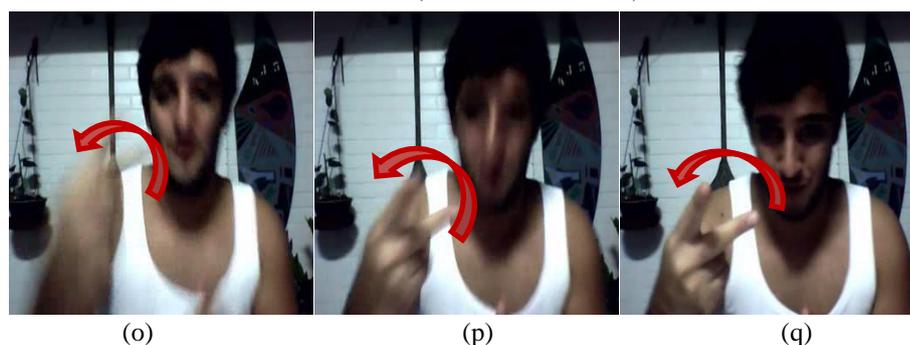
LER



DOBRO (sinal metafórico)



DOBRO (sinal metafórico)



A expressão linguística ‘Lia o dobro’ é composta pelos sinais LER e DOBRO. A articulação do sinal LER inicia com a mão direita (dominante) em configuração CM (45) e a mão esquerda em configuração CM (52) em repouso (11.h-k). A mão que permanece em repouso fica com a palma voltada para o sinalizante. Simultaneamente, enquanto a mão esquerda permanece em repouso, a mão direita faz movimentos (M) icônicos como se estivesse lendo algo. A mão em repouso, iconicamente, representa o referente “livro”, e o movimento da mão direita representa “o ato de ler” (11.g-k). Em seguida, com a mão dominante ainda em configuração CM (45) realiza um movimentando semi-circular (M) para

cima (11.1-q). Repete-se esse movimento enfatizando o quanto lia. Essa repetição, iconicamente, representa que a pessoa está lendo “mais”, o dobro.

A base física que ancora a metáfora *MAIS É PARA CIMA* é a experiência concreta de acrescentar uma substância ou objetos físicos a um recipiente ou pilha e o nível ou volume subir (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 2002). As figuras (6.3 e 6.4), a seguir, ilustram essa experiência. Nota-se que a cada livro colocado sobre a pilha o nível aumenta. À medida que acrescentamos água em um recipiente, o nível da água aumenta.

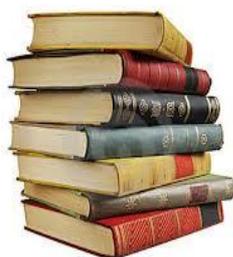


Figura 6.2: Pilha de livros

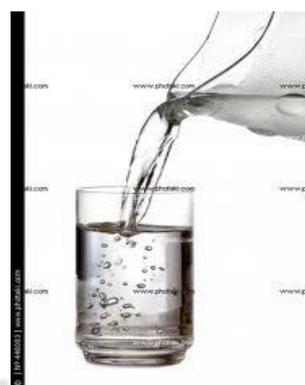


Figura 6.3: enchendo copo com água

A expressão linguística ‘Lia o dobro’ mostra a maneira metafórica de dizer que “leu mais”. A metáfora *MAIS É PARA CIMA* está expressa na ênfase dos movimentos da mão direita do sinalizante na direção para cima. Ao repetir o movimento com a mão dominante o sinalizante mostra que leu mais, ‘o dobro’. A mão esquerda em repouso é a representação icônica de “livros”. O quadro a seguir sistematiza o mapeamento icônico metafórico da expressão ‘Lia o dobro’.

Quadro 6.5: *Mapeamento MAIS É PARA CIMA*

MAPEAMENTO – MAIS É PARA CIMA		
ARTICULADORES	FONTE	ALVO
Mão dominante em configuração (45) – letra V) movimentando para cima enquanto a mão esquerda permanece em repouso em configuração (52) – representação icônica do livro	Objetos sendo acrescentados (mais livros)	Quantidade de leituras, o dobro

6.3.3 FUTURO É PARA FRENTE

Na narrativa (1) manifesta essa metáfora no gesto⁴⁰ FUTURO nas expressões linguísticas ‘Com o tempo.’ e ‘Passaram a namorar.’ nos exemplos (12) e (13). A metáfora FUTURO É PARA FRENTE é expressa, por meio da variantes do sinal FUTURO utilizada pela sinalizante.

(12) ‘Com o tempo se apaixonaram’

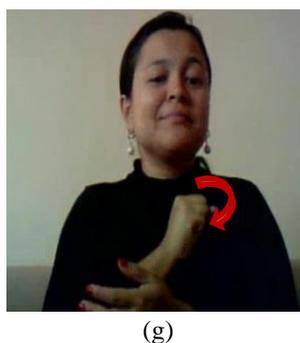
FUTURO (gesto metafórico)



FUTURO (gesto metafórico)



APAIXONAR



⁴⁰ Esse gesto é muito comum na comunidade surda de Goiânia, mas não está convencionalizado como sinal da Libras nessa comunidade. Também é muito utilizado por ouvintes para expressar algo "que está para acontecer" "que acontecerá futuramente".

Na articulação deste gesto a sinalizante usa a configuração CM (26) em ambas as mãos. O movimento (M) parte do tronco, em espaço neutro, indo na direção frontal. O movimento das mãos da sinalizante (centro dêitico) parte da sua frente e continua na direção para frente. Na Libras, assim como na língua portuguesa e demais línguas da cultura ocidental, o futuro é concebido em termos de um deslocamento espacial para frente.

A segunda manifestação da metáfora FUTURO É PARA FRENTE dá-se na expressão linguística ‘Passaram a namorar’ (13), a seguir.

(13) ‘Passaram a namorar’.

PASSAR/FUTURO (gesto metafórico)



PASSAR/FUTURO/NAMORAR



Para articular o gesto ‘futuro’⁴¹ a sinalizante dispõe ambas as mãos em configuração CM (12) e palmas da mão voltadas (OM) para o tronco (13.a-d). O gesto é articulado em espaço neutro na altura do troco. Em seguida, as mãos vão deslocando alternadamente em movimento circular na direção para a frente da sinalizante. A quantidade de movimentos das mãos da sinalizante neste exemplo é menor, e as mãos ficam mais próximas do seu corpo demonstrando que o fato se deu em um futuro próximo, conforme contexto da narrativa. Esse gesto é uma variante de futuro, muito comum nas comunidades surdas. É um gesto muito

⁴¹ Por se tratar de um gesto, optamos pela grafia em minúsculas.

usado também por usuários de línguas orais e que remete à noção de futuro, de algo que ainda irá acontecer. De acordo com o modelo de Taub (2004) temos o mapeamento para a metáfora FUTURO É PARA FRENTE, no quadro a seguir.

Quadro 6.6: *Mapeamento FUTURO É PARA FRENTE*

MAPEAMENTO – FUTURO É PARA FRENTE		
ARTICULADORES	FONTE	ALVO
Espaço à frente do sinalizante (ponto inicial).	“O presente, agora”, localização do sinalizante.	Presente
Espaço que se estende para frente do ponto inicial.	Espaço à frente do sinalizante	Futuro
Espaço que se estende para trás do sinalizante.	Espaço atrás do sinalizante	Passado
Pontos e movimentos ao longo do espaço.	Pontos específicos no espaço.	Um tempo específico (qualquer tempo)
Localização do que é sinalizado ao longo do espaço.	Localização do evento tendo como referência o sinalizante.	Ocorrência do evento em determinado tempo.
Grau de distância entre o espaço de origem (ponto inicial) e quantidade/intensidade de movimentos.	Grau de distância do sinalizante.	Quantidade de tempo (futuro remoto ou mais próximo)

Na língua portuguesa expressões linguísticas como “Temo o que vem pela frente”, mostram a conceptualização de futuro como algo que está na frente (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 2002). Nas línguas de natureza gestual, como a Libras, os sinais que representam futuro são articulados com movimentos em direção à frente do sinalizante como vimos nos exemplos (12) e (13), anteriores. Se o fato acontecerá imediatamente, o movimento é realizado próximo ao tronco do sinalizante. Quanto se trata futuro mais distante, o movimento é mais longo e as mãos do sinalizante vão se afastando do seu tronco. Esta relação também é expressa pela quantidade e intensidade de movimentos que o sinalizante executa e a expressão facial do sinalizante (TAUB, 2004). Brito (1995, p. 253) identificou que na Libras “os sinais temporais são metáforas orientacionais, que dão ao conceito temporal uma orientação espacial”. Ainda sobre esses sinais, essa autora afirma:

[o]s pontos de articulação dos sinais temporais em Libras são diferentes pontos ao longo da linha de tempo. Os sinais de tempos não dêiticos e presente são geralmente executados bem à frente do corpo do enunciador. Os sinais de futuro são geralmente posicionados em pontos situados à frente na linha do tempo; sinais de passado são posicionados ao longo da linha de tempo, atrás de uma linha vertical que passa em frente ao corpo do enunciador (BRITO 1995, p.249)

Na Libras o sinal FUTURO é articulado com a mão dominante em configuração em F (60). A mão parte da altura do queixo da sinalizante (PA) movimentando-se para a direção frontal, figura (6.4), a seguir. Os gestos nos exemplos (12) e (13) são formas icônicas de representação do conceito “futuro”.

FUTURO



Figura 6.4: Sinal FUTURO em Libras.

O gesto ‘futuro’ nos exemplos (12) e (13), o sinal dicionarizado FUTURO na figura (6.4) e a expressão da língua portuguesa “Temo o que vem pela frente.” são manifestações linguísticas da metáfora FUTURO É PARA FRENTE. Nota-se que em ambas as línguas o futuro é concebido como um deslocamento espacial para frente, ratificando o postulado de que a cultura influencia na construção de metáforas (KÖVECSES, 2005). Surdos e ouvintes no Brasil conceptualizam metaforicamente o tempo em termos de deslocamento espacial. Na metáfora FUTURO É PARA FRENTE o deslocamento espacial é no sentido para frente do sinalizante.

em um passado mais remoto. Essa variação temporal está evidenciada na expressão facial. A seguir temos o modelo de mapeamento para a metáfora PASSADO É PARA TRÁS

QUADRO 6.7: *Mapeamento PASSADO É PARA TRÁS*

MAPEAMENTO – PASSADO É PARA TRÁS		
ARTICULADORES	FONTE	ALVO
Espaço na altura do ombro do sinalizante (ponto inicial).	“O presente, agora”, localização do sinalizante.	Presente
Espaço que se estende para trás do ponto inicial.	Espaço atrás do sinalizante	Passado
Espaço que se estende para frente do sinalizante.	Espaço à frente do sinalizante	Futuro
Quantidade e intensidade dos movimentos no espaço.	Pontos específicos no espaço.	Um tempo específico (qualquer tempo)
Localização do que é sinalizado.	Localização do evento tendo como referência o sinalizante.	Ocorrência do evento em determinado tempo.
Grau de distância entre o espaço de origem (ponto inicial)	Grau de distância do sinalizante.	Quantidade de tempo (passado remoto ou mais recente)

Na narrativa (2) temos também a metáfora FUTURO É PARA TRÁS no sinal “PASSADO” no enunciado ‘Semana⁴² passada fui à UFSC⁴³’, exemplo (15), a seguir.

(15) ‘Semana passada’

PASSADO (sinal metafórico)



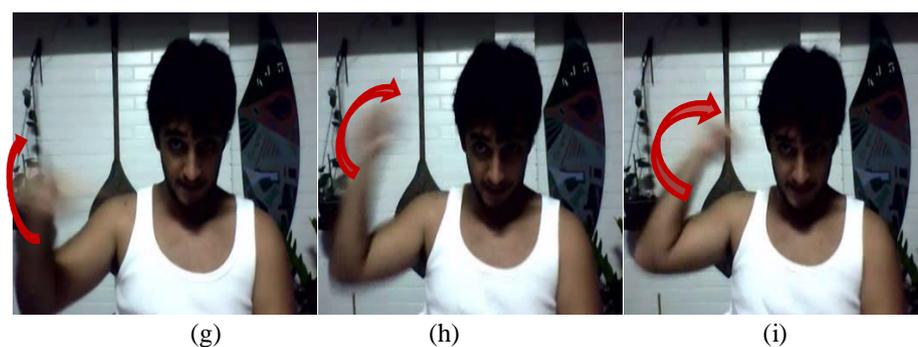
⁴² Identificou-se que o sinalizante oraliza a palavra “semana” enquanto faz o sinal de passado.

⁴³ Sigla da Universidade Federal de Santa Catarina.

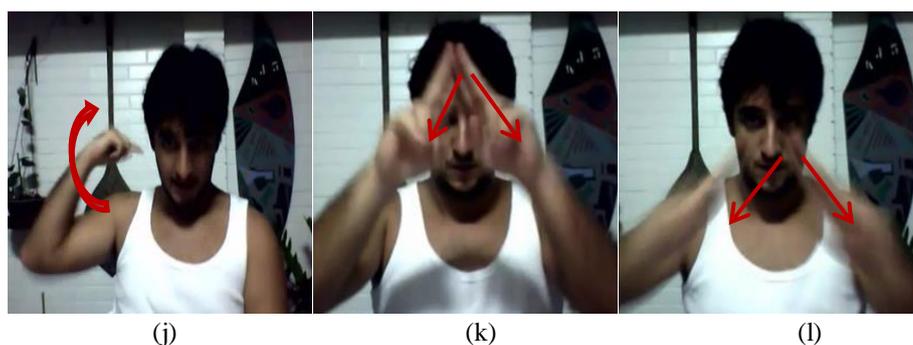
PASSADO (sinal metafórico)



PASSADO (sinal metafórico)



PASSADO (sinal metafórico)



O sinal PASSADO é articulado com a mão direita (dominante) em configuração CM (26) na frente do ombro direito (15.a-j). À medida que realiza o movimento em círculos vai deslocando a mão na direção posterior ao corpo. O movimento da mão para trás representa a conceptualização de tempo em relação a deslocamento espacial. Nesse caso é concebido como estando atrás do centro dêitico (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

A metáfora PASSADO É PARA TRÁS também foi identificada no sinal ‘ANTES/PASSADO’ no enunciado “antes eu não conhecia a escrita de sinais” (tradução livre) da narrativa (3), exemplo (15) a seguir.

(15) 'Antes eu não conhecia a escrita de sinais'

ESCRITA

ANTES/PASSADO (sinal metafórico)



(a)

(b)

(c)

ANTES/PASSADO (sinal metafórico)



(d)

(e)

(f)

ANTES/PASSADO (sinal metafórico)



(g)

(h)

(i)

Cont. ANTES/PASSADO
ANTES/PASSADO (sinal metafórico)



(j)

(k)

(l)

(16) 'A escrita de língua de sinais é importante'.

ESCRITA



(a)

IMPORTANTE (sinal metafórico)

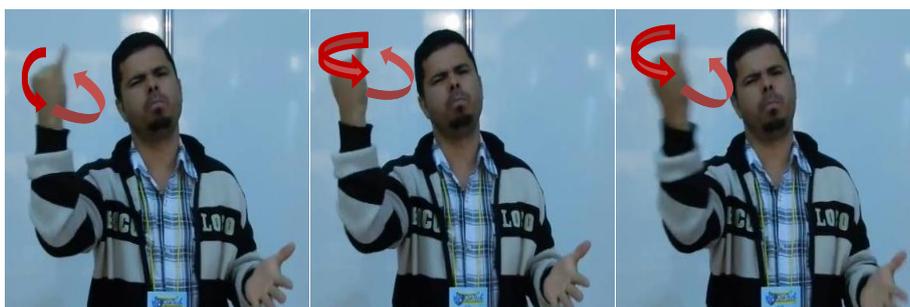


(b)

(c)

(d)

IMPORTANTE (sinal metafórico)



(e)

(f)

(g)

SINAIS



(h)

No exemplo (16) após a articulação do sinal ESCRITA (16.a) inicia-se a articulação do sinal IMPORTANTE. Este sinal é articulado com a mão dominante em configuração CM (66) e palma da mão voltada para o sinalizante. O braço fica dobrado na altura do tronco (PA) e a mão vai subindo em movimento circular para cima até ultrapassar a altura da cabeça (16.b-g). Neste temos a escala vertical para cima como domínio fonte (DF). Nessa escala, quanto mais alto o nível, mais importante e melhor será. O movimento para cima denota empoderamento, que é algo positivo. Dessa forma temos o mapeamento a seguir (quadro 6.8), seguir.

Quadro 6.8: *Mapeamento BOM É PARA CIMA*

MAPEAMENTO – BOM É PARA CIMA		
ARTICULADORES	FONTE	ALVO
Mão em configuração (38) fazendo movimentos circulares para cima.	Escala vertical para cima	Qualidade superior

6.4 Sinal duplamente metafórico

Assim como nas línguas orais, onde uma expressão linguística pode conter mais de uma metáfora, na Libras um enunciado pode expressar mais de uma metáfora. Um exemplo de duplicidade metafórica foi identificado na expressão ‘Fico imaginando o futuro’ da narrativa (2). O sinal duplamente metafórico é ‘IMAGINANDO FUTURO’ (17), a seguir.

(17) ‘Fico imaginando o futuro’.

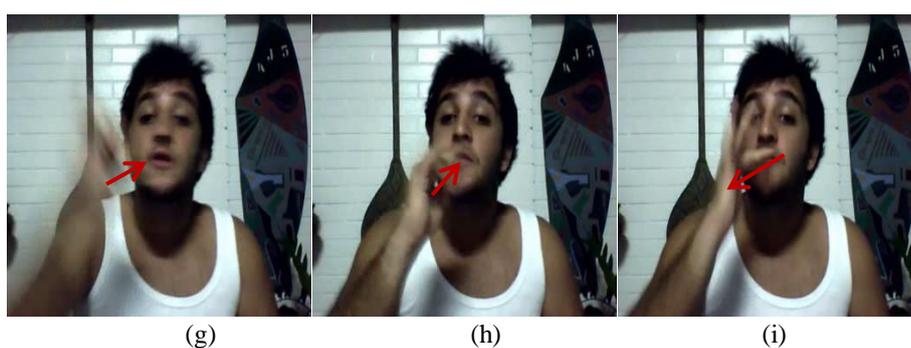
IMAGINAR (sinal metafórico)



IMAGINAR (sinal metafórico)



FUTURO (sinal metafórico)



FUTURO (sinal metafórico)



No exemplo (4) da seção (6.1.2) deste capítulo vimos que o sinal IMAGINAR expressa a metáfora do canal MENTE É RECIPIENTE. Para articular este sinal no exemplo (17) o sinalizante leva a mão em configuração CM (14) movimentando em direção à cabeça/fronte – recipiente de ideias. Logo após tocar a cabeça (PA), a mão vai tomando a configuração CM (15). Nesse processo há a mudança de movimentos de forma que a mão se afasta da cabeça (17.d-f). Os dedos se movimentam para cima e para baixo de forma alternada em (17.d). O sinalizante repete a sequência duas vezes. É como se as ideias (objetos) estivessem em movimento, fluindo do recipiente “cabeça/mente”.

Em seguida, o sinalizante articula o sinal FUTURO. Neste sinal, conforme a análise na seção (6.2) se trata das metáforas orientacionais identificadas nos dados. O tempo, (DA), é conceptualizado como algo que se desloca espacialmente, (DF). Os usuários da Libras, assim como os usuários de línguas que compõem a cultura ocidental, o conceptualizam como fatos que estão na frente da pessoa. Por isso, o movimento (M) em (17.i-l) é para frente do sinalizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar alguns aspectos da constituição e da manifestação de metáforas na Libras para os estudiosos dessa língua, profissionais que atuam na educação de surdos e comunidade linguística surda. Espera-se, sobretudo, que o processo de metaforização na Libras seja entendido e analisado como um recurso cognitivo humano que se manifesta na linguagem. A espécie humana, ao longo de sua história, se desenvolve e também transforma o meio cultural e social em que vive, e a linguagem é uma das ferramentas cognitivas que os sujeitos utilizam nas interações. Não se pode pensar sobre o desenvolvimento humano sem destacar a importância da linguagem.

O psicólogo russo Lev Vygotsky, nos anos 1930, afirmou que a linguagem é o principal instrumento de interação social e constituição do pensamento humano. Esse postulado foi ratificado anos mais tarde pelas pesquisas da Neurolinguística e da Linguística Cognitiva, as quais demonstraram que a linguagem humana não está dissociada dos demais processos cognitivos. Uma das contribuições mais significativas destes arcabouços teóricos é pensar e analisar a linguagem como processo cognitivo que influencia na forma como a utilizamos, bem como a forma como as línguas se organizam gramaticalmente. Os estudos de cunho objetivista analisavam as línguas focando estritamente os seus aspectos estruturais.

Dentro da visão objetivista o estudo sobre a metáfora é o exemplo mais evidente do distanciamento entre linguagem e cognição. Nessa visão, a metáfora era concebida apenas como “adereço” da linguagem e restrita ao uso apenas na literatura. A metáfora não era foco de pesquisa da linguística por ser considerada inadequada para os discursos científicos.

Atualmente, são inúmeras as teorias, tanto no campo da linguística como da psicologia, que tentam explicar a metáfora. Dentre estas, está a teoria da metáfora conceitual, aporte teórico que sustenta nosso trabalho e que entende a metáfora como sendo uma operação cognitiva fundamental para a linguagem. Metaforizar é muito mais do que fazer escolhas de signos linguísticos para fins ornamentais. Metaforizar é um processo resultante dos arranjos cognitivos construídos a partir dos conceitos internalizados pelos sujeitos nas suas interações com seus pares e o meio sociocultural.

A capacidade de metaforizar é inerente ao ser humano e por isso manifesta-se em todas as línguas naturais, independentemente da modalidade de produção e percepção. Partindo deste pressuposto, nossa investigação tem como objetivos identificar como se dá a construção de metáforas na Libras e quais são os tipos de metáforas mais produtivos nessa

língua. A análise das narrativas livres nos permitiu identificar algumas características da manifestação e constituição das metáforas na Libras.

A iconicidade, muito evidente nas línguas de modalidade visual, está intimamente relacionada à codificação das metáforas nessas línguas. Neste caso, os recursos internos para a construção dos sinais expressam propriedades da cognição humana acerca do modo como interagimos e concebemos o mundo. Embora os recursos formais utilizados na expressão linguística de modalidade oral-auditiva (fones) sejam de natureza bastante diversa daqueles utilizados na modalidade visual-gestual (parâmetros), a partir da interpretação dos dados das LS, é possível constatar que os processos de metaforização são os mesmos no plano cognitivo. Enquanto a iconicidade emerge da habilidade de se associarem conceitos a imagens, a metaforização é resultante da associação entre um domínio mais concreto (fonte) e um mais abstrato (alvo). Assim, tanto a iconicidade quanto a metáfora estão presentes em todas as línguas.

Dentre os tipos de metáfora propostos por Lakoff e Johnson (1980) – conceituais/estruturais, orientacionais e ontológicas, identificamos todos os tipos nos dados do *corpus* analisado. Em comunicação pessoal, a pesquisadora Faria-Nascimento afirma que as metáforas ontológicas são muito produtivas nas interações cotidianas entre surdos, que empregam a personificação ao referirem-se a outra pessoa por meio de nomes de animais, articulando, para tanto, sinais como BURRO, CACHORRO, entre outros. As metáforas orientacionais são os tipos mais produtivos identificados nos dados desta pesquisa.

A análise dos dados revelou que as metáforas se manifestam tanto no nível sintático como no nível morfológico, na Libras. A pesquisa revela ainda que os domínios fonte (DF) são geralmente expressos de forma icônica, por meio de um dos parâmetros que se destaca dentre os demais. Por exemplo, nos sinais FUTURO e PASSADO, o aspecto relevante para o contraste entre um conceito e outro é a direção do movimento – para trás, indicando o passado, e para frente, indicando o futuro, tendo o corpo do falante como centro dêitico.

Além disso, é possível observar o destaque de mais de um parâmetro na composição de outros sinais metafóricos, tais como em FELIZ e NERVOSO, onde tanto o parâmetro movimento, com a palma da mão voltada para cima, quanto os aspectos não manuais são relevantes para a constituição da expressão metafórica.

As metáforas ontológicas identificadas nos dados revelam que, na composição de sinais e expressões linguísticas relacionadas a atividades mentais e enunciativas, o parâmetro mais saliente é o ponto de articulação. Assim, os sinais ESQUECER e AVISAR, que codificam, respectivamente, atividade mental e atividade enunciativa, também apresentam

dois parâmetros mais salientes, sendo um deles o ponto de articulação e o outro, o movimento.

Comparativamente, observa-se que os conceitos ‘passado’ e ‘futuro’ (DA) são entendidos com referência a um deslocamento espacial (DF), tanto na Libras como na ASL⁴⁴. Da mesma forma, tanto em Libras quanto em ASL (TAUB, 2004), as metáforas orientacionais relacionadas a experiências positivas têm sua orientação para cima, ao passo que aquelas relacionadas a experiências negativas têm sua orientação para baixo. Os sinais FELIZ e TRISTE são exemplos de metáforas orientacionais em ambas as línguas. Nesse sentido, conforme a hipótese de Kövecses (2005) sobre universalidade e variação, alguns tipos de metáforas são compartilhados por comunidades de fala que também compartilham algumas maneiras de conceber as coisas do universo objetivo. Libras e ASL são utilizadas por usuários que concebem alguns conceitos da mesma forma, por estarem inseridos na cultura ocidental.

Kövecses (2005) argumenta ainda que, dentro de uma mesma cultura, haverá variações de manifestação linguística oriundas de interpretações divergentes acerca do universo objetivo, sendo que certas culturas enfatizam certas facetas da mesma realidade na constituição dos conceitos linguísticos, e não outras. Nos dados analisados, não houve evidências de variabilidade entre as metáforas conceituais identificadas numa e noutra língua de sinais. A análise revelou ainda que, como nas línguas orais, uma mesma metáfora pode ser codificada em diversas expressões linguísticas nas línguas de sinais. Em Libras, por exemplo, a metáfora MENTE É RECIPIENTE fundamenta a constituição dos sinais ESQUECER, IMAGINAR e PENSAR.

Responder as perguntas desta pesquisa nos permitiu confirmar que a metaforização é um recurso cognitivo muito produtivo na Libras e está estreitamente ligado aos traços icônicos das LS. Muitos dos sinais metafóricos identificados nos dados são de natureza icônico-metafórica e a articulação dos parâmetros nesses sinais expressam como os usuários da Libras conceptualizam o mundo sociocultural em que estão inseridos. A constituição e manifestação das metáforas na Libras e a relação que isso estabelece com os processos cognitivos da espécie humana são um campo riquíssimo a ser explorado pelos pesquisadores dessa língua. Os estudos descritivos da Libras contribuirão para o aprofundamento das análises acerca do processo de metaforização na Libras e nas LS, e para a formação de profissionais que atuam na educação de surdos. Esta pesquisa é, metaforicamente falando, um passo inicial nessa jornada.

⁴⁴ Este fato também já foi observado tipologicamente em várias línguas orais existentes no mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, W. T. L. de. *Cognição e surdez na educação: a língua em questão*. Revista virtual de cultura surda e diversidade. Edição nº 06/setembro de 2010 – ISSN 1982-6842. Disponível em <<http://editora-araraazul.com.br/novoeaa/revista/?p=381>>. Acessado em 25/11/2012.

BARCELONA. *Declaração universal dos direitos linguísticos*, 1996. Disponível em <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/pdfs/declaracao.pdf>>. Acessado 26/05/2013.

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em <<http://www.revel.inf.br/files/6ecf02602b4f746097e5749734cfd433.pdf>>. Acesso em 25 set. 2013.

BORODITSKY, L. *Como a linguagem modela o pensamento*. 2011. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/como_a_linguagem_modela_o_pensament_o.html>. Acesso em: 01/08/ 2012.

BRASIL. *Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 12 dez. 2012.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CLÍMACO, J. *Discursos jurídicos e pedagógicos sobre a deficiência na educação especial*. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais com orientação para a Educação) Facultad Latinoamericana de Ciencias sociales - Sede Acadêmica Argentina, 2010.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics* – Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, K. M. B. *A estrutura silábica na língua brasileira de sinais*. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIK, S. C. *The theory of grammar functional*. Part 2: Complex and derived constructions. Berlim/Nova Iorque, Mounton de Gruyter, 1997.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. 2003. 316 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2003.

_____. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira*. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2009.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *Rethinking metaphor*. In: GIBBS, R. (ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York, Cambridge University Press, 2008. p. 53-66.

_____. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. USA: Basic Book, a member of the Perseus Book Group, New York, 2002.

FELIPE, T. A. *O processo de formação de palavras na libras*. Educação Temática Digital, vol. 7, n. 2. Campinas: jun. 2006, p. 200-217.

FELTES, H. P. de M. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA-BRITO, L. F. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro, UFRJ: Tempo Brasileiro, 1995.

FILMORE, C. J. Frames semantics. In: The Linguistic Society of Korea. *Linguistics in the morning calm*. Soeul: Hanshin, 1982. P. 111 – 137.

GIBBS, R. W. *The challenge of cognitive linguistics*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

GIVÓN, Talmy. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. In: *Iconicity in syntax*, ed. J. Haiman. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

GRAZ DATABASE ON REDUPLICATION (GDR). Disponível em: <<http://reduplication.uni-graz.at/>>. Acesso em 28 de abr. 2013.

HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1979.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. 2nd printing. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana* (coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto) – Campinas, SP: Mercado de Letras/SP: EDUC, 2002.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago, the University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York, Basic Books, 1999.

LANGANCKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Volume II – descriptive application. Stanford University Press, California. 1991.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

LEMONS, A. M. *As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a Libras em discursos de políticos*. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado em linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LIDDELL, S.K. *Grammar, gesture, and meaning in american sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a.

LINCOLN, Y. S.; DENZIN, N. K. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Regina Netz; Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. Veredas. Juiz de Fora, v.1, p. 289-304, 2011.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. v. 1-6, Hartshorne and Weiss (eds.); v. 7-8, Burks (ed.)

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. de. *Língua Brasileira de Sinais IV*. Florianópolis: UFSC, 2009. (Texto base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância).

PIZZUTO, E.; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. *Dêixes, anáforas e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de sinais americana (ASL), francesa (LSF) e italiana (LIS)* In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis: Editora Arara-azul, 2008. p.140-158.

PULVERMÜLLER, F. *The neuroscience of language: on brain circuits of words and serial order*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília : MEC ; SEESP, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

ROSCH, E. *Principles of categorization*. University of California, Berkeley, 1978. Disponível em <http://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/9778_083247.pdf>. Acesso em 18 de mar. 2013.

SALAMANCA. *Declaração sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. 1994. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acessado em 20 de mai. 2013.

SALES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Vol. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004a.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Cheline; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Ed. 30ª; São Paulo: Cultrix, 2008.

SCHRÖDER, U. *A mesclagem metafórica de Fauconnier & Turner e as teorias de Karl Bühler e Wilhelm Stählin: antecipações e complementos*. Revista da ABRALIN, v.9, n.1, p. 129-154, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/60590744/A-Mesclagem-Metafrica-de-Fauconnier-Turner-e-Nas-Teorias>>. Acessado em 23/10/2012.

SERRANO, G. P. *Investigación cualitativa: Retos e interrogantes*. Madrid: Editorial La Murrala, S.A., 1998.

SILVA, L. A. da. *As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro*. 2012. 284 f. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2012.

STOKOE, W.C. *Sign language structure: an outline of the visual communication system of the american deaf*. University of Buffalo, 1960.

TALMY, L. *How language structures space*. In: *Spatial orientation: theory, research, and application*, ed. H. Peck and L. Acredolo. New York: Plenum Press, 1983.

TAUB, S R. *Language from the body: iconicity and metaphor in American sign language*. New York: Cambridge University Press, 2004.

_____. *Iconicity in American Sign Language: concrete and metaphorical application. Spatial and computation*. V.2; 2000. In: LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) -

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2008.

WILBUR, R. B. *Why syllables? What the notion means for ASL research*. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. *Theoretical issues in sign language research*. Vol. 1: Linguistics. Chicago: University of Chicago, 1990. p. 81-108.

WILCOX, P. P. *Metaphor in American Sign Language*. Program at the University of New Mexico: Albuquerque, NM, 2000.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras)*. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

ANEXOS

APÊNDICE A - Narrativa⁴⁵ 1 – Vídeo (1): Surdo contra implante coclear⁴⁶

Tudo bem com vocês?

Meu sinal é esse.

Vou contar pra vocês uma história sobre implante coclear ocorrida nos Estados Unidos.

Um amigo me contou, achei maravilhoso e vou contar pra vocês, ok?

Essa história ocorreu nos Estados Unidos e é sobre implante coclear.

Um menino nascido surdo filho de pai ouvinte foi crescendo.

A maioria da sociedade discrimina o surdo fazendo-o querer pôr o implante.

O pai, vendo isso, ficou com vontade de pôr o implante no filho.

O filho, indeciso, acabou aceitando.

Mas uma vez implantado, o filho ficou com paralisia na metade da face. O pai desnortado.

Com isso, o filho ficou bastante nervoso com o que seu pai fez.

Procurando com quem se comunicar, encontrou a faculdade Gallaudet, e viu vários surdos se comunicando, tendo uma identidade.

E o surdo ficou curioso, pois tais surdos estavam felizes e ele, bem triste.

Quis conhecer mais este grupo, até que encontrou uma surda bem bonita.

Começou a conversar com ela, dizendo estar triste, sozinho, sem alguém pra conversar e os outros tão felizes.

A surda disse para não importar, pois iria ajudá-lo a se comunicar.

E o surdo, animado, aceitou e começou a se comunicar bem, não se importando com o implante.

Com o tempo o surdo se apaixonou por ela, e passaram a namorar.

A surda quis conhecer a família do surdo. Mesmo ele tendo medo da discriminação, a surda o tranquilizou e ele aceitou.

Planejaram tudo e os dois foram até a família do surdo. Todos olharam os dois juntos.

Os familiares do surdo pensaram que a surda era ouvinte e ele explicou que era bastante feliz ao lado dela.

Os familiares do surdo ficaram meio constrangidos, mas aceitaram. Depois de um tempo, os surdos se casaram, compraram casa e tiveram um filho. Ficaram ansiosos para saber se era surdo, contudo viram que era ouvinte.

⁴⁵ A disposição das frases em todas as narrativas se dá conforme a sequência das cenas nos vídeos.

⁴⁶ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=l0h4_BIIyDY - Acessado em 22/ 11/2012.

O casal não se importou e foi mostrar a criança à família do surdo.

Os familiares do surdo ficaram felizes pela criança ser ouvinte.

O pai surdo ficou bem constrangido com a discriminação que sofria e admiração que sua família teve pelo seu filho ouvinte.

Pensou e discutiu com sua esposa se poderia fazer o filho ficar surdo e não chegaram a uma conclusão.

Não importando o filho ser ouvinte, ele foi crescendo e aprendendo língua de sinais e ficou muito bom nisso.

O pai foi conversar com o filho e contou sua história de discriminação e a família ter gostado do seu filho ser ouvinte.

O filho ficou chocado com aquilo e o pai, então, sugeriu que ficasse surdo igual seus pais.

O filho ficou pensativo, pois não poderia mais ouvir música, ver televisão e várias outras coisas.

O pai o tranquilizou, disse ter hoje várias facilidades aos surdos como legenda, telefones especiais e várias outras.

O filho, então, pediu para pensar um pouco no assunto.

O pai o deixou pensar e depois de um ano, o filho o chamou para conversar sobre o que tinha decidido.

O filho decidiu ficar surdo, o pai ficou muito feliz, mas decidiram não contar aos outros familiares.

O pai, com a ajuda do filho, ligou para vários lugares dos Estados Unidos à procura de quem faz procedimento para ficar surdo.

Não conseguiram, pois alguns lugares tinham leis para não fazer tal operação, tentaram outros países, mas novamente não conseguiram.

Tentaram então, o Brasil e conseguiram um lugar na cidade de Jundiaí, em São Paulo, perto da capital.

O pai pulou de alegria, contaram à família que iriam ao Brasil descansar e a família festejou a ida do filho com os pais para lá.

Foram primeiro ao psicólogo, conversaram bastante para o filho não se arrepender e foi feita a cirurgia.

O pai, então, esperou e ficou muito feliz vendo o filho agora surdo e decidiram voltar para os Estados Unidos.

Quando voltaram, a família festejou, pensando que o filho havia apenas descansado da viagem.

O pai então disse que o filho ficou surdo por uma cirurgia. A família não acreditou, ficou desnordeada, mas o pai tinha decidido assim. Atitude bastante corajosa da parte dele. Tchau, pessoal.

APÊNDICE B – Narrativa 2 – Vídeo (2): Sou a prova de inclusão⁴⁷

Oi lembra de mim? Meu nome é João Gabriel e meu sinal é esse. Eu vi vídeos no youtube; do Nelson Pimenta, Ronice, Priscila (de São Paulo), Antonio do qual não sei o sinal, desculpe, pois convivo mais com os ouvintes.

Vi vários vídeos sobre inclusão de surdos e ouvintes nas escolas, não importa a escolaridade. Pouco me importa esta inclusão, sabe por que? Eu sou exemplo de quem teve inclusão. Sabem o Colégio São Vicente de Paulo, famoso, perto do INES? Eu fui o primeiro surdo a entrar lá e olha, sofri, sabe como? Estudava o dobro, os professores oralizavam o dobro, o medo era o dobro, ia no fonoaudiólogo o dobro, e estudava demais, ficava focado só naquilo, era difícil. Não adiantava haver oralização, porque não entendia nada mesmo. Eu até oralizo um pouco, mesmo assim não entendia nada, entende? Sou prova, estudei 7 anos no São Vicente, fiquei cansado demais, Hoje estudo na UFRJ; Também fui o primeiro surdo a entrar, sem cotas, por vestibular, mas Sofri muito novamente, sou prova viva disso.

E quanto ao dinheiro gasto esses anos todos? Agora o MEC fala que quer implantar a inclusão, dar apoio, mas as famílias do surdos vão sofrer muito pagando fonoaudiólogos, interpretes, estudos, Não dá, eu sou exemplo disso. Eu estou feliz por ter estudado na inclusão? Não. Estou muito cansado, Fiquei feliz, não. Perdi o rumo, perdi 20 anos nisso. Só agora conheci a LIBRAS, ano passado. Fiquei muitíssimo feliz, cheguei a chorar; via surdos sinalizando, amigos

⁴⁷ <http://www.youtube.com/watch?v=wtrpwFTpOPM> – Acessado em 22/11/2012.

Do INES conversando; nunca estudei no INES, mas conheço
Alguns surdos de lá; tem também os da APAE, mas não
sabem muito. Então fiquei feliz com a LIBRAS. Semana
passada fui à UFSC, esse sinal aqui, conheci o LETRAS-LIBRAS
e os surdos de lá. A diferença é gritante. O estudo, os ouvintes,
os sinais, tudo é diferente. Fui visitar a UFSC, deixaram
entrar lá, sentei, observei e senti uma felicidade tremenda;
Silêncio, sem discriminação, há ouvintes, mas sabem LIBRAS. Lá
Na faculdade, com os ouvintes, entendem nada. Os professores
também sofrem, pois como vão ensinar o surdo o conteúdo?
Sou prova. Eu soube que o MEC quer a inclusão, mas por que
não ouviu a situação de pessoas como eu? Podem pesquisar
Sobre o Colégio São Vicente, a UFRJ e vejam o meu exemplo.
Pensem um pouco. A inclusão que o MEC quer é difícilíssima.
Há a questão do dinheiro, mas as famílias dos surdos terão
mais gastos. Conheço um surdo que faz direito e que quer ir
para o INES. E o dinheiro? O MEC vai bancar tudo isso? E os
Que querem ir para o INES?

Desculpe o corte no vídeo. Vi mais vídeos dizendo que
o INES não vai fechar. Não sei de nada. Só não quero
que feche, porque, na minha opinião, estive imaginando
como seria se o MEC quisesse implantar a inclusão no INES.
Sairia um, dois, três alunos (imaginando futuramente), mais
saídas, causadas por desistências, e depois? O que pode acontecer?
O INES pode fechar. Pode acontecer. Com tantas saídas
De alunos, pode acontecer. Isso não pode, pois conheço
vários surdos que, como eu, sofreram com a inclusão.
Porque o MEC não os pesquisou? Entenderam? Imaginem futuramente
o que acontecerá com tanta exclusão de alunos! O INES pode
fechar. Pensem um pouco. Pode acontecer. Há possibilidade
de acontecer o fechamento. Se não há dinheiro para a
Inclusão deixem o INES aberto. Entenderam? Obrigado.

APÊNDICE C – Narrativa 3⁴⁸ – Vídeo (3): Depoimentos sobre escritas de línguas de sinais⁴⁹

7 minutos e 58 segundos a 9 minutos e 28 segundos.

Olá, meu nome é Magno, este é meu sinal.

Moro na Bahia, na cidade de Vitória da Conquista. Sou professor de Libras, instrutor. Antes eu não conhecia a Escrita de Sinais

Eu usava o português escrito no meu dia a dia, e tinha muita dificuldade com o mesmo.

Muitos surdos tem dificuldade em memorizar palavras do português.

Já os ouvintes fazem uma leitura fluente sem grandes dificuldades.

Usam a língua portuguesa oral no dia a dia. E isto lhes ajuda muito.

Os surdos tem muita dificuldade com a LP. Era assim comigo e eu não conhecia a Escrita de Sinais...

Até que um dia um amigo meu me mostrou. Puxa, não entendi nada! Eu não queria aprender!

Até que eu fui a um seminário em Salvador e o Madsom Barreto estava palestrando.

E explicou como funciona a Escrita de Sinais.

Fiquei impressionado! Resolvi comprar o livro Escrita de Sinais sem mistérios e realmente vi que a Escrita de Sinais é muito boa!

Tive muitas ideias para o futuro das crianças surdas.

Literatura, livro de histórias, disciplinas escolares, etc tudo em Escrita de Sinais!

Elas terão mais liberdade! Conseguirão Aprender tudo com mais facilidade!

Você pensa que a escrita de Sinais é Insignificante?

Não! Seu valor é imenso! Assim como os ouvintes aprendem com a Leitura, os surdos também podem fazê-lo.

Ambos podem se desenvolver muito através da escrita/leitura de suas línguas!

É preciso abrir os olhos para a Escrita de Sinais e usá-la ainda mais.

Parabéns ao Madson e a Raquel Barreto pelo intenso trabalho em prol da Difusão da Escrita de Sinais no Brasil. Torço por vocês!

⁴⁸ Utilizamos apenas dois depoimentos dentre os vários contidos no vídeo.

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=XRrONhE2VEU> – Acessado em 14/07/2013. Como há depoimentos de ouvintes no vídeo, selecionamos somente os depoimentos de surdos.

14 minutos e 6 segundos a 15 minutos e 6 segundos

Olá, este é meu sinal. Meu nome é José Mauro.

Vou falar minha opinião sobre a Escrita de Sinais.

Muitos sinais que são utilizados hoje na Libras podem vir a se perder com o tempo

Isto pode acontecer porque muitos

Surdos vão envelhecendo e podem se esquecer dos sinais

Ah, mas e as filmagens?! Você acha que há tempo suficiente para filmar tudo?

É muito mais fácil escrever os sinais e ter uma coletânea

Que você pode consultar quando precisar.

A Escrita de Sinais é muito importante

Pois possibilita o registro da língua de sinais.

Assim como o registro do português é importante, também é o da Libras através da Escrita de Sinais.